Leia nesta edição

PÁGINA 02 | Editorial

A. Tema de capa

» Entrevistas
PÁGINA 05 | Machado de Assis — Notas biográficas
PÁGINA 06 | Daniel Piza: O fundador da prosa moderna brasileira
PÁGINA 08 | John Gledson: Um estilo marcado pela ironia
PÁGINA 10 | Leonardo Vieira de Almeida: *Dom Casmurro*: as duas pontas de Machado
PÁGINA 12 | Eliana Yunes: Outro pecado, oblíquo e dissimulado
PÁGINA 15 | José Raimundo Maia Neto: O ceticismo como filosofia dos personagens de Machado
PÁGINA 17 | Kátia Muricy: Machado de Assis e a articulação entre ceticismo e crítica
PÁGINA 19 | Douglas Rodrigues da Conceição: Em busca de rastros de natureza religiosa e teológica na obra de Machado de Assis
PÁGINA 21 | Alessandro Rodrigues Rocha: *Memórias póstumas* e o diálogo entre teologia e literatura
PÁGINA 24 | Mauro Rosso: Uma coletânea inédita de Machado
PÁGINA 26 | Domício Proença Filho: Machado e a relatividade do comportamento humano
PÁGINA 27 | Luiz Antonio Aguiar: "Machado elevou nosso português à condição de *scanner* da alma humana, dos nossos hábitos, costumes e desse jeito de ser brasileiro"
PÁGINA 29 | Ana Lúcia Liberato Tettamanzy: A busca de Machado de Assis pela universalidade
PÁGINA 32 | Eduardo de Assis Duarte: "O lugar da fala machadiana é o do Outro, do discurso contra-hegemônico"
PÁGINA 34 | João Cezar de Castro Rocha: Machado: falta fundamental de originalidade que se torna uma força de liberação

B. Destaques da semana

» Brasil em Foco
PÁGINA 39 | Sérgio Borja: Governo Yeda Crusius: crise pode levar ao o *impeachment*?
PÁGINA 42 | Roberto Arriada Lorea: Células-tronco embrionárias no STF. Um avanço?
PÁGINA 45 | Ives Gandra: "Sempre que o Estado manipula a vida humana, como Hitler o fez, o direito se desumaniza"

» Entrevista da Semana
PÁGINA 46 | Timothy Lenoir: Nós sempre fomos ciborgues. Isso é da natureza da sociedade humana
» Análise de Conjuntura
PÁGINA 51 | Destaques On-Line

C. IHU em Revista

» Agenda de Eventos
» IHU Repórter
PÁGINA 54| Celso Vitelli

UNISINOS

INSTITUTO HUMANITAS UNISINOS

IHU ON-LINE

Revista do Instituto Humanitas Unisinos

A.

Tema de Capa

Machado de Assis — Notas biográficas

Joaquim Maria Machado de Assis, escritor brasileiro, considerado um dos mais importantes nomes da literatura desse país, nasceu em 21 de junho de 1839, no Rio de Janeiro, e faleceu em 29 de setembro de 1908, na mesma cidade. De sua vasta obra, que inclui poesias, peças de teatro e crítica literária, destacam-se o romance e o conto. É considerado um dos criadores da crônica no país, além de ser importante tradutor. Foi também um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras e seu primeiro presidente, também chamada de Casa de Machado de Assis.

Era filho do mulato Francisco José de Assis, pintor de paredes e descendente de escravos alforriados, e de Maria Leopoldina Machado, uma portuguesa da Ilha de São Miguel. Mesmo sem ter acesso a cursos regulares na escola, empenhou-se em aprender e se tornou um dos maiores intelectuais do país, ainda muito jovem.

De origem humilde, Machado de Assis iniciou sua carreira trabalhando como aprendiz de tipógrafo na *Imprensa Oficial*, cujo diretor era o romancista Manuel Antônio de Almeida. Em 1855, aos quinze anos, estreou na literatura, com a publicação do poema "Ela" na revista *Marmota Fluminense*. Continuou colaborando intensamente nos jornais, como cronista, contista, poeta e crítico literário, tornando-se respeitado como intelectual antes mesmo de se firmar como grande romancista.

Em 1864, estréia em livro, com *Crisálidas* (poemas). Em 1869, casa-se com a portuguesa Carolina Augusta Xavier de Novais. Em 1873, ingressa no Ministério da Agricultura, Comércio e Obras Públicas, como primeiro-oficial. Posteriormente, ascenderia na carreira de servidor público, aposentando-se no cargo de diretor do Ministério da Viação e Obras Públicas.

Podendo dedicar-se com mais comodidade à carreira literária, escreveu uma série de livros de caráter romântico. É a chamada primeira fase de sua carreira, marcada pelas obras: *Ressurreição* (1872), *A mão e a luva* (1874), *Helena* (1876), e *Iaiá Garcia* (1878), além das coletâneas de contos *Contos fluminenses* (1870), *Histórias da meia noite* (1873), das coletâneas de poesias *Crisálidas* (1864), *Falenas* (1870), *Americanas* (1875), e das peças *Os deuses de casaca* (1866), *O protocolo* (1863), *Queda que as mulheres têm para os tolos* (1864) e *Quase ministro* (1864).

Em 1881, abandona, definitivamente, o romantismo da primeira fase de sua obra e publica *Memórias póstumas de Brás Cubas*, que marca o início do realismo no Brasil. Tanto esta como as demais obras de sua segunda fase vão muito além dos limites do realismo, apesar de serem normalmente classificados nessa escola. Suas obras têm como características a introspecção, o humor e o pessimismo com relação à essência do homem e seu relacionamento com o mundo. Da segunda fase, são obras principais: *Memórias póstumas de Brás Cubas* (1881), *Quincas Borba* (1892), *Dom Casmurro* (1900), *Esaú e Jacó* (livro) (1904), *Memorial de Aires* (1908), além das coletâneas de contos *Papéis avulsos* (1882), *Várias histórias* (1896), *Páginas recolhidas* (1906) e *Relíquias da casa velha* (1906).

Baú da IHU On-Line

>> Confira outras edições sobre literatura no sítio do IHU (www.unisinos.br/ihu).

João Simões Lopes Neto: força da literatura brasileira e latino-americana. Edição 173, de 01-09-2003;
Sertão é do tamanho do mundo. 50 anos da obra de João Guimarães Rosa. Edição 02-05-2006;
Jorge Luis Borges. A virtude da ironia na sala de espera do mistério. Edição 193, de 28-08-2006;
Fiódor Dostoiévski: pelos subterrâneos do ser humano. Edição 195, de 11-09-2006;
Cem anos de solidão. Realidade, fantasia e atualidade: os 40 anos da obra de Gabriel García Márquez. Edição 221, de 28-05-2007;
Clarice Lispector. Uma pomba na busca eterna pelo ninho. Edição 228, de 16-07-2007;
Carlos Drummond de Andrade: o poeta e escritor que detinha o sentimento do mundo. Edição 232, de 20-08-2007;
O belo e o verdadeiro. A tensa e mútua relação entre literatura e teologia. Edição 251, de 17-03-2008.

O fundador da prosa moderna brasileira

Um dos biógrafos de Machado de Assis, Daniel Piza constata: "Machado era profundamente brasileiro"

Por André Dick e Graziela Wolfart

Ao falar sobre a figura contraditória e complexa de Machado de Assis, "como a de todo grande indivíduo", o jornalista Daniel Piza, em entrevista por e-mail à **IHU On-Line**, afirma que "ele era um homem reservado, mas não recluso; pessimista, mas não mal humorado; ambicioso, mas não cínico. Eis o fascínio do personagem". Piza estudou Direito na USP e começou sua carreira como jornalista no jornal *O Estado de S. Paulo* em 1991, onde foi repórter do Caderno 2 e editor-assistente do *Cultura*. Trabalhou, em seguida, na *Folha de S. Paulo*, de 1992 a 1995, como redator, repórter e editor-assistente da *Ilustrada*, cobrindo especialmente as áreas de livros e artes plásticas. Foi editor e colunista do caderno Fim de Semana da *Gazeta Mercantil* de 1995 a 2000, quando retornou ao *Estado de S. Paulo* como editor-executivo e colunista cultural. Colabora com a revista *Continente Multicultural*, entre outras, e é comentarista do canal *Globo News* e da rádio *CBN*. Traduziu oito livros, de autores como Herman Melville e Henry James, e organizou seis outros, nas áreas de jornalismo cultural e literatura brasileira. Publicou quatorze obras: quatro coletâneas, um romance juvenil, um infantil, dois perfis, cinco ensaios e a biografia de Machado de Assis, intitulada *Machado de Assis — Um gênio brasileiro* (São Paulo: Imprensa Oficial, 2005). Seu site é www.danielpiza.com.br.

IHU On-Line - No seu livro *Machado de Assis — Um gênio brasileiro*, você utiliza o conceito de "gênio", ligado ao romantismo. É possível separar Machado de suas influências da literatura francesa, por exemplo, e torná-lo um autor independente de uma tradição que o antecede? Que elementos, na sua opinião, tornam Machado um "gênio"?

Daniel Piza - Não uso o termo num sentido romântico. Digo com todas as letras que gênio não é um tipo de pessoa, mas o autor de uma obra de gênio. É a obra que é genial, por suas complexidades e sutilezas que transcendem sua época. Veja como Machado está sendo celebrado e, mais importante, relido neste centenário de morte. Ele não teve apenas influências francesas, teve as britânicas (Shakespeare[1], Sterne[2]) e alemãs (Schopenhauer[3]), para não falar das brasileiras (José de Alencar[4]), de Cervantes[5] e de Leopardi[6]. O que fez foi retrabalhar essas influências até produzir um estilo original, que vai além de uma combinação delas. E funda a prosa moderna brasileira.

IHU On-Line - Sabemos que você lê

1 **William Shakespeare** (1564-1616): dramaturgo inglês. Considerado por muitos como o mais importante dos escritores de língua inglesa de todos os tempos. Como dramaturgo, escreveu não só algumas das mais marcantes tragédias da cultura ocidental, mas também algumas comédias, 154 sonetos e vários poemas de maior dimensão. (Nota da **IHU On-Line**)

2 **Laurence Sterne** (1713-1768): foi um escritor irlandês. Sua principal obra, *A vida e as opiniões do cavalheiro Tristram Shandy* (São Paulo: Companhia das Letras. 1998), teve forte influência na carreira de Machado de Assis. (Nota da **IHU On-Line**)

3 **Arthur Schopenhauer** (1788-1860): filósofo alemão. Sua obra principal é *O mundo como vontade e representação*, embora o seu livro *Parerga e Paraliponema* (1815) seja o mais conhecido. Friedrich Nietzsche foi grandemente influenciado por Schopenhauer, que introduziu o budismo e a filosofia indiana na metafísica alemã. Schopenhauer, entretanto, ficou conhecido por seu pessimismo e entendia o budismo como uma confirmação dessa visão. (Nota da **IHU On-Line**)

4 **José Martiniano de Alencar** (1829-1877): foi um jornalista, político, orador, romancista, crítico, cronista, polemista e dramaturgo brasileiro, nascido no Ceará. formou-se em Direito, iniciando-se na atividade literária através dos jornais Correio Mercantil e Diário do Rio de Janeiro. É o grande nome da prosa romântica brasileira, tendo escrito obras representativas para todos os tipos de ficção românticos. (Nota da **IHU On-Line**)

5 **Miguel de Cervantes e Saavedra** (1547-1616): escritor espanhol, autor de *Don Quixote de La Mancha*. (Nota da **IHU On-Line**)

6 **Giacomo Leopardi** (1789-1837): foi um poeta italiano, nascido em Recanati, na Itália. É um dos maiores poetas da lírica italiana. A sua obra revela muito pessimismo, melancolia e ceticismo. (Nota da **IHU On-Line**)

Machado de Assis desde os 14 anos. Poderia contar a partir de que livros e elementos você começou a compor sua biografia do escritor? Teve influência direta de alguma biografia anteriormente escrita ou de análises críticas sobre o escritor?

Daniel Piza - Gosto muito do livro de Raymundo Faoro[7] sobre Machado, *A pirâmide e o trapézio*,[8] primeiro a ver nele uma reflexão sobre a política e a sociedade de seu tempo. E a biografia mais exaustivamente pesquisada é, obviamente, a de Raimundo Magalhães Jr.[9] Mas ela é antiquada, pois perde tempo demais em detalhes e não se concentra no que é mais importante, criando a imagem de um Machado alienado, um esteta pairando acima de sua época. Minha intenção foi mergulhar Machado mais fundo em sua cidade e país e, tal como uma bola na piscina, soltá-lo para que saltasse mais alto ainda. Combati os mitos sobre sua vida, como o de que teria sido um sujeito sempre melancólico e insociável; reforcei sua aversão à religião; e ataquei a atribuição de pensamentos dos personagens a ele, autor. Nunca ninguém havia feito a interpretação da frase final ("Não tive filhos, não transmiti a nenhuma criatura o legado da nossa miséria") de *Brás Cubas* como eu fiz.

IHU On-Line - Pode comentar sobre a transição de Machado de uma prosa mais simples para uma prosa mais complexa, mais trabalhada? Acredita que isto esteja ligado ao fato de ele ter ficado doente e de sua retirada para Nova Friburgo?[10]

Daniel Piza - A prosa dele sempre foi muito trabalhada, elaborada. O que acontece depois da internação em Friburgo é que ele solta o humor e a imaginação de uma forma como não havia feito até então. *Brás Cubas* é um livro muito engraçado e nada convencional. Machado abandonou o moralismo e o esquematismo de seus primeiros romances e partiu para uma literatura mais livre na linguagem e mais rica nos temas.

> **"*Brás Cubas* é um livro muito engraçado e nada convencional. Machado abandonou o moralismo e o esquematismo de seus primeiros romances e partiu para uma literatura mais livre na linguagem e mais rica nos temas"**

IHU On-Line - Há muitos elementos na obra de Machado explicados a partir de dados autobiográficos. Como, a seu ver, a composição de personagens que fazem parte do imaginário brasileiro, como Brás Cubas e Quincas Borba, carregariam traços da pessoa de Machado de Assis, em seus posicionamentos? Ele era um intérprete da sociedade, ou seja, do comportamento humano, de sua época?

Daniel Piza - Os homens de Machado são todos fáceis de iludir e terminam desiludidos. Machado quis ser um poeta romântico e não foi. Além disso, a questão da paternidade é forte em todos os seus livros. O equívoco é ir além desses paralelos e confundir o autor com seus personagens. Machado não era rico como eles, muito menos dado a delírios de grandeza. O mais importante em sua vida é perceber que ela permitiu que ele observasse todas as classes sociais de sua época numa cidade em rápida transformação. A correspondência entre vida e obra deve ser mais sutil, menos grosseira.

IHU On-Line - Como se unem o Machado tímido da intimidade, descrito por você na biografia, com o Machado do universo público, em contato com as pessoas, sobretudo com escritores de seu período, com todos seus paradoxos?

Daniel Piza - Eles se unem em sua figura, contraditória e complexa como a de todo grande indivíduo. Ele era um homem reservado, mas não recluso; pessimista, mas não mal-humorado; ambicioso, mas não cínico. Eis o fascínio do personagem. Ele jamais seria capaz de fazer como Joaquim Nabuco[11] e subir ao palco para discursar em defesa do abolicionismo, mas participou da sociedade abolicionista e escreveu algumas páginas memoráveis sobre a questão. Não é preciso ser um extrovertido para ser um participante.

IHU On-Line - Você concordaria com a afirmação de José Guilherme Merquior,[12] no ensaio "Gênero e estilo das Memórias póstumas de Brás Cubas", de que, por um lado, ele não "aderiu a nenhum dos credos cientificistas do seu tempo", mas, por outro, impregnou-se do pensamento de Schopenhauer, para o qual o "Universo é vontade, cega, obscura e irracional vontade de viver" e a partir do qual, segundo Merquior, Machado teria fundado seu humanitismo?

Daniel Piza - Veja aí o problema. Machado não fundou o Humanitismo, quem o fundou foi Quincas Borba. Ele é inspirado em Leibniz,[13] em seu conceito de

7 **Raymundo Faoro** (1925-2003): foi um escritor, advogado, cientista político e historiador brasileiro, nascido no Rio de Janeiro. Foi membro da Academia Brasileira de Letras e presidente da Ordem dos Advogados do Brasil de 1977 a 1979. Raymundo Faoro é autor de *Os donos do poder* (São Paulo: Globo. 2001), obra que aponta o período colonial brasileiro como a origem da corrupção e burocracia no país, colonizado por Portugal, então um Estado absolutista. (Nota da **IHU On-Line**)

8 FAORO, Raymundo. *Machado de Assis: a pirâmide e o trapézio* (São Paulo: Globo, 2001). (Nota da **IHU On-Line**)

9 **Raimundo Magalhães Jr**.: romancista, poeta, cronista, historiador, teatrólogo, pesquisador, folclorista, membro da Academia Brasileira de Letras (1956), condecorado várias vezes, recebeu vários prêmios. São de sua autoria, na área de Folclore, *Dicionário de provérbios e curiosidades* (1960) e *Dicionário brasileiro de provérbios, locuções e ditos curiosos* (1974). (Nota da **IHU On-Line**)

10 Machado de Assis foi para Nova Friburgo entre 1878 e 1879. (Nota da **IHU On-Line**)

11 **Joaquim Nabuco** (1849-1910): foi um político, diplomata, historiador, jurista e jornalista brasileiro. Foi um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras.(Nota da **IHU On-Line**)

12 **José Guilherme Merquior** (1941-1991): crítico literário brasileiro, autor de, entre outros livros, *A astúcia da mimese* e *Verso universo em Drummond*. (Nota da **IHU On-Line**)

13 **Leibniz** (1646-1716): filósofo, cientista, matemático e diplomata alemão. (Nota da **IHU On-Line**)

"Ele era um homem reservado, mas não recluso; pessimista, mas não mal-humorado; ambicioso, mas não cínico"

"mônada", criticado por Voltaire,[14] um dos ídolos de Machado. Machado tinha um pessimismo parecido com o de Schopenhauer, sim, mas é sempre bom lembrar que Schopenhauer dizia que "são as pessoas que gostariam de ouvir que Deus nosso Senhor fez tudo da melhor maneira possível". Machado assinaria embaixo. Quanto ao cientificismo, ele o criticou justamente por converter a ciência numa nova espécie de religião, pronta a salvar a humanidade de todos os males.

IHU On-Line - Há um texto referencial, "Instinto de nacionalidade", em que Machado trabalha, mesmo que apontando traços negativos, com o conceito de nacionalismo da literatura. Ao mesmo tempo, apontam em Machado uma ausência da cor local. Alguém poderia pensar que ele imaginava numa literatura independente de outras?

Daniel Piza - Em "Instinto de Nacionalidade", Machado não defende o nacionalismo, a "cor local". Defende que a independência da literatura brasileira se daria justamente em fugir à polarização entre o nacionalismo da "cor local" e a imitação das modas européias. Por isso, cita Shakespeare, que escreveu sobre eventos na Itália ou na Dinamarca e nem por isso deixou de ser inglês, de ter um "certo sentimento íntimo" que o associava a seu país. Machado era profundamente brasileiro, não só porque escreveu sobre seu lugar e sua época, mas também porque o fez com esse mesmo indefinível "sentimento íntimo".

14 **Voltaire** (1694-1778): foi um poeta, ensaísta, dramaturgo, filósofo e historiador iluminista francês. (Nota da **IHU On-Line**)

Um estilo marcado pela ironia

Para John Gledson, o nacionalismo machadiano é, ao mesmo tempo, profundo e relativo, pois ele vê todas as pragas brasileiras e o profundo efeito que tinham e têm sobre o país, mas sentia uma profunda ligação com ele, com as suas próprias raízes

Por André Dick e Graziela Wolfart

"Todo mundo concorda que Machado é um poeta razoável, às vezes interessante, às vezes até comovente. E se disséssemos que o verdadeiro talento dele na poesia é — como na prosa — a ironia, a sátira?", provoca o pesquisador britânico John Gledson, em entrevista por e-mail para a **IHU On-Line**. E ele explica sua posição: "Para começar, leiam as crônicas da *Gazeta de Holanda*, de 1886 a 1888. Em seguida leiam uma pequena maravilha cômica, 'Antes da missa', de 1878. E por aí vai. Machado era grande admirador dos poetas satíricos portugueses do século XVIII", cita, na tentativa de apontar uma possível influência.

John Gledson é docente no Departamento de Estudos Hispânicos da Universidade de Liverpool, Inglaterra. Especialista em Machado de Assis e Carlos Drummond de Andrade, Gledson é graduado em inglês, pela Loretto School, e mestre em Literatura Hispânica, pela Universidade de St. Andrews, ambas instituições na Escócia. Cursou também mestrado e doutorado em Literatura Comparada pela Universidade de Princeton, nos Estados Unidos. É autor de, entre outros, P*oesia e poética de Carlos Drummond de Andrade* (São Paulo: Duas Cidades, 1981), *Machado de Assis: ficção e História* (Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986), *Machado de Assis: impostura e realismo* (São Paulo: Companhia das Letras, 1990) e *Por um novo Machado de Assis* (São Paulo: Companhia das Letras, 2006).

IHU On-Line - Que elementos o senhor destacaria no estilo narrativo adotado por Machado em romances e contos? Esse estilo é plenamente adaptado às suas crônicas, ou o autor se difere claramente em cada gênero que escreve?

John Gledson - Sobretudo, destacaria o óbvio, que nem sempre é tão óbvio, a ironia. Uma ironia de um certo tipo difícil de definir, mas que eu diria que se distingue sobretudo pela sua abrangência, invade o estilo machadiano desde um certo momento da sua carreira (o fim dos anos 1870). Demonstraria essa abrangência pelo fato de que muitas obras já estão calcadas numa ironia total – isto é, desde o começo, às vezes incluído o próprio título (veja *Dom Casmurro*), nada escapa. Um aspecto curioso disso é ver como ele sistematicamente elimina coisas preliminares ou marginais que poderiam dar a dica ao leitor (uma passagem introdutória de "Na arca", por exemplo, ou uma epígrafe de *Memórias póstumas de Brás Cubas*). A outra coisa está noutro nível, em certas maneiras de falar, que podem até parecer abusar do leitor, que dizem o completo, o absoluto oposto do que o autor pensa. Por exemplo: "O que me encanta na humanidade é a perfeição".

IHU On-Line - Ultimamente, Machado vem sendo recuperado como poeta, inclusive com o relançamento de toda sua obra em verso. Haveria qualidade na

poesia dele capaz de se equivaler à sua prosa, sendo o senhor um especialista também em Drummond?

John Gledson - Tenho uma opinião um pouco heterodoxa e arriscada, mas que eu acho faz sentido, até é um pouco óbvia quando pensamos. Todo mundo concorda (muitas vezes acontece isto, uma opinião generalizada e até petrificada, como nos mostrou João Roberto Faria acerca do teatro, onde todo mundo repete uma frase de Quintino Bocaiúva, que disse que era um teatro para ser lido e não representado) que Machado é um poeta razoável, às vezes interessante, às vezes até comovente (o soneto a Carolina, novamente todo mundo diz...). E se disséssemos que o verdadeiro talento dele na poesia é — como na prosa — a ironia, a sátira? Para começar, leiam as crônicas da *Gazeta de Holanda*, de 1886 a 1888. Em seguida leiam uma pequena maravilha cômica, "Antes da missa", de 1878. E por aí vai. Machado era grande admirador dos poetas satíricos portugueses do século XVIII: Bocage,[1] Tolentino,[2] O Hissope.

IHU On-Line - Cabe ainda a divisão, na obra de Machado, entre as fases romântica e realista, ou ela é necessária apenas para os estudiosos de literatura?

John Gledson - Claro que cabe, na condição de que os próprios termos não sejam tomados muito a sério. Notem que romântico e realista não são opostos, apenas não se definem nos mesmos termos. O que há, e isso sim existe, é uma mudança mais ou menos súbita no fim da década de 1870, que é a mesma que tentei definir quando falei de ironia. De "Na arca" e *Brás Cubas* em diante, sente-se, sim, que Machado está lidando com a realidade – com ironia, senão não podia lidar com ela de jeito nenhum, daí os vários tipos de narração presentes nos romances pós-1880, nenhum dos quais é tradicional. Veja que já relativizei a palavra "realismo" — admirador que Machado foi, de Balzac,[3] de Flaubert,[4] de Stendhal,[5] de Mérimée, de Dickens,[6] é diferente deles. Se é útil definir a obra anterior a 1880 como romântica, não sei, sinceramente. É e não é.

IHU On-Line - O senhor já afirmou que Machado, em suas crônicas, tem um gosto dissimulado, mas excepcional, pela história. É possível estabelecer vínculos diretos entre suas obras — contos, peças de teatro, romances, crônicas — e a história do Brasil? Em que livros ou crônicas isso, a seu ver, se destacaria?

John Gledson - Tentei demonstrar nos casos dos romances e de alguns contos que essas relações existem, em meus três livros sobre Machado, *Machado de Assis: ficção e história*, *Machado de Assis: impostura e realismo*, e, por último, *Por um novo Machado de Assis*, onde há dois ensaios sobre os contos que vão nesse sentido, e dois ou três sobre as crônicas. As relações com a história diferem, é óbvio, segundo o gênero. Quando uma das revistas em que escrevia crônica cada duas semanas passou a ser mensal, disse que "um fato de trinta dias pertence à história, não à crônica." O interesse na história cresceu ao longo da sua carreira, e chega a um ápice em "Bons Dias!" e "A Semana", pelo menos nos primeiros dois, que editei. Não esmorece também no fim — veja *Memorial de Aires*, uma denúncia (oculta) da irresponsabilidade das classes superiores, tanto quanto *Memórias póstumas de Brás Cubas*.

IHU On-Line - Qual é a importância, na sua visão, de um texto como "Instinto de nacionalidade", sobretudo numa época em que a idéia de nacionalismo está cada vez mais presente em diversas culturas?

John Gledson - Diria que o nacionalismo machadiano, nesse textos e noutros lugares, é ao mesmo tempo profundo e relativo. Quero dizer, ele vê todas as pragas brasileiras e o profundo efeito que tinham e têm sobre o país — sabe que não basta queimar alguns documentos, ou passar uma lei, para eliminar a escravidão do país. Ao mesmo tempo, ele é brasileiro, situa a esmagadora maioria dos seus escritos no Brasil (com importantes exceções, como muitos contos de *Papéis avulsos*), porque só pode ver a humanidade através desse prisma, e, evidentemente, amava o seu país, sentia uma profunda ligação com ele, com as suas próprias raízes. Tinha algumas idéias interessantes e heterodoxas sobre o Brasil; Numa das suas últimas cartas, por exemplo, diz que um grande problema do país é seu tamanho, que outros (como Afonso Celso, em *Porque me ufano do meu país*) vêem como vantagem.

IHU On-Line - E, ainda, Machado é muito lido em língua inglesa?

John Gledson - Seria hipocrisia dizer que Machado é muito lido pelo menos na Inglaterra — a única prova que posso dar é a quase ausência dele das livrarias, mesmo as melhores. Nos Estados Unidos, pode ser que a situação seja um pouco melhor, mas, se for, é um fenômeno recente, porque num excelente ensaio de uns dez anos atrás, Daphne Patai diz que os livros não vendiam. Agora vai sair uma nova antologia dos contos, que eu traduzi, sob o título de *A chapter of hats*, pela Bloomsbury, uma excelente editora. Tomara que mude um pouco esta situação lamentável.

"Seria hipocrisia dizer que Machado é muito lido pelo menos na Inglaterra — a única prova que posso dar é a quase ausência dele das livrarias, mesmo as melhores"

1 **Manuel Maria de Barbosa l'Hedois du Bocage** (1765-1805): poeta português e, possivelmente, o maior representante do arcadismo lusitano. Embora ícone deste movimento literário, é uma figura inserida num período de transição do estilo clássico para o estilo romântico que terá forte presença na literatura portuguesa do século XIX. (Nota da **IHU On-Line**)

3 **Honoré de Balzac** (1799-1850): dramaturgo francês, autor do conjunto de romances como *Comédia humana*. Representante da transição na passagem do romantismo para o realismo, ele mistura aspectos das duas tendências. (Nota da **IHU On-Line**)

4 **Gustave Flaubert** (1821-1880): escritor francês, autor de *Madame Bovary*, escrito em 1844, romance realista no qual critica os valores românticos e burgueses da época. (Nota da ***IHU On-Line***)

5 **Stendhal** (1783-1842): foi um escritor francês. (Nota da **IHU On-Line**)

6 **Charles Dickens** (1812-1870): foi o mais popular dos romancistas ingleses da era vitoriana. (Nota da **IHU On-Line**)

Dom Casmurro: as duas pontas de Machado

Por Leonardo Vieira de Almeida

Leonardo Vieira de Almeida é mestre em Literatura Brasileira, pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), e doutorando em Estudos de Literatura Brasileira na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). É autor do livro de contos *Os que estão aí* (Rio de Janeiro: Ibis Libris, 2002) e de contos publicados em suplementos literários de diversos jornais e em sites de literatura. No texto a seguir, escrito especialmente para a **IHU On-Line**, Leonardo faz um passeio pelo romance *Dom Casmurro*, aproximando a empreitada de Bentinho em "atar as duas pontas da vida", ao processo de criação literária de seu próprio autor, Machado de Assis.

Não se recupera a vida com a simples restauração de um lugar, pois, se o exterior acena com as lembranças, são estas apenas que ficam, enquanto a experiência é só uma lacuna, que desapareceu. Assim reflete Bentinho, o casmurro Dom em sua casa no Engenho Novo. Quis, copiando em tudo o antigo lar na Rua de Matacavalos, "atar as duas pontas da vida", e restaurar na velhice a adolescência. Tarefa que parece fadada ao insucesso. Recolhida a umas poucas distrações, a consciência de Bento Santiago começa a refletir que os anos de inocência e encanto terminaram por ruir, e o que restou é uma outra vida, como ele diz, diferente, mas não pior: vida sem ilusões?

Uma vida monótona, por certo, a qual o levou a pensar em escrever uma História dos subúrbios, para matar o tédio. Então é que os bustos na sua casa no Engenho Novo começam a instigá-lo a rememorar os tempos idos. Se a vida de Bentinho tornou-se um museu de ruínas, é hora de espanar a poeira dos dias fatigados. Pondo-se a deitar no papel a história de sua vida, Dom Casmurro tenta preencher esta lacuna que se formou em seu espírito. Escrevendo, pode atar, de fato, as duas pontas: vive de novo, ao escrever.

Em verdade, a adolescência de Bentinho se dividiu entre os afetos maternos, a amizade com o agregado José Dias, tio Cosme e prima Justina, o amor por Capitolina e o protesto contra a mãe, de torná-lo padre. Uma juventude tão luminosa, que não foi sem motivos que procurou reconquistá-la, mandando construir a mesma casa dos seus primeiros anos, agora na velhice. Poderia, como ele mesmo chegou a refletir muito tempo depois, ter ido morar novamente na antiga casa de Matacavalos. Mas, após a morte da mãe, indo um dia revisitar o local, percebeu que a casa o desconhecia. Nem pensamentos seus restavam mais daqueles anos: "Corri os olhos pelo ar, buscando algum pensamento que ali deixasse, e não achei nenhum. Ao contrário, a ramagem começou a sussurrar alguma coisa que não entendi logo, e parece que era a cantiga das manhãs novas. Ao pé dessa música sonora a jovial, ouvi também o grunhir dos porcos, espécie de troça concentrada e filosófica".

Ao querer se insinuar em meio à indiferença de sua velha morada, a "cantiga das manhãs novas", como bom anúncio do passado, se depara com um grunhir de porcos que faz pilhéria filosófica da "música sonora e jovial". Parece que se mostram aqui as duas pontas as quais Bentinho pretendia unir: a da adolescência, época em que ainda nutria fé na natureza humana; e a da maturidade, estágio onde se desenvolve a lucidez desdenhosa, acentuada pelo rigor filosófico.

Essa atitude não se reservou apenas ao descrente Bentinho, mas também Machado, o autor deste outro autor, chegou a um determinado ponto em que, revisitando a casa de seus antigos escritos, deve ter se deparado com aquele "grunhir de porcos filosófico", ruído sem entusiasmo. Como afirma Lúcia Miguel Pereira, no prefácio à novela *Casa velha*, publicada na revista de modas *Estação*, entre janeiro de 1885 e fevereiro de 1886, foi ao se tornar um analista despido dos preconceitos românticos e das ilusões da mocidade que Machado de Assis pôde construir, a partir dos quarenta anos, seus melhores romances. A crítica salienta que o próprio escritor, ao ser perguntado por Mário de Alencar por que, depois de escrever Helena, tão cheio de piedade, pudera criar *Memórias póstumas de Brás Cubas*, respondeu-lhe que só o conseguira por ter perdido qualquer ilusão a respeito

dos homens. Se de fato os motivos que o levaram a tão abrupta mudança são esses, resta também duvidar se não houve outros, tão dúbios como a traição de Capitolina. Há críticos, como Eugênio Gomes, para quem a ruptura radical, após Iaiá Garcia, se explica por uma resposta mais aguda às influências de suas leituras de escritores ingleses, particularmente Shakespeare e Swift.

O espelho da ficção recria aquele que se contempla por trás dos disfarces do trabalho artístico, da transformação pelas leituras. A arte não imita a vida, antes parece roê-la, qual um verme, até que a mesma reste em palavras. O verme da dúvida roeu o livro da adolescência de Bento Santiago, roeu-lhe a batina de sacerdote, roeu-lhe o amor por Capitu. Se era um embrião de verme, pois, na juventude, Dom Casmurro já apresentava aquela propensão para tudo analisar, com o tempo tornou-se gordo, riu-se, não das carnes do personagem, mas de sua consciência. Talvez Bentinho, se houvesse escrito uma dedicatória ao seu livro, teria deixado-a a este verme que roeu as primeiras e últimas carnes de seu pensamento.

Se uma das artes de Machado é o uso exaustivo das citações literárias em seus livros, vê-se que Bentinho não deixou de ser um homem em tudo livresco. Ao criar um autor para o seu romance, Machado de Assis embebeu a vida de Dom Casmurro das mais diversas leituras. Já na adolescência, Bentinho havia tentado escrever um soneto, que acabou inconcluso. Entre o primeiro e o último verso, páginas em branco: "Oh! Flor do céu! oh! flor cândida e pura!/ Perde-se a vida, ganha-se a batalha!", escreve de início. Ambos seriam versos eivados de um pensamento positivo em relação à existência: a vitória por meio de um gesto nobre. Porém, logo depois, muda o último verso para: "Ganha-se a vida, perde-se a batalha!". Ganha-se, enfim, o acento irônico. Este esboço de soneto parece representar a própria vida do personagem: atando as duas pontas, tem a intuição de que, por qualquer forma que se ganhe a vida, a batalha está de antemão perdida. Não há prêmios nem emplastros milagrosos, ou fortunas do acaso que rendam para sempre. Entre a ilusão da mocidade e a consciência amarga da velhice, cabem as páginas de um livro a ser escrito, seu início e fim.

"O espelho da ficção recria aquele que se contempla por trás dos disfarces do trabalho artístico, da transformação pelas leituras"

Qual consolo recebeu Bento Santiago desta batalha perdida? No gabinete da casa no Engenho Novo ele reflete sobre uma polêmica ocorrida há anos, antes que fosse para o seminário, uma disputa de opiniões com relação à guerra da Criméia. Seu adversário de prédica, o amigo e vizinho Manduca, que aguardava no leito a vitória do maior inimigo, a lepra. Dom Casmurro ficou ao lado dos russos, Manduca dos aliados. O amigo não chegou a saber qual das frentes venceu a guerra, a doença venceu-o antes. Bentinho faz uma liquidação de sua vida, e pensa que, apesar de todos os pecados, sobrou-lhe a lembrança de ter servido de consolo a alguém que, mesmo enfermo, lutava por uma idéia. Daí que a natureza divina se diverte onde há maior contraste, pois aos mais aflitos ainda acena com uma flor, mesmo prestes a murchar, é o que acaba por concluir.

A juventude de Bentinho leva mais de dois terços do livro para murchar, as poucas cinqüenta páginas finais tratam de podar-lhe as últimas ilusões. Ele mesmo confessa que não foi outra coisa, senão a "inexperiência", que o levou a avançar tanto, ao correr da pena, deixando o melhor da narração ainda por dizer. "Inexperiência" ou, talvez, a necessidade de reviver por mais tempo as emoções de seus dezessete anos, emoções ainda não atingidas de todo pela análise crua, reservando aos capítulos finais o rápido crescimento daquele gérmen da vaidade: "um princípio da corrupção", como ele diz.

"Venceu a razão", conclui. Não a razão que move o homem contra o meio, a qual o impele a superar a sociedade que o sufoca, lutando por seus ideais. A vida, para o Machado de Assis da maturidade, já não se resumia aos conflitos entre amor e ambição, ou indivíduo e máquina social. Se estes existem, são apenas aparências, conseqüências do mal essencial de cada um, enterrado nas zonas obscuras do eu. A razão alimentou a dúvida de Bentinho, fechou-lhe as portas da juventude, criou o ciúme o qual acabou por fazê-lo perder Capitu, o amigo Escobar, o próprio filho. No entanto, Iago não conseguiu mover as mãos de Dom Casmurro e estrangular o objeto de sua perdição. Como bom personagem de Machado, caberia a Bentinho um papel mais acentuadamente trágico. Nem foi a sociedade que o fez suspeitar de si mesmo, a culpa de Otelo não estava estampada em sua pele ou casta; foi antes uma gargalhada ou troçar de porcos, tão misteriosa quanto o suposto "crime" de Capitu. A última troça é que todos, amigos, família se foram. Restou o Casmurro, autor cercado de defuntos. Tentando atar as duas pontas da vida, atou um livro. Mas quando por fim o "termina", é hora de voltar à realidade, ou à vacuidade. Volta-se para uma História dos subúrbios.

Outro pecado, oblíquo e dissimulado

Professora da PUC-Rio, Eliana Yunes analisa a questão do ciúme e da inveja na obra *Dom Casmurro*, de Machado de Assis

Eliana Yunes busca na psicanálise o argumento para construir uma crítica, se não inédita, ao menos diferenciada sobre o romance *Dom Casmurro*, de Machado de Assis: inveja e ciúme estão, de fato, intimamente associados. Professora e coordenadora da Cátedra Unesco de Leitura da PUC-Rio, Eliana argumenta que o ciúme preconizado pelos críticos como o propulsor das atitudes de Bentinho, é, na verdade, um sentimento velado de inveja, esta sim, a mola-mestra de toda ação e sofrimento do personagem.

Eliana Yunes possui graduação em Filosofia e Letras, pela Faculdade de Filosofia Nossa Senhora Medianeira, mestrado e doutorado em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, e pós-doutorado pela Universidade de Colônia, da Alemanha. É autora de, entre outros, *Pecados* (Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2001) e *Virtudes* (Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2001). Eliane Yunes já concedeu outra entrevista à **IHU On-Line**: "Clarice Lispector: uma descoberta avassaladora", na edição 228, de 16-07-2008, colaborando, ainda, na confecção da pauta. Na edição 244, de 19-11-2007, *Antônio Vieira. Imperador da Língua Portuguesa*, colaborou com a elaboração da pauta.

IHU On-Line - Quando se fala em ciúme na literatura brasileira, o exemplo clássico que muitos compartilham é a obra-prima de Machado de Assis, *Dom Casmurro*. A senhora concorda com a recorrência da crítica sobre o tema?

Eliana Yunes - Talvez já milhares de páginas se tenham escrito sobre o caráter ciumento de Bentinho, tão dissimulado quanto o olhar oblíquo de sua Capitu. Romancistas se deram ao capricho de reler a obra para reescrevê-la por focos narrativos diferentes, tal como o fizeram Fernando Sabino,[1] saindo da primeira pessoa, ou Domício Proença[2] adentrando nela na pele da Capitolina que no texto machadiano não tem vez para se defender, nem voz para argumentar. Contudo, quanto mais nos debruçamos sobre o romance, mais dúvidas, detalhes e indícios surgirão. Não é para menos: de quantos ângulos podemos olhar um fato e tentar cobri-lo com nosso relato? E depois de exaurir todas as perspectivas, deslocados um pouco no tempo, outras percepções podem ocorrer. Ou leitores já de outras obras, tomados por intertextualidades insuspeitadas, nos sobrevêm um entendimento novo, uma ponta perdida no enovelado em que nos metemos. É preciso ousar para não ficar no mesmo.

IHU On-Line - A senhora já se deu direito a esta ousadia?

Eliana Yunes - Revisitando o bruxo, não mais no Cosme Velho, mas nas páginas do clássico, uma vez me apanhei paralisada num parágrafo, precisamente o terceiro do capítulo LXXXIII, nomeado "O retrato". Cito, pondo grifo: "Nem sobressalto, nem nada, nenhum ar de mistério da parte de Capitu; voltou-se para mim e disse-me que levasse lembranças a minha mãe e a prima Justina, e que até breve; estendeu-me a mão e enfiou pelo corredor. TODAS AS MINHAS INVEJAS FORAM COM ELA. Como era possível que Capitu se governasse tão facilmente e eu não?". Seria possível que alguém se sentindo seduzido pelas qualidades da amada, pudesse, casando-se mesmo com ela, encontrar-se anos depois numa situação de difícil entendimento, antes para si mesmo que para os outros: descobrir que tê-la para si não o fazia co-proprietário de seus talentos? A admiração tornar-se-ia peso e desconfiança, em si mesmo e quanto a ela, conduzindo pouco a pouco a uma irritação e mágoa destrutivas do relacionamento. Decidi seguir a pista.

IHU On-Line - E o que encontrou pode abalar a crítica tradicional em torno do ciúme?

Eliana Yunes – Abalar, não sei, mas

1 **Fernando Tavares Sabino** (1923-2004): escritor e jornalista brasileiro, autor de, entre outros, *O encontro marcado*. (Nota da **IHU On-Line**)

2 **Domício Proença Filho** (1936): professor e pesquisador em língua portuguesa e literato brasileiro. É o quinto ocupante da cadeira 28 da Academia Brasileira de Letras, eleito em 23 de março de 2006. Confira, nesta edição, a entrevista exclusiva concedida por Domício: "Machado e a relatividade do comportamento humano". (Nota da **IHU On-Line**)

leituras coexistem. Mas em nosso Machado, a questão da inveja explicitamente nomeada não para aí. Páginas adiante ela volta, agora enunciada por Escobar, como decorrente da perfeita sintonia que existia entre ambos e denunciada pelo superior dos noviços como imodesta, o que, em definitivo, mais os aproximou (cap. XCIV). Abrem-se outras suspeitas, agora sobre Bentinho e não sobre Capitu. Passagens menos explícitas acodem de imediato à memória. Às portas do casamento, Bentinho ouve vozes de fada anunciando a felicidade, reportando-se às fadas dos contos que ficam a morar no coração dos meninos, mas a comparação textual que faz para seu presságio vem de uma das mais célebres cenas de tragédia — movida pela inveja — de que temos notícia: "Há de ser prima das feiticeiras da Escócia: Tu serás rei, Macbeth! – Tu serás feliz, Bentinho! AO CABO É A MESMA PREDIÇÃO", conclui para o próprio espanto, sem que o bruxo chame atenção para o tipo de aproximação que faz (cap. C). Mais adiante, a Bentinho tão pouco passa despercebida a inveja que desperta em muitos, na rua, ao vê-lo casado com aquela "mocetona"! Atribui à mulher a impaciência com que "inventava passeios para que me vissem, me confirmassem e me invejassem" (cap. CIII).

IHU On-Line - Então, não há ciúmes?

Eliana Yunes - Não é o caso de dizer que os ciúmes não se explicitem, ao contrário: Bentinho os sente tanto dos olhares que despertam os braços perfeitos de Capitu, quanto do olhar demorado da jovem de Matacavalos, concentrado sobre o mar, trocando Sirius por Marte (cap. CVI). E, no capítulo seguinte, adianta algo quase imperceptível: "A recordação de uns simples olhos basta para fixar outros que os recordem e se deleitem com a imaginação deles. Não é mister pecado efetivo e mortal, nem papel trocado, simples palavra ou aceno, suspiro ou sinal ainda mais miúdo e leve (...). Meus ciúmes eram intensos, mas curtos". Eles vão explodir no velório de Escobar, sendo que a motivação parece outra, nesta circunstância, já que a razão para os ciúmes acabara de desaparecer! Greimas[3] nos advertia para uma leitura do jogo das paixões.

IHU On-Line - Machado é dissimulado em sua escrita: como rastrear o tema da inveja e não propriamente o do ciúme?

Eliana Yunes - Seria gratuito que o capítulo intitulado "O filho" (CVIII), nos dois parágrafos iniciais, abrisse espaço para repetir e considerar a inveja como motivação para a busca de um fruto do vosso ventre que se pudesse por ao lado da Capituzinha, rebento de Escobar e Sancha, o casal amigo inseparável? Por que deixar passar em brancas nuvens o fato de que ele e Escobar, que não pudera ser padrinho do menino Ezequiel, terem protestado tal gosto em ver juntos os filhos que assinassem um pacto de casar o pequeno com a menina? Mas este pecado grave, o de um incesto premeditado, não lhe ocorre imputar ao amigo já morto e, contudo, a seu ver, adúltero.

> "Machado nos conduz pela cena aparente do ciúme (que não está na lista dos sete pecados capitais), não apenas à inveja, mas ao pecado, cujo nome transita impronunciado e subterraneamente pelo livro"

Veja-se que no capítulo "As imitações de Ezequiel" – que, habilidoso em perceber certos traços e tiques pessoais dos conhecidos, representa-os como forma de atrair a atenção - é Capitu quem se irrita com as encenações de José Dias e Escobar, ensaiadas em casa pelo filho. E seria a mesma Capitu, nada cigana oblíqua e dissimulada, que lhe chamaria atenção para o jeito de olhar do "profetazinho", como era chamado o filho em referência ao texto bíblico: uma expressão esquisita como só vira "em um amigo do pai e em Escobar", sem que nenhuma estranheza ocorresse a Bentinho, apesar de concordar com a observação.

Concordava também com todos os elogios e todas as louvações que a família e amigos faziam às virtudes sem par da esposa (cap.CXVI). Justo para adornar a expressão de amizade entre os quatro, Bentinho vai se lembrar do adágio popular, "longe dos olhos, longe do coração", revertendo-o, pois assinala que os quatro tinham corações muito próximos; donde podemos deduzir que tudo estava a olhos vistos (cap.CXVII). Tanto assim que ele até então só se perturbara com olhares e apertos de mão distintos que, por vezes, sentira em Sancha, lutando todo um capítulo entre "a perdição e a salvação" para se livrar de tais imagens, diluídas a custo, diante justamente, do retrato do amigo ao pé de sua mãe.

IHU On-Line - Como se dá a crise na morte de Escobar?

Eliana Yunes - A inveja retornara antes curiosamente aos braços, agora não mais os de Capitu, invejáveis pelos transeuntes nos passeios, mas aos de outro, os do amigo Escobar, "que eram mais grossos e fortes do que os meus e tive-lhes inveja; acresce que sabiam nadar". O amigo morre no mar na manhã seguinte e desata no enterro o nó da intriga nunca vislumbrado (aqui não há qualquer Iago para induzi-lo ao erro fatal), ao se deparar Bentinho com a fortaleza de

3 **Algirdas Julius Greimas** (1917-1992): lingüista lituano, de origem russa, que contribuiu para a teoria da semiótica e da narratologia, além de ter prosseguido diversas pesquisas sobre mitologia lituana. (Nota da **IHU On-Line**)

Capitu, amparando a viúva e olhando fixamente o cadáver. Poderia Capitu amá-lo mais que ele, Bentinho? Esta questão não se coloca para o advogado casmurro que perdera o amigo invejado e transfere as suspeitas de Sancha para Capitu. Vale examinar "os sentidos da paixão" (dúbios) que podem submeter à razão.

IHU On-Line – Por que Bentinho se fixaria no retrato de Escobar?
Eliana Yunes - Ele procura uma explicação para seu desconforto. A força das similitudes (Ezequielzinho e Escobar) elide a das diferenças (entre ele e o amigo) que poderiam, estas sim, justificar os ciúmes. O bacharel agora advogaria em causa própria, sem contraponto que não fosse o retrato de Escobar. Aliás, no primeiro capítulo já citado, aparece uma indicação que não é gratuita a quem lê, por este viés a elaboração perversa de Bentinho. Ali mesmo, na seqüência de sua explicitação da inveja que sente da moça, um comentário do futuro sogro de Escobar (pai de Sancha), com o qual concorda Bentinho, chama a atenção para a semelhança de Capitu com sua mulher, de tal ordem que "pareciam irmãs". E acrescenta: "na vida há dessas semelhanças esquisitas". Ele se lembrará disto já às portas da separação (cap.CXL), mas nada o demoverá, nem as próprias contradições. Ao revés, a semelhança que poderia invocar para cobranças, notória e justificada, passa ao ex-seminarista como irrisória: a de si mesmo com o pai (cap.XCIX).

IHU On-Line - Como se constrói, a seu ver, este equívoco?
Eliana Yunes - A psicanálise não tratou do ciúme sem atrelar sua discussão à inveja, ao narcisismo e à projeção, como se vê em Melanie Klein.[4] Centro das atenções da mãe viúva criado para o sacerdócio em decorrência de promessa a custo revertida e, apesar disto, insignificante e sem brilho seu, Bentinho cresce admirando Capitu, por sua desenvoltura, autonomia e boas maneiras. Depois, no seminário, seria Escobar o companheiro admirável com quem procura identificação. Vai se cercar de ambos, pessoas a quem ama como escudos, enquanto não lhe vem à tona o corpo morto de um deles. A rivalidade, a concorrência e a competição sublimadas agora dão à praia de seu imaginário.

Aflora, então, "o sentimento de desconfiança" que combatera em si mesmo quanto à mulher do amigo, nas vésperas da morte deste. A desconfiança agora é posta sobre si: o temor de que poderia ficar claro no desaparecimento do amigo, o seu próprio eclipse, por um lado. A emulação controlada com relação a Escobar, que pressupunha sua superioridade, abafara a rivalidade, porém sua sombra torna-se perceptível, agora. Como se dá em retrospecção, ela não se especializa em temor, mas em sofrimento, em raiva surda. Confirma Melanie Klein: "inveja e ciúme estão de fato, intimamente associados".

IHU On-Line - Capitu poderia ser, portanto, inocente?
Eliana Yunes - O narrador em primeira pessoa não deixa, nem quer ouvir outra voz. A releitura/reescrita do romance, num jogo de intratextualidades arguto — *Capitu — Memórias póstumas*, de Domício Proença Filho —, sagazmente, também não o fará por fidelidade a Machado. Por outro lado, é possível ler que a inferioridade de Bentinho com respeito ao brilho de Capitu pese inconscientemente sob a forma de rejeição, como "algo bom demais para mim", agora que a situação o coloca sem chances de saber o que se passara de fato no coração de Sancha, inferiorizada talvez pelo confesso brilho da amiga. Escobar também deslocava o possível sentimento de culpa ou de dúvida que pesavam sobre Bentinho. O impulso gregário, que une a familiares e amigos, ratifica a necessidade que temos de acumular e recolher uma medida ampla de amor e segurança. Isto serve para desviar o ódio e os perigos, os sentimentos persecutórios. Ter amigos, neste caso, afastaria o risco do ódio e a periculosidade neles passa a inexistente ou controlada. Mas, se nos abandonam, os terrores submersos podem nos atacar. A introjeção se transforma em projeção e o objeto do temor, em nosso romance, já não pode ser o morto que Bentinho admirara ilimitadamente, mas Capitu que está viva para testemunhar sua fragilidade.

IHU On-Line - Haveria então uma cena oculta?
Eliana Yunes - Machado nos conduz pela cena aparente do ciúme (que não está na lista dos sete pecados capitais), não apenas à inveja, mas ao pecado, cujo nome transita impronunciado e subterraneamente pelo livro, sem ser demasiadamente incomodado pelo narrador e pelos críticos. Por este caminho, os desejos de Bentinho teriam que ser examinados com lupa, por conta de uma fixação que permanece no amigo morto, a ponto de levá-lo a rejeitar o filho. Mas isto já seria outra longa conversa...

IHU On-Line - Por que Capitu não se defende com vigor?
Eliana Yunes - Na verdade, ela o faz na medida em que comporta sua dignidade feminina moderna (ela não é a Aurélia de Alencar!) e a condição de mulher no século XIX. Ela perderia certamente uma disputa com o marido, de qualquer modo. Mesmo tendo personalidade própria, ainda vigoravam socialmente as leis do amor romântico, tratado exemplarmente por Dante Moreira Leite e depois por Jurandir Freire,[5] que nem na intimidade, nem em público, tirava as máscaras. Ela acaba "morrendo" com Escobar, ainda que não o tivesse querido.

4 **Melanie Klein** (1882-1960): psicanalista austríaca, conhecida por suas atividades de Psicanálise de crianças, muitas vezes criticando as idéias de Anna Freud. Uma de suas obras mais famosas é *A psicanálise da criança*. (Nota da **IHU On-Line**)

5 **Jurandir Freire Costa**: psicanalista e professor de medicina social na Universidade do Estado do Rio de Janeiro. É autor de, entre outros livros, *O vestígio e a aura. Corpo e consumismo na moral do espetáculo* (Rio de Janeiro: Garamond, 2004). Dele, **a IHU On-Line** publicou um artigo na 123ª edição, de 16-11-2004, e entrevistas na 127ª edição, de 13-12-2004, e na 128ª edição, de 20-12-2004. A edição 137, de 18-04-2005, publicou um comentário de Jurandir sobre o documentário *Ato de Fé*. (Nota da **IHU On-Line**)

O ceticismo como filosofia dos personagens de Machado

José Raimundo Maia Neto destaca a importância do personagem observador para mostrar que nas obras de Machado de Assis a reflexão é mais importante do que a ação

Por Graziela Wolfart

Ao falar sobre o ceticismo e o cientificismo em Machado de Assis, o professor José Raimundo Maia Neto considera que é na obra *Memórias póstumas de Brás Cubas* que o escritor melhor apresenta suas reservas quanto ao entusiasmo da elite intelectual brasileira sobre o positivismo, o naturalismo e o evolucionismo do fim do século XIX. "Machado se distancia deste entusiasmo ao adotar uma perspectiva mais alargada da história humana, onde uma sucessão e contraposição de doutrinas mostram a vaidade e a precipitação dos que têm a pretensão de acharem que a humanidade finalmente encontrou a verdade e com ela poderá resolver todos os seus problemas". Jose Raimundo Maia Neto possui graduação em Ciências Sociais, pela Universidade Federal Fluminense, mestrado em Filosofia, pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, e doutorado em Filosofia, pela Washington University in Saint Louis. Atualmente, é professor da Universidade Federal de Minas Gerais e atua na área de História da Filosofia Moderna, desenvolvendo pesquisas sobre as correntes céticas do século XVII. A entrevista que segue foi concedida por e-mail para a **IHU On-Line**.

IHU On-Line - O que o senhor destacaria de mais interessante na obra de Machado de Assis, sob o ponto de vista de um observador, relembrando sua dissertação de mestrado?

José Raimundo Maia Neto - Como se sabe, a grande obra de Machado começa com *Memórias póstumas de Brás Cubas*. Para marcar este salto qualitativo, costuma-se dividir a obra de Machado em duas fases: antes e depois desse livro. Pois bem, uma das principais novidades que surgem na ficção de Machado a partir de *Memórias póstumas* é a caracterização de um personagem observador. Este observador passa a ser o personagem central de quase todos os romances da segunda fase. Isto significa que o foco do romance já não incide sobre a trama em si, mas sobre um determinado olhar distanciado sobre a trama. A reflexão passa a ser mais importante do que a ação.

IHU On-Line - Como o ceticismo e a questão da crença aparecem na obra de Machado? Esses elementos estão ligados, por exemplo, ao pessimismo de algumas de suas narrativas e a uma certa melancolia ligada ao cientificismo? Qual a especificidade de Machado, nesse sentido, se comparado a outros clássicos da literatura brasileira?

José Raimundo Maia Neto - O ceticismo é a filosofia deste observador que surge na segunda fase dos romances de Machado. Ele problematiza o acesso à verdade a partir de uma reflexão sobre a teia das relações sociais, que encobrem a subjetividade dos atores. A questão da crença recebe um tratamento bastante sofisticado em *Dom Casmurro*. Ela é apresentada como inteiramente precária, sem fundamento na verdade das coisas, mas ao mesmo tempo como inevitável e determinante na vida das pessoas. Quanto ao cientificismo, é, sobretudo, em *Memórias póstumas* que Machado apresenta suas reservas quanto ao entusiasmo da elite intelectual brasileira sobre o positivismo, o naturalismo e o evolucionismo do fim do século XIX. O que dizia acima sobre a importância do observador vale aqui também. Machado se distancia deste entusiasmo ao adotar uma perspectiva mais alargada da história humana, onde uma sucessão e contraposição de doutrinas mostram a vaidade e a precipitação dos que têm a pretensão de acharem que a humanidade finalmente encontrou a verdade e com ela poderá resolver todos os seus problemas. Neste ponto, podemos falar do pessimismo de Machado, que é evidente, sobretudo, em *Memórias póstumas*, escritas pelo defunto-autor com a pena da galhofa e a tinta da melancolia.

IHU On-Line - Como o diálogo en-

tre Machado e a tradição cética aparece em suas obras de ficção?
José Raimundo Maia Neto - A tradição cética começa na Antigüidade, mas é mais influente durante o renascimento e o século XVII, sobretudo na França. É com esta corrente cética francesa que Machado dialoga. Dois filósofos franceses são cruciais: Pascal[1] e Montaigne[2]. Machado dialoga primeiro com Pascal. Com efeito, é notável a influência de Pascal em *Memórias póstumas*. A visão do homem miserável de Pascal se faz fortemente presente nesse livro, mas sem a alternativa da fé. Este pascalianismo somente parcial é insatisfatório. Machado busca então no diálogo com Montaigne um ceticismo mais humanista, sem a nostalgia perturbadora de uma verdade absoluta, que aparece em *Dom Casmurro*, *Esaú e Jacó* e no *Memorial de Aires*.

IHU On-Line - Pode explicar por que o senhor coloca o ceticismo como o fundamento da obra machadiana?
José Raimundo Maia Neto - Não se trata de um ceticismo importado de Pascal ou Montaigne. Machado não é filósofo. O ceticismo é o fundamento porque está ancorado na estrutura formal do romance da segunda fase. É a perspectiva do observador que surge a partir de *Memórias Póstumas* e se torna o foco narrativo do romance. Como observador situado, sua perspectiva é necessariamente restrita, sem qualquer onisciência.

1 **Blaise Pascal** (1623-1662): filósofo, físico e matemático francês de curta existência, que criou uma das afirmações mais repetidas pela humanidade nos séculos posteriores: "O coração tem razões que a própria razão desconhece", síntese de sua doutrina filosófica. (Nota da **IHU On-Line**)

2 **Michel Eyquem de** Montaigne (1533-1592): escritor e ensaísta francês, considerado por muitos como o inventor do ensaio pessoal. Nas suas obras e, mais especificamente nos seus ensaios, analisou as instituições, as opiniões e os costumes, debruçando-se sobre os dogmas da sua época e tomando a generalidade da humanidade como objeto de estudo. É considerado um cético e humanista. Escreveu um capítulo chamado "Dos canibais", que continua sendo uma das mais belas páginas do encontro da cultura européia com os nativos do Novo Mundo. O capítulo pode ser conferido em *Ensaios. Livro I* (São Paulo: Martins Fontes, 2000), traduzido por Rosemary Costhek Abilio. (Nota da **IHU On-Line**)

"O romance *Quincas Borba* é também uma demonstração da loucura da filosofia dogmática, dramaticamente vivenciada pelo protagonista do romance e discípulo do filósofo dogmático *Quincas Borba*"

IHU On-Line - Esse ceticismo estaria ligado, por exemplo, com o humanitismo, apresentado pelo mendigo-filósofo Quincas Borba, em *Memórias póstumas de Brás Cubas*?
José Raimundo Maia Neto - Um erro que se costuma cometer é identificar a doutrina do humanitismo com a filosofia de Machado. O humanitismo é o objeto de crítica e refutação nos dois romances em que aparece. As *Memórias póstumas de Brás Cubas* são uma refutação cabal do otimismo do humanitismo. Cada episódio da vida do Brás refuta a doutrina do Quincas. O humanitismo é uma caricatura das filosofias da história supostamente científicas que encantavam a elite intelectual da época de Machado. A caricatura realça justamente os traços dogmáticos destas filosofias: pretensão descabida de ter encontrado a verdade, desconsideração do mal na vida humana etc. Os céticos sempre apontaram estes aspectos nas filosofias dogmáticas que refutavam. O romance *Quincas Borba* é também uma demonstração da loucura da filosofia dogmática, dramaticamente vivenciada pelo protagonista do romance e discípulo do filósofo dogmático Quincas Borba.

IHU On-Line - O ceticismo ajuda a explicar o sucesso de Machado de Assis? O que essa característica (ceticismo) revela sobre a visão de mundo, sociopolítica, literária, filosófica etc. de Machado de Assis?
José Raimundo Maia Neto - O ceticismo contribuiu para que Machado tenha sido reconhecido com o grande escritor que foi. O pensamento brasileiro até recentemente foi muito marcado pela influência de filosofias dogmáticas. Machado é, assim, uma exceção neste padrão, e uma exceção de altíssimo nível em função do seu talento excepcional como escritor. Mas muitos reconhecem o valor de Machado apesar do seu ceticismo, que é visto como mero pessimismo, negação da vida. Acho que este juízo negativo decorre em parte do desconhecimento da tradição filosófica cética, que foi um dos movimentos intelectuais que impulsionaram o pensamento ocidental.

IHU On-Line - O senhor pode falar um pouco sobre a história do ceticismo, no sentido de situarmos o interesse de Machado de Assis por essa escola de pensamento?
José Raimundo Maia Neto - O ceticismo surgiu no chamado período do helenismo, que vai da morte de Aristóteles até o século II depois de Cristo. A escola ressurge no renascimento e tem um papel importante no desenvolvimento da filosofia moderna. Neste período moderno, ele se associa a uma visão da precariedade do ser humano, alimentada pela visão cristã que todo ser e verdade estão em um Deus transcendente. Na visão pascaliana, o homem é miserável neste mundo de lágrimas e pouco pode fazer para reverter a situação exceto levar uma vida pia na esperança de receber a graça salvadora. Na visão montaigneana, a tarefa do ser humano é se adaptar a este contexto limitado, abandonando a expectativa de poder possuir a verdade e o bem, e se contentando com sua finitude. É esta visão que termina por preponderar nos romances de Machado de Assis.

Machado de Assis e a articulação entre ceticismo e crítica

Para a filósofa Kátia Muricy, Machado de Assis constrói uma crítica cética às transformações da sociedade brasileira oitocentista por meio de seu pessimismo

Kátia Muricy é autora de *A razão cética — Machado de Assis e as questões de seu tempo* (São Paulo: Companhia das Letras, 1988), no qual faz uma leitura da obra de Machado de Assis, tendo como pano de fundo o preconizado pessimismo e a contemporaneidade do escritor. E é sobre esse tema a entrevista que concedeu por e-mail para a revista **IHU On-Line**. Katia Rodrigues Muricy, professora do Departamento de Filosofia da PUC-Rio, é graduada em Filosofia, pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), mestre em Filosofia, pela Universidade Católica de Louvain, Bélgica, e doutora em Filosofia, pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Sua tese de doutorado, defendida no Instituto de Filosofia da UFRJ, foi sobre Machado de Assis e intitula-se "O legado da desrazão — Machado de Assis e a normalização médica". É autora também de *Alegorias da dialética* (Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1999).

IHU On-Line - Há duas décadas, a senhora publicou *A razão cética — Machado de Assis e as questões de seu tempo*", hoje esgotado. Do que trata o livro?
Kátia Muricy - Como o título indica, preocupei-me em situar o tão comentado pessimismo de Machado de Assis. E também, afirmar o vínculo desse pessimismo com a contemporaneidade do autor. Procurei mostrar como o famoso pessimismo não era apenas uma veleidade filosófica do romancista, fruto, por exemplo, de suas refinadas leituras de Schopenhauer ou dos moralistas franceses do século XVIII, mas muito mais do que isto. A partir dele, Machado constrói uma crítica cética às transformações da sociedade brasileira oitocentista, mais especificamente, às da realidade urbana do Rio de Janeiro.

IHU On-Line - Em que consiste essa crítica?
Kátia Muricy - Gosto muito da articulação entre ceticismo e crítica. Machado me parece um autor que pode iluminar toda a riqueza crítica da postura cética. Vejamos a sua ironia em relação aos direitos da razão universal, do progresso e da verdade científica, expressa principalmente em seus romances da chamada segunda fase: *Memórias póstumas de Brás Cubas*, *Quincas Borba*, *Dom Casmurro*, *Esaú e Jacó* e *Memorial de Aires*. Analisei a construção dessa crítica a partir dos personagens, da trama, das ponderações filosóficas humoradas do narrador, tão ao gosto de nosso autor, leitor de Sterne.

IHU On-Line - Mais diretamente, na realidade brasileira, contra o que se dirige esse ceticismo?
Kátia Muricy - Para mim, o ceticismo de Machado em relação ao pensamento liberal e à racionalidade burguesa é o filtro crítico com que ele acolhe a entrada dos valores da modernidade européia no Brasil, as profundas transformações da sociedade carioca no século XIX.

IHU On-Line - Quais foram essas transformações da cidade do Rio de Janeiro a que a senhora se refere?
Kátia Muricy - Os personagens de Machado vivem na Corte. Com a transferência da Corte portuguesa para o Brasil, inicia-se a modernização do Rio de Janeiro, acelerada no Segundo Reinado. A fisionomia da cidade muda rapidamente: ruas iluminadas a gás, bondes elétricos, novas avenidas, lojas francesas, companhias líricas européias. Emerge uma nova sociabilidade, urbana e cosmopolita: novos hábitos e valores irão conviver, às vezes conflituosamente, com os antigos costumes da tradição colonial. Esta é a época conturbada dos personagens de Machado de Assis.

IHU On-Line - Neste panorama, como Machado de Assis faz a sua interven-

ção crítica?

Kátia Muricy - O romance de Machado de Assis, mais do que uma fotografia da sociedade carioca oitocentista, é a lente requintada que revela, quase sempre em negativo, a inteligibilidade dessas mudanças. Se com a "pena da galhofa" relativiza o século do progresso, rindo-se das suas conquistas científicas e das inovações na vida social, é com a "tinta da melancolia" que escreve sobre o que considera um "século esfalfado" por tantas crises.

IHU On-Line - O seu livro considera principalmente o papel da medicina nesse processo de modernização. Por que a medicina?

Kátia Muricy - A exigência de racionalização a que respondiam as transformações sociais, políticas e econômicas ocorridas na Europa a partir do final do século XVIII, determinadas pela nascente industrialização e pelas novas modalidades de exercício do poder, também se fez sentir de forma muito peculiar no Brasil. Ainda que com fundamentais diferenças, o século XIX brasileiro viu surgir novas formas de organização social que nos aproximavam do processo de racionalização que, a partir das reformas sanitárias e pedagógicas do século XVIII na Europa, ganhou características muito particulares que permitem agrupá-las naquele processo que Michel Foucault chamou de normalização, a partir da obra *O normal e o patológico*, de Georges Canguilhem.[1] O discurso médico brasileiro, expresso principalmente nas teses acadêmicas, mas também em dispositivos institucionais, tem, no século XIX, um projeto muito próximo deste modelo.

IHU On-Line - Em que medida o seu livro retoma o trabalho que a senhora realizou juntamente com os pesquisadores Roberto Machado,[2] Angela Loureiro e Rogério Luz, *Danação da norma — Medicina social e constituição da psiquiatria no Brasil*?

Kátia Muricy - O meu livro sobre Machado de Assis é imensamente devedor desse grande livro, uma pesquisa pioneira da qual tive a honra de participar em 1978. Deve muito também ao excelente trabalho de Jurandir Freire Costa, *Ordem médica e norma familiar*, de 1979. Estes livros foram pioneiros nesse gênero de pesquisa, decididamente influenciados pelas novas perspectivas historiográficas abertas pela proposta genealógica de Michel Foucault.[3]

IHU On-Line - E como entra Machado de Assis nesta análise que privilegia a medicina?

Kátia Muricy - Eu retomo a distinção tradicional de seus romances em duas fases. Na primeira — *Ressurreição*, *A mão e a luva*, *Helena* e *Iaiá Garcia* —, o ponto de vista da narrativa é o da ótica moral da família. Essa moral delimita o espaço dos conflitos e fornece os preceitos que servirão de norma para a consideração dos personagens e de suas ações. Não há, no entanto, uma coincidência plena com os valores tradicionais da sociedade patriarcal. O tom conservador não é nem autoritário nem tradicional. Há uma ambigüidade de certa forma semelhante àquela do discurso médico, que procura conciliar a modernização com os valores da sociedade patriarcal. Um exemplo, nestes romances, é o personagem celibatário ou o libertino. A ótica do romancista está aí muito perto da ótica sanitarista. Mas, nos romances maduros, Machado se libera do discurso progressista liberal de seu tempo, ao mesmo tempo em que se desprega dos valores familiares da tradição colonial. Ao denunciar, como tantos outros segmentos da sociedade brasileira e, principalmente os médicos higienistas, a decomposição moral da família patriarcal, Machado de Assis não se compromete — e isto é para a minha análise o mais fundamental — com a concepção nova e burguesa da família e da sociedade. É aí que entra o seu dispositivo crítico, o ceticismo.

IHU On-Line - Como isto ocorre nesses romances que a senhora privilegiou?

Kátia Muricy - Dou um exemplo: as figuras apresentadas em todas as teses de medicina social como ameaça não só à saúde física dos indivíduos e das famílias — celibatários, libertinos e mundanas — constituem, nos romances maduros de Machado, o que eu chamei de "pedagogos da nova ordem burguesa", construídos a partir desse dispositivo cético a que me referi. Basta pensar no personagem do Conselheiro Aires, celibatário por vocação, crítico refinado das conquistas sociais do discurso liberal da política brasileira.

IHU On-Line - Um dos capítulos de seu livro é sobre o conto "O alienista". No contexto do privilégio dado por sua análise à medicina, como situa este conto, claramente crítico em relação à distinção entre a normalidade e a loucura?

1 **Georges Canguilhem** (1904-1995): filósofo francês, membro do Collège de France, especializado em filosofia da ciência e no estudo da normatividade. (Nota da **IHU On-Line**)

2 **Roberto Machado:** filósofo brasileiro, autor de *Nietzsche e a verdade* (2. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1984), *Zaratustra, tragédia nietzschiana* (Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997), e um dos autores de *Danação da norma. Medicina social e a constituição da psiquiatria no Brasil* (Rio de Janeiro: Graal, 1978). Em 01-04-2004, Machado abriu o evento Ciclo de Estudos sobre Michael Foucault, promovido pelo Instituto Humanitas Unisinos (IHU) com a palestra "Foucault, a filosofia e a literatura". Na edição 203, de 06-11-2006, *Michel Foucault, 80 anos*, concedeu a entrevista "Nietzsche, Foucault e a loucura como experiência originária". (Nota da **IHU On-Line**)

3 **Michel Foucault** (1926-1984): filósofo francês. Suas obras, desde a *História da loucura* até a *História da sexualidade* (a qual não pôde completar devido a sua morte) situam-se dentro de uma filosofia do conhecimento. Suas teorias sobre o saber, o poder e o sujeito romperam com as concepções modernas destes termos, motivo pelo qual é considerado por certos autores, contrariando a sua própria opinião de si mesmo, um pós-moderno. Seus primeiros trabalhos (*História da loucura*, *O nascimento da clínica*, *As palavras e as coisas*, *A arqueologia do saber*) seguem uma linha estruturalista, o que não impede que seja considerado geralmente como um pós-estruturalista devido a obras posteriores como *Vigiar e punir* e *A história da sexualidade*. Foucault trata principalmente do tema do poder, rompendo com as concepções clássicas deste termo. Para ele, o poder não pode ser localizado em uma instituição ou no Estado, o que tornaria impossível a "tomada de poder" proposta pelos marxistas. O poder não é considerado como algo que o indivíduo cede a um soberano (concepção contratual jurídico-política), mas sim como uma relação de forças. Ao ser relação, o poder está em todas as partes, uma pessoa está atravessada por relações de poder, não pode ser considerada independente delas. Para Foucault, o poder não somente reprime, mas também produz efeitos de verdade e saber, constituindo verdades, práticas e subjetividades. Em duas edições, a **IHU On-Line** dedicou matéria de capa a Foucault: edição 119, de 18-10-2004 e edição 203, de 06-11-2006, ambas disponíveis para download na página do IHU. Além disso, o IHU organizou, durante o ano de 2004, o evento Ciclo de Estudos sobre Michel Foucault, que também foi tema da edição número 13 dos **Cadernos IHU em formação**. (Nota da **IHU On-Line**)

"Machado me parece um autor que pode iluminar toda a riqueza crítica da postura cética"

Kátia Muricy - Simão Bacamarte nos é apresentado como "o maior médico do Brasil, de Portugal e das Espanhas", encarnação de todas as virtudes de um cientista e de todas as prerrogativas do progresso. O conto, que retoma um tema constante na obra de Machado e na tradição literária, justamente este da partilha entre razão e sandice, pode ser lido como uma metáfora de uma sociedade que procura desastrosamente a sua identidade nos traços modernos das sociedades desenvolvidas européias — aqui, a psiquiatria devastando a pacata Itaguaí.

IHU On-Line - Quais seriam os outros aspectos em que a posição cética elabora a crítica de Machado a sua contemporaneidade?
Kátia Muricy - Gosto em especial da consideração do narrador-memorialista desses romances maduros: Dom Casmurro, o Conselheiro Aires ou Brás Cubas. Escrever memórias não instaura, para eles, nem a unidade subjetiva da experiência, nem sua verdade. Escrever é o cultivo de uma intimidade, uma exacerbação requintada do privado, um meio de se fugir da insipidez da vida mundana. Mas, se o cultivo da intimidade é acompanhado pela experiência de perda da unidade do eu na dispersão dos acontecimentos vividos, representa, no entanto, mais do que isto. Este cultivo é a tentativa, sempre fracassada, de superar tal experiência. Assim, a fragmentação da narrativa, principalmente nas ousadias formais de *Memórias póstumas de Brás Cubas* ou na forma de diário de *Memorial de Aires*, evidencia o fracasso como uma expressão da vivência do moderno na sociedade brasileira do século XIX.

Em busca de rastros de natureza religiosa e teológica na obra de Machado de Assis

Ao relacionar teologia e literatura em Machado de Assis, Douglas Rodrigues da Conceição destaca a autocompreensão antropológica que a literatura machadiana é capaz de criar

Por Paulo César Silva de Oliveira

"Se a imagem de Deus emergida da estética machadiana deixa de ser o centro de toda experiência última é porque as fissuras abertas pelas ambigüidades da vida e pelo nosso senso de finitude mais profundo e mais radical permanecem." A reflexão é do professor Douglas Rodrigues da Conceição, que completa: "talvez a experiência religiosa e incondicional vivida pelo ser humano da estética machadiana (não a experiência de Bentinho, mas a de Brás Cubas) nos sirva de espelho! E por que não?". Douglas Rodrigues da Conceição é doutor em Ciências da Religião, pela Universidade Metodista de São Paulo, onde também realizou o mestrado em Ciências da Religião. Atualmente, é professor da Universidade do Estado do Pará (UEPA), no Departamento de Filosofia e Ciências Sociais, que está vinculado ao Centro de Ciências Sociais e Educação. Durante o mestrado e o doutorado, desenvolveu pesquisas no campo da interface Religião versus Filosofia e Literatura versus Teologia. Em 2004, publicou *Fuga da promessa e nostalgia do divino: a antropologia de Dom Casmurro de Machado de Assis como tema no diálogo entre teologia e literatura* (Rio de Janeiro: Horizonal, 2004), obra voltada para a questão de Deus no romance *Dom Casmurro* de Machado de Assis. A entrevista que segue foi concedida a Paulo César Silva de Oliveira (doutor em Poética pela Universidade Federal do Rio de Janeiro e professor de Teoria Literária da Universidade Iguaçu/RJ), com quem Douglas Rodrigues da Conceição dialoga sobre questões de teologia e literatura tendo como cenário a obra machadiana.

IHU On-Line - Por conta da comemoração dos cem anos da morte de Machado de Assis, qual é o legado machadiano? O senhor recebeu este legado e o reinterpretou, incorporando à fortuna crítica machadiana uma novidade interpretativa que distende o espólio do bruxo. Qual o sentido desta herança e seus efeitos sobre a posteridade? De que modo a relação defendida pelo senhor entre teologia e literatura contribui para a criação de um novo campo de estudos acerca da obra de Machado de Assis?
Douglas Rodrigues da Conceição - Quando me aproximei da literatura machadiana, momento em que minhas pesquisas se encontravam em estágio embrionário, fazia muitas visitas à biblioteca da Academia Brasileira de Letras,

com o objetivo de rastrear obras referenciais que me permitissem encontrar rastros de questões de natureza teológica e religiosa a partir da obra de Machado de Assis. Em relação a essa busca inicial, a principal dificuldade que eu encontrava, naquele momento, se enraizava nas interpretações quase que "canônicas", que, por um lado, cristalizavam os temas mais visíveis emergidos da literatura de Machado de Assis e, por outro, impediam a criação de novas escavações em torno do legado do bruxo. Não quero dizer com isso que, depois de pouco mais de um século de esforço crítico sobre o legado machadiano, o problema da religião não estivesse ainda sido levantado. Mesmo fazendo críticas a Hugo Bressane Araújo, a Afrânio Coutinho[1] e a Raimundo Faoro, é preciso reconhecer que, se não fossem pelas mãos desses intérpretes, penso eu, a questão da religião e suas implicações teológicas teriam sido praticamente silenciadas do legado crítico machadiano.

Então eu precisava, antes de tudo, dialogar com essa tradição e encontrar os problemas nas interpretações teológicas realizadas por essa mesma tradição. Optei por fazer referência apenas ao trabalho de Hugo Bressane Araújo, visto que seu livro, intitulado *O aspecto religioso da obra de Machado de Assis* (Rio de Janeiro: Cruzada da Boa Imprensa, 1939), se concentrava num biografismo do autor de *Dom Casmurro*. Portanto, não me interessava saber se Machado de Assis se circunscrevia ou não de modo devocional ao catolicismo do século XIX. Eu rejeito o trabalho de Hugo Bressane Araújo porque tenho a convicção, se me for permitida, de que os aspectos religiosos e as questões teológicas que podem emergir de um texto literário devem, antes, responder a uma questão que me era e é muito cara: o que é que só a literatura e nenhuma teologia conceitual será capaz de dizer e expressar eficazmente? Depois das minhas digressões iniciais, talvez essa "pergunta-proposição" de Jean-Pierre Jossuá[2] consiga fazer com que eu responda parcialmente sua bem elaborada pergunta. Faço uma advertência: o que convencionalmente chamamos de diálogo entre teologia e literatura nem sempre — ressalto — se dá de modo pacífico. De um lado, porque os defensores da literatura comumente a consideram profana demais para tratar de temas religiosos e questões teológicas. Por outro lado, os que se ocupam com a reflexão teológica ainda se perguntam por que a literatura se abre como um campo de exploração do trabalho teológico e por que ela e não os antigos sistemas teológicos rígidos.

Mais espaço ao legado machadiano

Acredito que a força da literatura machadiana, ao permitir reflexões dessa natureza, pede mais espaço ao seu legado crítico. Não é por acaso que Alfredo Bosi[3] afirma, ao pé de uma das páginas de *O enigma do olhar* (São Paulo: Ática. 1999), que "ainda está por se fazer um estudo sem preconceitos das imagens diversas com que o agnóstico Machado de Assis representa as múltiplas faces do homem religioso". Interessante notar que quando publiquei *Fuga da promessa e nostalgia do divino*, fruto de minha dissertação de mestrado, ainda não havia tido contato com essa obra de Alfredo Bosi. Interessante notar mais uma vez — longe de me pôr à altura de Alfredo Bosi — que tanto ele quanto eu tivemos uma mesma preocupação: tocados pelas implicações religiosas, demos centralidade a uma espécie de auto-compreensão antropológica que a literatura machadiana é capaz de criar. Se, porventura, a sua pergunta central parte dos possíveis incômodos que o tema da religião traz ao legado "canônico" machadiano, diria aos mais incomodados que o espaço que a literatura ocupa e sempre ocupará não é o espaço da norma, do consenso, do modo comportado de ser, mas sim o espaço da transgressão e da subversão, mesmo que estas últimas sejam vistas sob o viés da religião.

IHU On-Line – Qual é a importância para sua trajetória intelectual do diálogo com alguns pensadores da religião? O senhor reconhece sua dívida para com o pensamento de Paul Tillich, mas afirma que Machado, de certa forma, supera a dívida de Tillich com a "matriz soteriológica construída pela tradição cristã". O senhor poderia aprofundar esse tema?

Douglas Rodrigues da Conceição - Reconheço ter muitas dívidas para com Paul Tillich[4]. A mais cara tem a ver com a noção que Paul Tillich imprime sobre o conceito de Incondicional. Para Tillich, a resposta à pergunta que se abre e que está implícita na finitude do ser humano encontra em Deus seu ponto final. Uma outra questão tem relação com o monopólio criado pela teologia sobre os símbolos mais profundos que os seres humanos são capazes de admitir. Por exemplo, o simbolismo da vida eterna, segundo Tillich, é extraído da estrutura categorial que compõe a finitude. Deve ficar claro que o sentido evocado pelo simbolismo da vida eterna está circunscrito ao domínio da teologia cristã. Se o trabalho de instrumentalização dos textos literários servir apenas para o enquadramento das noções de homem, de Deus e de salvação aos discursos teológicos da tradição cristã, por exemplo, então meu esforço e o de tantos outros seria

1 **Afrânio Coutinho** (1911-2000): foi professor, crítico literário e ensaísta brasileiro. Ocupou a Cadeira nº 33 da Academia Brasileira de Letras, onde foi eleito em 17 de abril de 1962. Em 1965, criou a Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Em 1968, foi nomeado diretor dessa faculdade, permanecendo no cargo até aposentar-se, em 1980. Foi ele quem criou a Biblioteca da Faculdade de Letras, reconhecida como uma das melhores do gênero no Rio de Janeiro. (Nota da **IHU On-Line**)

2 **Jean-Pierre Jossua**:nasceu em 1930 na Salônica, de origem judaica. Depois de viver na Argentina e de Nice, e tendo sido um funcionário público, ele se tornou um cristão, quando entrou na ordem Dominicana. Suas próprias obras são todas, em certa medida, relacionadas com o mistério, a complexidade e o dom da fé. Com grande sensibilidade, Jossua escreve não só para os cristãos lutando com o profundo das questões práticas empresariais, mas também para os cristãos pedem o reflexo das questões mais profunda experiência pessoal. (Nota da **IHU On-Line**)

3 **Alfredo Bosi** (1936)**:** nascido em São Paulo, é professor universitário, crítico e historiador de literatura brasileira, e também imortal da Academia Brasileira de Letras. (Nota da **IHU On-Line**)

4 **Paul Tillich** (1886-1965): teólogo alemão, que viveu quase toda a sua vida nos EUA. Foi um dos maiores teólogos protestantes do século XX. É autor de uma importante obra. Entre os livros traduzidos em português, pode ser consultado *Coragem de ser*. (Nota da **IHU On-Line**)

inútil. A tarefa hermenêutica a qual submeti o texto machadiano me faz apresentar a seguinte questão: qual é a função da literatura machadiana ao exercer o mesmo esforço que é imposto pela teologia e também pela filosofia quando problematizam as mesmas questões (questões como a finitude, por exemplo) e quando apresentam as respostas exigidas pelos dilemas humanos que são travados em sua dimensão propriamente estética? Para mim, literatura e teologia são formas autônomas de decodificação dos símbolos universais de onde emergem os aspectos essenciais da vida do ser humano. O modo que cada uma tem para desenvolver o seu próprio trabalho de decodificação pode fazer com que elas se "co-respondam", se distanciem, se aproximem ou se superem. Portanto, quando a estética machadiana aponta uma outra forma de problematizar a questão da finitude, por exemplo, não vejo um motivo para mantê-la nos domínios da matriz soteriológica construída pela tradição cristã. Por que a experiência de Cubas com o amor, com suas amantes (belas amantes) e com a própria vida tem que ser necessariamente uma experiência que salva? Essa experiência tem uma expressão religiosa porque é incondicional e não porque obedece a uma matriz teológica definida. É neste ponto que me permiti divergir de Paul Tillich. Apesar de ser um importante teólogo da cultura (talvez o mais importante), Tillich nunca se despiu totalmente da função de teólogo e por isso ainda se manteve preso à noção de Deus como resposta para as ambigüidades da vida. Se a imagem de Deus emergida da estética machadiana deixa de ser o centro de toda experiência última é porque as fissuras abertas pelas ambigüidades da vida e pelo nosso senso de finitude mais profundo e mais radical permanecem. Eis a porta para um salto em direção a um abismo que em profundidade pode ultrapassar aquilo que outrora chamamos de Deus. Talvez a experiência religiosa e incondicional (assim a chamo) vivida pelo ser humano da estética machadiana (não a experiência de Bentinho, mas a de Brás Cubas) nos sirva de espelho! E por que não?

Memórias póstumas e o diálogo entre teologia e literatura

Alessandro Rodrigues Rocha é doutorando em Teologia Sistemática na PUC-Rio. Em seu mestrado, discutiu a formação do método teológico gerador de discursividades unívocas e propôs caminhos metodológicos abertos ao diálogo da teologia com expressividades humanas, sobretudo com a Literatura. No doutorado, pesquisa Teologia Fundamental, mais especificamente o tema da Revelação, buscando perceber o desvelamento do Real a partir da diversidade das recepções. Nesta entrevista, realizada por e-mail, que se inspira num curso de Teologia e Literatura oferecido pelos departamentos de Teologia e Letras da PUC-Rio, Alessandro fala sobre esse diálogo interdisciplinar a partir de *Memórias póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis.

IHU On-Line – Quais são as razões para o diálogo entre teologia e literatura?

Alessandro Rodrigues Rocha - Pensar a teologia na dinâmica do diálogo com literatura é, ao mesmo tempo, uma oportunidade e um desafio. É uma oportunidade de ampliar o seu campo semântico, seu universo temático e suas estruturas epistemológicas. No interior dessa oportunidade, se encontra também um desafio: superar o autocentramento sobre o qual a teologia se encontra, fundado sobre os cânones da metafísica. Em função da realidade de seu objeto e da longa tradição univocizante que a teologia percorreu, foi gerado no sentimento de superioridade diante das demais formas de responder à realidade, que colocam a teologia, ao menos aos seus olhos, num lugar de exclusividade frente a outros possíveis discursos sobre questões últimas. Esse autocentramento exclusivista vive uma relação de retroalimentação com estruturas e discursos totalizantes que acabam por colocar a teologia numa dinâmica de fechamento e autoritarismo. Superar esse jogo perverso é fundamental para a teologia no processo de afirmação de sua relevância.

IHU On-Line - Como fazer uma crítica à metafísica, necessária à abertura dialogal da teologia?

Alessandro Rodrigues Rocha - A crítica à metafísica foi amplamente realizada ao longo da modernidade. Contudo, seu estado mais maduro se deu nas proposições de Nietzsche,[1] que denunciou de uma só vez a estrutura metafísica do discurso teológico e, também, do científico, mostrando

1 **Friedrich Nietzsche** (1844-1900): filósofo alemão, conhecido por seus conceitos além-do-homem, transvaloração dos valores, niilismo, vontade de poder e eterno retorno. Entre suas obras, figuram como as mais importantes *Assim falou Zaratustra* (9. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998), *O anticristo* (Lisboa: Guimarães, 1916) e *A genealogia da moral* (5. ed. São Paulo: Centauro, 2004). Escreveu até 1888, quando foi acometido por um colapso nervoso que nunca o abandonou, até o dia de sua morte. A Nietzsche foi dedicado o tema de capa da edição número 127 da **IHU On-Line**, de 13-12-2004. Sobre o filósofo alemão, conferir ainda a entrevista exclusiva realizada pela **IHU On-Line** edição 175, de 10 de abril de 2006, com o jesuíta cubano Emilio Brito, docente na Universidade de Louvain-La-Neuve, intitulada Nietzsche e Paulo. A edição 15 do **Cadernos IHU em formação** é intitulada *O pensamento de Friedrich Nietzsche*. (Nota da **IHU On-Line**)

que, ao invés de comunicar verdades ditas em continuidade com o real, a teologia e a ciência em geral proclamavam tão somente interpretações condicionadas a esquemas mentais e mediações culturais. Essa crítica nietzschiana à metafísica foi assumida posteriormente por outro filósofo que julgo ser um dos melhores interlocutores para a teologia na tarefa de rever criticamente seus pressupostos. Esse herdeiro do pensamento de Nietzsche, como também do de Heidegger[2], é Gianni Vattimo[3]. Vattimo parte da tese da "morte de Deus" proclamada no aforismo 125 da *A gaia ciência* e, diz que exatamente ali está o princípio de pluri-fontização da expressividade da fé cristã. A "morte de Deus" proclama o desaparecimento do conceito de fundamento único da realidade; nesse sentido, realidade não é algo já desde sempre estabelecida, mas aquilo que acontece no devir. A "morte de Deus" é, portanto, a vivificação do discurso possível que se realiza no interior de uma história fragmentada. É a libertação da condição metafórica do discurso teológico que se fundamenta não mais em estruturas "fortes" e unívocas, mas numa dinâmica discursiva plural que se dá a partir do "pensamento fraco".

IHU On-Line - O que é "pensamento fraco" e que relação ele tem com o diálogo entre teologia e literatura?
Alessandro Rodrigues Rocha - "Pensamento fraco" significa não tanto, ou não essencialmente, uma idéia do pensamento mais consciente dos seus limites, que abandona as pretensões das grandes visões metafísicas e globalizantes, mas, sobretudo, uma teoria do enfraquecimento como traço constitutivo do ser na época do fim da metafísica. O pensamento fraco, portanto, conduz o discurso sobre a realidade, de uma fala unívoca que, fundada sobre a metafísica, pode reclamar extensão e profundidade universais, para uma forma fraca de "experimentar" a realidade, onde história e cultura situam todo discurso, impedindo-o de qualquer pretensão de falar para além do próprio horizonte. Há, portanto, um deslocamento de uma matriz metafísica geradora de um pensamento forte, a uma matriz hermenêutica geradora do pensamento fraco. Esse deslocamento possibilita ao discurso teológico perceber a existência de novos "lugares" de sentido, que juntamente com os "lugares" clássicos (Escrituras, Tradições e Magistérios) podem oferecer à teologia novos horizontes discursivos. Dentre esses novos "lugares", a literatura é, sem dúvida, um dos mais férteis e promissores. Nesse sentido, o diálogo entre teologia e literatura é, em toda a sua extensão, eminentemente teológico, ou seja, a literatura não é para a teologia somente um celeiro temas e personagens, mas a própria expressão do desvelamento do Real presente em toda expressividade humana.

IHU On-Line - Vamos falar da aplicação desse exercício teórico sobre o diálogo da teologia com a literatura. Por que Machado de Assis e por que o tema da escatologia?
Alessandro Rodrigues Rocha - A razão para a escolha de Machado de Assis é notória. Além da grandeza como escritor, sua compreensão da mentalidade de seu tempo lhe possibilitou retratar em suas obras os aspectos mais profundos da condição humana. E é exatamente aí onde pode ser percebido de forma mais clara o desvelamento do Real. Já o tema da escatologia não foi propriamente escolhido, antes, ele se impôs em função do romance de Machado que escolhi. Em *Memórias póstumas de Brás Cubas*, o horizonte teoliterário é escatológico. Escatologia aqui precisa, porém, ser compreendida em sua intuição mais importante: ela é capítulo da teologia que trata da vida plenificada. O escatológico é, portanto, a afirmação da plena vitalidade humana. Essa compreensão, no entanto, aparece em discursos teológicos mais cristalizados, de maneira bastante divergente à forma apresentada no drama de Brás Cubas. Enquanto para a teologia dos manuais e das sacristias a plenificação da vida há de se realizar tão somente no porvir, para Brás Cubas (que já se encontra em tal instância etérea), tal plenificação só tem um lugar: nosso mundo e suas delícias. A sede de vitalidade dessa personagem machadiana o faz buscar o caminho da morte à vida como qualquer outro devoto cristão, só que ele o faz de modo inverso: enquanto uns querem ir do mundo ao céu, Brás Cubas deseja vir do céu aos braços macios do mundo, do mundo de Marcela e de Virgília.

IHU On-Line - Qual exemplo você poderia dar dessas duas representações da escatologia?
Alessandro Rodrigues Rocha - Para ilustrar o que estou dizendo vou fazer um paralelo entre trechos do uma canção presente num cancioneiro clássico do cristianismo protestante, com passagens de *Memórias póstumas*:

2 **Martin Heidegger** (1889-1976): filósofo alemão. Sua obra máxima é *O ser e o tempo* (1927). A problemática heideggeriana é ampliada em *Que é metafísica?* (1929), *Cartas sobre o humanismo* (1947) e *Introdução à metafísica* (1953). Sobre Heidegger, a **IHU On-Line** publicou na edição 139, de 02-05-2005, o artigo "O pensamento jurídico-político de Heidegger e Carl Schmitt. A fascinação por noções fundadoras do nazismo". Confira as edições 185, de 19-06-2006, intitulada *O século de Heidegger*, e 187, de 03-07-2006, intitulada *Ser e tempo. A desconstrução da metafísica*, disponíveis para *download* no sítio do IHU, www.unisinos.br/ihu. Confira, ainda, o nº 12 do **Cadernos IHU em formação** intitulado *Martin Heidegger. A desconstrução da metafísica*. (Nota da **IHU On-Line**)

3 **Gianni Vattimo** (1936): filósofo italiano, internacionalmente conhecido pelo conceito de "pensamento fraco". Concedeu diversas entrevistas à **IHU On-Line**. A primeira delas foi publicada na 88ª edição, de 15-12-2003, a segunda na 128ª edição, de 20-12-2004, e a terceira saiu na edição 161, de 24-10-2005, quando conversou pessoalmente com a **IHU On-Line**, no Hotel Intercity, em Porto Alegre, às vésperas de proferir sua conferência no evento *Metamorfoses da cultura contemporânea*. Nessa oportunidade ele conferiu a palestra "O pós-moderno é uma reivindicação de multiplicidade de visão de mundo", publicado na editoria Entrevista da Semana. Na **IHU On-Line** nº 187, *Ser e tempo. A desconstrução da metafísica*, de 03-07-2006, contribuiu com a entrevista "O nazismo e o 'erro' filosófico de Heidegger". Dele, também publicamos uma entrevista na 121ª edição, de 01-11-2004, um artigo na edição 53, de 31-03-2003, e outro no número 80, de 20-10-2003. A editoria Livro da Semana, na edição 149, de 1º-08-2005, abordou a obra *The future of religion*, escrita por Vattimo, Richard Rorty e Santiago Zabala. De sua produção intelectual, destacamos *Más allá de la interpretación* (Barcelona: Paidós, 1995), *O fim da modernidade: niilismo e hermenêutica na cultura pós-moderna* (São Paulo: Martins Fontes, 1996), *Introdução a Heidegger* (Lisboa Instituto Piaget, 1998) e *Diálogo con Nietzsche: Ensayos 1961-2000* (Barcelona: Paidós, 2002). (Nota da **IHU On-Line**)

...Da linda pátria estou mui longe,
Triste eu estou;...

...afigurou-se-me que era o último som
que chegava a meus ouvidos...

...Meu coração está com pressa,
Eu quero ao céu voar...

...Viver somente, não te peço mais
nada...

Não quero aqui ficar!
Eu quero ao céu voar.
Eu quero ir;
Eu quero ao céu subir.

...encarei-a com olhos súplices, e pedi
por alguns anos.
Viver somente, não te peço mais nada...

O lugar de realização escatológica da canção litúrgica e do romance machadiano retrata com clareza horizontes socioculturais distintos, afirmando, porém, um mesmo desejo de fundo: a afirmação da vida. Essa vitalidade é propriamente o teológico comum aos mais diversos "lugares" de sentido onde a teologia pode fazer-se enquanto discurso. Esse teológico presente nas mais variadas e diferentes representações discursivas é que de fato possibilita o diálogo entre a teologia e a literatura, porque ambas captam aspectos do Real e o representam a partir de seus distintos traços culturais.

IHU On-Line - Há, portanto, algo teológico no desejo de vitalidade de Brás Cubas? Qual seria ele?

Alessandro Rodrigues Rocha - Claro que sim! Mas não seria ele, seria ela, ou melhor, elas: Marcela e Virgília. Pensando a narrativa de Brás Cubas na perspectiva de uma escatologia secularizada, onde o mundo é lugar de plenitude de vida, fica evidente como a arte (nesse caso literária) lida com temas últimos, numa abordagem não dogmática, e, portanto, aberta aos apelos da cultura e da história. O sagrado — e a teologia (mesmo aquela marcada pelo dogmatismo) também crê nisso — é a vida. O último, o incondicional, é a vida realizada. Se no limite da existência ou no extrapolamento desta rumo a uma essencialidade pretendida, é um problema para dimensão metodológica da teologia. O que podemos dizer, partindo da abordagem vatimaniana que assumimos, é que a narrativa de Brás Cubas assume uma dimensão teológica à medida que propõe como fio condutor de seu enredo um tema de interesse último e incondicional. Brás Cubas anseia ver um "novo céu e uma nova terra", porém ele deseja isso olhando do fim para o começo. O "novo céu e a nova terra" constituem a nova possibilidade de sorver uma gota a mais da vida perdida. Esse desejo de vitalidade é escatológico. Enfim, a jornada escatológica de Brás Cubas chega ao seu ponto ômega. Como toda jornada, a dele também foi marcada por sucessos e fracassos. Longe de ser um herói de páginas sagradas, ele viveu fiel ao seu coração. Um coração lascivo que via na vida o único caminho de plenitude. Certamente, não há tantos feitos para contar acerca desse cultivador da vitalidade, porém um será continuamente lembrado. Diante da "impassibilidade egoísta" da "Natureza" ele teve coragem de suplicar: "Viver somente, não te peço mais nada".

"Além da grandeza como escritor, sua compreensão da mentalidade de seu tempo lhe possibilitou retratar em suas obras os aspectos mais profundos da condição humana"

Uma coletânea inédita de Machado

A obra de Machado de Assis é síntese e corolário do processo histórico evolutivo da literatura nacional e eixo de um equilíbrio dinâmico da própria língua literária brasileira, considera o professor Mauro Rosso

Mauro Rosso é pesquisador de literatura brasileira, além de ensaísta e escritor. A partir de uma pesquisa sobre os contos de Machado de Assis, organizou o livro *Contos de Machado de Assis: relicários e raisonnés*, ainda no prelo pelas Edições Loyola e que pretende ser uma edição histórica. Organizado em dois blocos, o livro traz, no primeiro deles, quatro contos inéditos do escritor, localizados e reunidos após uma exaustiva investigação. No segundo bloco do livro, um estudo histórico bibliográfico-editorial da produção contística machadiana. É sobre o seu envolvimento com a obra de Machado de Assis e o trabalho de investigação empreendido para reunião e catalogação dos contos do escritor que ele nos fala na entrevista que segue, concedida por e-mail para a **IHU On-Line**.

IHU On-Line - Como se deu seu envolvimento com a literatura de Machado de Assis?

Mauro Rosso - Obviamente pelos mesmos caminhos e pelas mesmas injunções de todo pesquisador e estudioso — diria até que de todo admirador — da literatura brasileira. Na atividade de professor de literatura brasileira e ensaísta, não houve como deixar de aprofundar-me cada vez mais e melhor na obra de Machado, síntese e corolário do processo histórico evolutivo da literatura nacional e eixo de um equilíbrio dinâmico da própria língua literária brasileira. Daí incrementou-se ao longo do tempo – e nisso refiro-me aos últimos 19 anos – o inevitável labor da pesquisa para as diversas nuances da obra machadiana. Em especial, intriga e seduz o fato de um escritor do século XIX, vivente numa sociedade imperial defasada em termos de progresso, escravocrata e de rígidos padrões sociais e morais, poder ter adquirido tamanha estatura universal — ser, em suma, o exemplo mais bem acabado, o emblema personalizado do conceito de "idéias fora do lugar" de Roberto Schwarz.

IHU On-Line - Suas atividades, de pesquisador, ensaísta e autor mostram um privilegiar do conto e da crônica machadianos. Por quê?

Mauro Rosso - Com relação aos contos, antes de tudo pela altíssima qualidade literária da narrativa curta machadiana, comparável aos grandes mestres do gênero de todas as épocas. Depois, porque estranhamente — melhor dizer, paradoxalmente — são colocados como que "subalternos" aos romances, que concederam, e ainda concedem, a maior fama a Machado. Mas ele foi essencialmente um incomparável criador de contos, aos quais conferiu, no Brasil, *status* de gênero literário por excelência. O conto lhe consente a compenetração na psicologia — comportamental, social, moral etc. — da sociedade brasileira do século XIX, ao mesmo tempo em que a medida, o formato e as características próprias do conto permitiram uma forma de expressão bastante condizente com a verve ficcional machadiana (com as "tintas" da ironia, da sátira, do pastiche, da anedota) e sua adequação a relatos de relações amorosas, afetivas, familiares, sociais e até mesmo políticas e a retratos psicológicos e intimistas — que é o tom, tônus e timbre de toda a ficção machadiana. Os contos de Machado carecem não apenas de edições adequadas, mas também, e principalmente, de estudos condizentes com sua relevância literária, que inclusive forneçam uma visão completa de seu conjunto.

IHU On-Line - O escopo de sua pesquisa passa sempre pela diferenciação, haja vista as edições de crônicas referentes à economia e à política, e muito especialmente a edição que ora vem sendo preparada e cujo

“Os contos de Machado carecem não apenas de edições adequadas, mas também, e principalmente, de estudos condizentes com sua relevância literária, que inclusive forneçam uma visão completa de seu conjunto”

pilar é o conto inédito recuperado. Explique-nos o processo.

Mauro Rosso - Toda a obra de Machado é plena de peculiaridades e nuances, o que a faz diferenciada — e esse cunho de diferenciação, a rigor, há de ser observado pelo pesquisador, pelo estudioso, pelo ensaísta, por todo aquele que se proponha, enfim, a escrever sobre Machado. É o que procuro atender: sempre fazer da diferenciação o elemento norteador de meus projetos, quer de pesquisa, quer de publicação. Assim foi, por exemplo, para efeito da composição das crônicas sobre finanças e sobre política, fruto de uma pesquisa completa de todos, rigorosamente todos, os escritos machadianos em periódicos, da mesma forma com relação aos contos, buscando todas suas publicações ao longo do tempo, das originais às mais recentes. Isso propiciou o pleno resgate do conto dado como desaparecido, até então inédito, a descoberta por assim dizer de certas nuances na criação contística de Machado — como, por exemplo, contos que, publicados em anos e periódicos distintos, tiveram duas versões textuais, ou contos que receberam títulos diferentes em períodos e veículos distintos, mas conservando o mesmo texto — e, sobretudo, a reconstrução do histórico bibliográfico dos contos de Machado consubstanciado nas matrizes-raisonnés que integram essa edição. Aliás, vale informar que na organização da coletânea de crônicas versando sobre política também encontrei textos inéditos de Machado, e mais: a pesquisa efetuada nesse campo, deflagrada pela coleta e recolha das crônicas, induziu-me ao levantamento e organização de um conjunto a que intitulei “A ficção política de Machado de Assis”, abrigando contos, poemas e peças teatrais. A par de elementos de ineditismo e resgate, a edição ainda tem a particularidade de promover certas correções na própria bibliografia contística de Machado, excluindo, por exemplo, “O sermão do diabo” e “A cena do cemitério” do elenco de contos e apontando-os como crônicas que na verdade são, da mesma forma não considerando “Madalena”, quase sempre incluído no elenco contístico, por tratar-se a rigor de uma novela, e não conto, e tudo indicar ser uma tradução e não criação original de Machado — rigorosamente ao contrário de “Bagatela”, que abriga todos os indícios de criação machadiana, e não tradução, e assim por diante.

IHU On-Line - Há muito ainda a se conhecer acerca de Machado?

Mauro Rosso - Sim, muito a descobrir, revelar, pesquisar, estudar e publicar, em especial para desfazer equívocos e omissões na própria recepção da obra machadiana e uma enorme dificuldade de definir e classificar a produção de Machado dentro de chaves críticas existentes. Vem à mente, de imediato, o exemplo de *Queda que as mulheres têm para os tolos*, em seguida o propalado alheamento de Machado às questões de seu tempo, seu “aburguesamento” (sic), a ridícula “denegação das origens” conferida à sua obra, a ausência de um “herói negro” em sua ficção — como se isso fornecesse convincente e taxativo certificado de consciência política,

“Toda a obra de Machado é plena de peculiaridades e nuances, o que a faz diferenciada — e esse cunho de diferenciação, a rigor, há de ser observado pelo pesquisador, pelo estudioso, pelo ensaísta, por todo aquele que se proponha, enfim, a escrever sobre Machado. É o que procuro atender: sempre fazer da diferenciação o elemento norteador de meus projetos, quer de pesquisa, quer de publicação”

como se fosse elemento imprescindível na construção de romances e contos de qualidade. Por outro lado, fértil é a galeria das surpresas-mistérios de Machado, não fosse ele o mestre desses expedientes. Outro aspecto absolutamente relevante reside em sua fantástica atualidade: avançadíssimo para seu próprio tempo, projetou-se absolutamente atual, por exemplo, antecipando temas da ficção hodierna, no aprofundamento psicológico, no questionamento da forma narrativa do romance, no cultivo ao ceticismo típico do denominado pós-modernismo, dotando muitos de seus contos de temas clamorosamente contemporâneos.

Machado e a relatividade do comportamento humano

Na opinião de Domício Proença Filho, o alto índice de universalidade e de polissemia e o trabalho na linguagem da sua obra ficcional são as razões para que Machado de Assis seja considerado o melhor escritor brasileiro

Para Domício Proença Filho, a obra machadiana mantém sua atualidade porque "consegue, a partir de tramas simples, mobilizar a reflexão do leitor na direção de uma pluralidade de aspectos peculiares à condição humana". O machadólogo, professor da Universidade Federal Fluminense (UFF) e membro da Academia Brasileira de Letras, fala, nessa entrevista feita por e-mail pela **IHU On-Line**, sobre a importância e a contemporaneidade da produção literária de Machado de Assis. Doutor em Letras e livre-docente em Literatura Brasileira pela Universidade Federal de Santa Catarina, Domício Proença Filho é autor de, entre outros, *Estilos de Época na Literatura* (15 ed. rev. e ampl. 4.ª reimpressão. São Paulo: Ática, 2002) e *Capitu — Memórias póstumas* (3. ed. Rio de Janeiro: Artium, 2005).

IHU On-Line - Quais são as razões que você indica para que Machado de Assis seja considerado o melhor escritor brasileiro?

Domício Proença Filho - O alto índice de universalidade e de polissemia e o trabalho na linguagem que se configuram na sua obra ficcional. Machado consegue, a partir de tramas simples, mobilizar a reflexão do leitor na direção de uma pluralidade de aspectos peculiares à condição humana. Entre eles, ciúme, adultério, erotismo feminino, comportamento religioso, à brasileira, ditadura da aparência, jogo da verdade e da mentira, cobiça, vaidade, relação entre o ser e o parecer, oscilações entre o bem e o mal, conflito entre o absoluto e o relativo. Acrescente-se a excelência da crônica, em que o Bruxo do Cosme Velho é pioneiro.

IHU On-Line - Que livro você considera a obra-prima de Machado de Assis?

Domício Proença Filho - *Dom Casmurro*. Seguido de perto por *Esaú e Jacó*, tecnicamente primoroso, em matéria de estruturação ficcional.

IHU On-Line - Você percebe alguma influência de Machado de Assis na Literatura Brasileira contemporânea? Qual (quais)?

Domício Proença Filho - Marcante. Notadamente na assunção da narrativa por um personagem-narrador e na dominância da reflexão sobre a ação na trama ficcional, presente em inúmeros romances e contos contemporâneos. Um destaque especial: Guimarães Rosa. No *Grande sertão: veredas*. Repare que Rosa retoma e amplia a viagem de memória, motivo dominante em *Dom Casmurro* e nas *Memórias póstumas de Brás Cubas* e que perpassa o processo literário brasileiro. Basta lembrar *Memórias de um sargento de milícias*, de Manuel Antonio de Almeida,[1] *São Bernardo*, de Graciliano Ramos,[2] e *Memórias sentimentais de João Miramar*, de Oswald de Andrade.[3]

IHU On-Line - Por que Machado de Assis não é considerado um escritor popular? Que caminhos você indicaria para que a obra de Machado pudesse ser popularizada?

Domício Proença Filho - A popularidade é, no caso, relativa. Sabemos que o contingente de leitores brasileiros é pequeno: 1,8% per capita *per annum*, com exceção para Porto Alegre, que registra 5,6 ou 5.8 %, e para Passo Fundo,[4] com 6.0%,

1 **Manuel Antonio de Almeida** (1831-1861): foi um escritor brasileiro, nascido no Rio de Janeiro. Concluiu a faculdade de medicina, mas nunca exerceu a profissão. Por dificuldades financeiras, ingressou no jornalismo e nas letras. *Memórias de um sargento de Milícias* (São Paulo: Ediouro. 2. ed. 2001), de 1852, foi seu único livro. Retrata as classes média e baixa, algo muito incomum para a época, na qual os romances retratavam os ambientes aristocráticos. A experiência de ter tido uma infância pobre influenciou Manuel Antônio de Almeida no desenvolvimento de sua obra. (Nota da **IHU On-Line**)

2 **Graciliano Ramos** (1892-1953): escritor alagoano, nascido em Quebrângulo. Autor de numerosas obras, várias delas adaptadas para o cinema, como *Vidas secas* e *Memórias do cárcere*, em 1963 e 1983, respectivamente, por Nelson Pereira dos Santos. A obra *Vidas secas* foi o objeto de estudo do Ciclo de Estudos sobre o Brasil, de 17 de junho de 2004. Quem conduziu o debate foi a Profa MS Célia Dóris Becker, das Ciências da Comunicação da Unisinos. Confira uma entrevista que a professora concedeu sobre o tema na 105ª edição da **IHU On-Line**, de 14 de junho de 2005, disponível para *download* no sítio do IHU, www.unisinos.br/ihu. (Nota da **IHU On-Line**)

3 **Oswald de Andrade (1890-1954):** poeta, romancista e dramaturgo. Nasceu em São Paulo, e estudou na Faculdade de Direito do Largo São Francisco. Sua poesia é precursora do movimento que marcou a cultura brasileira na década de 1960, o Concretismo. Entre suas obras, destaca-se *Memórias sentimentais de João Miramar* (Rio de Janeiro: Globo, 1924). (Nota da **IHU On-Line**)

4 **Passo Fundo**: é um município brasileiro, situado ao norte do Estado do Rio Grande do Sul. O município Passo Fundo, emancipado em 28 de janeiro de 1857, teve sua formação a partir de 1827, como resultado da ocupação do Planalto Médio e Alto Uruguai. Estimativa do IBGE de população do ano de 2007 é de 183.300 mil habitantes. (Nota da **IHU On-Line**)

dados de 2007. E não se restringem aos textos literários. Admitida a pouca presença de Machado entre os leitores, ela se deveria à predominância da reflexão sobre a ação, que marca os romances e os seus contos. O comum das pessoas, em geral, busca no livro momentos de prazer e, nessa direção, se interessa, em primeiro plano, pelo enredo. Os chamados "mais vendidos", audiência da telenovela, folhetim eletrônico dominante na nossa contemporaneidade o evidenciam claramente. Caminhos? O potencialmente mais eficiente: a escola, agência cultural por excelência, capaz de agir na direção do cultivo do hábito da leitura. Bibliotecas populares também podem ajudar bastante.

IHU On-Line - O seu romance, *Capitu — Memórias póstumas*, pode ser considerado um exercício de heteronímia pós-moderna?
Domício Proença Filho - Em nenhum momento, o livro foi pensado intencionalmente com esse objetivo. A motivação do autor está explicitada no prefácio. Assumido. Mas creio que sim. O texto reveste-se pós-modernamente de dimensão desconstrutora e crítica. No limite. Uma vez que era fundamental não mostrar os andaimes do edifício. Alguns críticos têm situado o romance nesses espaços. Falta-me, como autor, o necessário distanciamento para uma avaliação isenta. Deixo a avaliação com vocês.

IHU On-Line - Certamente, a Academia Brasileira de Letras evoluiu e se transformou ao longo de sua existência. Porém, poderiam ser feitas comparações entre a Academia que Machado criou e o que ela é hoje?
Domício Proença Filho - Ao longo dos seus mais de cem anos, a ABL consolidou-se, ganhou autonomia e auto-suficiência. Ampliou espaços de ação e de repercussão junto à sociedade brasileira. Modernizou-se. Freqüenta a internet. Desenvolve uma programação cultural intensa. Dos tempos de Machado, guarda a sua fidelidade a alguns aspectos da tradição, associados à abertura para a contemporaneidade. Continua sendo uma casa da amizade, freqüentada pelo convívio cordial da divergência e da convergência. E busca assegurar o culto da língua e da literatura nacional, cláusula pétrea do Estatuto.

"Machado elevou nosso português à condição de *scanner* da alma humana, dos nossos hábitos, costumes e desse jeito de ser brasileiro"

Machado de Assis usava a História como pano de fundo, e no máximo como coadjuvante, mas ele próprio e sua obra nunca foram coadjuvantes da História, afirma Luiz Antonio Aguiar

"Acho que o dia que Machado virar cultura de almanaque, livro de cabeceira e *best-seller*, neste nosso país, estaremos num patamar imensamente melhor como nação, povo e comunidade humana", declara o escritor Luiz Antonio Aguiar, em entrevista por e-mail à **IHU On-Line**. E completa: "O mais importante é difundir a leitura de Machado de Assis. É popularizar ao máximo o Bruxo do Cosme Velho, com seus enigmas e seduções". Luiz Antonio Aguiar é premiado escritor de literatura infanto-juvenil. Mestre em Literatura Brasileira, pela PUC-Rio, está lançando o *Almanaque Machado de Assis* (Rio de Janeiro: Record, 2008), que traz informações sobre a vida e obra do escritor cujo centenário comemoramos, além de "curiosidades e bruxarias literárias" a ele inerentes. E é sobre esse trabalho, resultado de 20 anos de pesquisa e leitura, que Luiz Antonio fala nesta entrevista, apresentando sua pretensão de difundir a obra de Machado, tentando fazê-la chegar a mais e mais leitores.

IHU On-Line - O que impede que Machado seja uma leitura mais difundida no Brasil?
Luiz Antonio Aguiar - Além das dificuldades sociais e culturais para se difundir a leitura, principalmente a leitura de literatura, neste nosso Brasil, Machado foi revestido de uma equivocada aura de leitura erudita – o que ele nunca foi em seu tempo e não pretendia ser, ou não escreveria nos jornais e revistas mais populares, e num português abrasileirado e coloquial. É como se a leitura de Machado precisasse ser submetida, como pré-requisito, às interpretações eruditas da obra de Machado. São coisas diferentes, e a leitura de Machado pode, superando-se algumas dificuldades, encantar leigos, públicos variados. Além disso, Machado ganhou certos rótulos redutores, que ele não merece e que o tornam entediante. Um deles é o de escritor do realismo, o que quem quiser ler *Brás Cubas* e outros vai ver que ele não era; e outro o de retratista da história, dos episódios históricos que o cercavam. Machado usava a História como pano de fundo, e no máximo como coadjuvante, mas ele próprio e sua obra nunca foram coadjuvantes da

“Falta, como de resto falta para a leitura e principalmente, repito, para a leitura da literatura, um espaço especial na escola — onde a Literatura possa ser tratada como literatura e não como disciplina, ou acessório paradidático do currículo”

História. A política dos altos escalões o entediava. O pomposo e o estridente, ou o óbvio, só lhe interessavam como alvo de deboches. Ele era o Bruxo do “mínimo e do escondido”, mesmo em suas crônicas, que, aliás, deveriam ser o vestíbulo, as peças de iniciação da obra de Machado para leitores querendo começar a explorá-lo.

IHU On-Line - A escola lê Machado?
Luiz Antonio Aguiar - Falta, como de resto falta para a leitura e principalmente, repito, para a leitura da literatura, um espaço especial na escola — onde a Literatura possa ser tratada como literatura e não como disciplina, ou acessório paradidático do currículo; faltam programas de qualificação professores-leitores, de leitores-guias, oficinas de leitura que revelem que aula de literatura não é aula de história da Literatura. Falta gente que goste de ler literatura, e que leia cotidianamente literatura, tomando essas decisões e tornando-as políticas públicas.

IHU On-Line - Você está lançando pela Record o *Almanaque Machado de Assis*. Do que se trata?
Luiz Antonio Aguiar - O subtítulo já diz muito: “vida, obra, curiosidades e bruxarias literárias”. É um livro para quem quer ter acesso a informações diversas sobre Machado de Assis, para quem quer começar a ler Machado e precisa de orientação para tanto, ou para quem já leu alguma coisa e quer saber por onde prosseguir. É uma obra de iniciação, mas também com comentários sobre crônicas, contos e romances — memórias e impressões de leituras, especulações, interpretações. No *Dicionário Houaiss*, está registrado que a palavra almanaque, de origem árabe, significa “lugar onde o camelo se ajoelha”, ou seja, onde a caravana faz uma parada e os nômades costumavam trocar entre si histórias, anedotas, casos e episódios pitorescos. E há ainda o próprio Machado escrevendo: “O Tempo inventou o almanaque... E choviam almanaques, muitos deles entremeados e adornados de figuras, de versos, de contos, de anedotas, de mil coisas recreativas. E choviam. E chovem. E hão de chover almanaques. O Tempo os imprime, Esperança os brocha; é toda a oficina da vida”.

IHU On-Line - De onde veio a idéia de algo popular para falar de um clássico?
Luiz Antonio Aguiar - O *Almanaque*, resultado de 20 anos de leituras e pesquisas sobre Machado, é parte de um esforço para popularizar este nosso autor tão majestoso, este gênio da literatura mundial, de origem humilde, e que elevou nosso português, o brasileiro, à condição de *scanner* da alma humana, dos nossos hábitos, costumes e de nossa cabeça, desse jeito de ser brasileiro. O único autor do mesmo *status* de um Shakesperare, que podemos ler dentro da cumplicidade do mesmo idioma que acompanhou nossa amamentação, no qual sonhamos e com o qual reservamos segredos que só confessamos a nós mesmos e em pensamento. O *Almanaque* pretende ajudar o leitor a superar as dificuldades naturais de ler Machado de Assis — como naturais são as dificuldades de ler qualquer clássico, escrito em outro tempo, necessariamente distante (ou não poderia já ser considerado um clássico, caso não resistisse à prova do tempo).

“A leitura de Machado pode, superando-se algumas dificuldades, encantar leigos, públicos variados”

“Machado ganhou certos rótulos redutores, que ele não merece e que o tornam entediante”

IHU On-Line - Não haverá quem o critique, cogitando a possibilidade de vulgarizar Machado?
Luiz Antonio Aguiar - Sou culpado. Acho que o dia que Machado virar cultura de almanaque, livro de cabeceira e *best-seller*, neste nosso país, estaremos num patamar imensamente melhor como nação, povo e comunidade humana. É por isso que, neste Ano Nacional, quando Machado vai ser tratado como celebridade, virar série na Globo, capa de revista, manchete de jornais, tema de eventos literários, e talvez até de samba-enredo (no carnaval de 2009), além, é claro, de objeto de teses e de ensaios, eu digo que o mais importante é difundir a leitura de Machado de Assis. É popularizar ao máximo o Bruxo do Cosme Velho, com seus enigmas e seduções.

A busca de Machado de Assis pela universalidade

Segundo Ana Lúcia Tettamanzy, a obra de Machado de Assis explora a condição humana em sua diversidade e paradoxo, fazendo uso de diferentes textualidades

Por André Dick e Graziela Wolfart

"Machado é considerado um clássico da literatura brasileira. Como tal, é sabidamente autor de textos que permanecem atuais, ou seja, vêm atendendo a distintos horizontes de expectativas pela sua ambigüidade e complexidade, mas também, essencialmente, pela abordagem de elementos atemporais e universais. Para além dos referenciais locais e históricos, portanto, sua obra explora a condição humana em sua diversidade e paradoxo, fazendo uso de diferentes textualidades — mistura formas e linguagens, dialoga com tradições distintas, enfim, não se resume a um inventário de costumes." Em entrevista concedida por e-mail à **IHU On-Line**, Ana Lúcia Liberato Tettamanzy avalia, nesta e em outras reflexões, que Machado é um nome essencial para se compreender diversos aspectos da literatura brasileira. Tendo defendido a tese de doutorado "Metamorfoses no espelho: os 'vícios' nacionais no conto machadiano", ela avalia questões como a melancolia e o nacionalismo, além de apontar as semelhanças e diferenças entre o autor de *Quincas Borba* e o poeta Augusto dos Anjos.

Ana Lúcia possui graduação em Letras, mestrado e doutorado em Literatura Brasileira, pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1999). Atualmente, é professora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Tem experiência em ensino e pesquisa em Literatura Brasileira e Literaturas Portuguesa e Luso-Africanas, com ênfase nos seguintes temas: narrativa oral, história, identidade, modernidade, culturas populares, performance e ensino.

IHU On-Line – Em alguns de seus estudos, você desenha um comparativo entre as obras de Augusto dos Anjos[1] e Machado de Assis. Para além do fato de Brás Cubas ter seu corpo coberto com vermes (imagem cara à poesia de Augusto), podemos ver outros elementos em comum entre esses autores (humor, ironia, sarcasmo, pessimismo, decadência, por exemplo)?

Ana Lúcia Liberato Tettamanzy – Há diferenças explícitas entre os dois escritores, a começar pelo lugar ocupado no cânone brasileiro. Augusto experimentou a periferia geográfica, intelectual e humana, no sentido de que teve sua formação intelectual no nordeste (paraibano, sofreu influência da influente escola positivista do Recife) e, apesar de ser popular (seus versos eram recitados de cor por pessoas analfabetas ou pouco letradas), morreu pobre e abandonado pela sorte, sendo que até hoje não recebeu leituras sistemáticas da crítica (há alguns bons estudos, mas esporádicos). O carioca Machado de Assis, ao contrário, superou a origem humilde e a condição mestiça com o reconhecimento e o prestígio no Rio de Janeiro de sua época e na posteridade, tendo sido alçado ao lugar de clássico nacional.

No entanto, e por mais estranho que possa parecer, suas obras possuem pontos de contato. De fato, o tom pessimista, o sarcasmo, a visão da decadência são comuns a ambos, embora Augusto os fundamente na adesão a pressupostos filosóficos e científicos de então, incorporados de forma surpreendente em sua poesia, e Machado mimetize a retórica e os procedimentos das ciências para efetivar sua desconstrução. Suas obras conectam-se, enfim, em estratégias formais comuns, sobretudo na criação de alegorias que sinalizam para a decrepitude das instituições e dos hábitos intelectuais, sociais e culturais. O

1 **Augusto dos Anjos** (1884-1914): poeta paraibano, identificado muitas vezes como simbolista ou parnasiano, mas muitos críticos concordam em situá-lo como pré-moderno. É autor do livro de poemas *Eu*. (Nota da **IHU On-Line**)

princípio da decomposição rege a linguagem de ambos: o cadáver expõe o destino de tudo que é vivo — apodrecer, retornar ao pó original, tornar-se ruína. Extrapolando a concretude dessas indicações, o espetáculo da ruína expande-se para o terreno da história, constituindo um modo de entender o passado e também o presente.

IHU On-Line – Há também, em seus estudos, uma aproximação, sob o ponto de vista da melancolia, de Machado de Assis, Fernão Mendes Pinto[2] e Padre Antônio Vieira.[3] Como isso se destacaria em sua obra? Seria a partir de uma visão sobretudo do *flâneur* de Baudelaire e Walter Benjamin,[4] da transformação de um mundo que leva o indivíduo a ficar cada vez mais recluso?

Ana Lúcia Liberato Tettamanzy – Abordo a melancolia como um traço das culturas portuguesa e brasileira que, sintetizando bastante, pode ser identificado como uma negatividade perante o tempo. O resultado dessa atitude problemática é a estaticidade, uma quase incapacidade de ação. Machado, no conto "O segredo do Bonzo", ironicamente narra o que seria um capítulo esquecido por Mendes Pinto em sua obra *Peregrinação*. O princípio que une as narrativas é o velho embate entre essência e aparência, ilustrativo, no caso em questão, do gosto luso-brasileiro pelo espetaculoso, pelo mirabolante. Entre Machado e Vieira o ponto de contato foi o comportamento imobilizante do invejoso. Nos sermões, o padre atenta para uma dupla dificuldade dos portugueses: além de serem incapazes de reconhecer o brilho alheio, mostram-se incapazes de satisfazer-se com as riquezas acumuladas com as colônias. Em contos de Machado, destaco uma personagem invejosa, que padece inclusive fisicamente com a visão da prosperidade alheia, e uma personagem vítima da inércia dada sua incapacidade de tomar decisões. O efeito desses comportamentos patológicos é a melancolia, que, a meu ver, traduz impasses histórico-culturais de Brasil e Portugal e encontra na literatura uma privilegiada configuração.

IHU On-Line – A partir principalmente do texto "Instinto de nacionalidade", quais seriam os vícios nacionais no conto de Machado de Assis? O escritor apresentaria, em sua obra, alguns traços do homem brasileiro, como Sérgio Buarque fez, por exemplo, através do homem cordial?

Ana Lúcia Liberato Tettamanzy – Com "Instinto de nacionalidade", Machado como que responde aos críticos e escritores de sua época, e mesmo da posteridade, no que diz respeito à obrigatoriedade de um escritor representar o espaço, sobretudo a natureza exuberante, como um índice de nacionalidade. Por recusar-se a tornar seu país exótico para si mesmo, evitando olhar com maravilha o que lhe era familiar, o escritor foi acusado de afetação elitista. Foi o francês Roger Bastide,[5] num pequeno texto da década de 40 ("Machado de Assis paisagista") quem, a meu ver, deu a melhor resposta a essa cobrança, afirmando que a paisagem brasileira estava interiorizada nas personagens machadianas, feitas de água, de céu, de planta. Em minha tese de doutorado, "Metamorfoses no espelho: os 'vícios' nacionais no conto machadiano", propus-me, principalmente, a demonstrar a forma peculiar com que Machado dialogava com elementos tido como ausentes em sua obra. Percebi

"O carioca Machado de Assis superou a origem humilde e a condição mestiça com o reconhecimento e o prestígio no Rio de Janeiro de sua época e na posteridade, tendo sido alçado ao lugar de clássico nacional"

que nos contos, para além dos agregados que compartilhavam os favores da elite nos romances, estavam presentes outras realidades humanas. A começar pelos inúmeros padres, sacristãos, enfim, toda a sorte de gentes simples envoltas em assuntos da religiosidade e da espiritualidade — e isso num escritor que defendia o absenteísmo, ou o próprio ateísmo. Outro destaque foram as diversas formas textuais presentes, muitas delas de origem popular, ignoradas por boa parte da crítica que preferia (ou prefere?) buscar as influências estrangeiras no escritor. Assim, com base nos sete pecados capitais e em algumas leituras sobre a formação da cultura brasileira, acabei por sintetizar em dois pecados, a preguiça e a invejam, o que o autor estaria propondo para dar conta de certas constantes em nossa cultura. Por se caracterizarem antes pela ausência de ação do que por fazer mal a alguém e por receberem sobre si os efeitos de seu mal, esses sujeitos tornam-se presa da melancolia. Assim como a cordialidade, a melancolia, de certa maneira, também atenta para a suposta harmonia das tensões dada a paralisia dos sujeitos quando, na verdade, esconde-se um perverso sistema de

2 **Fernão Mendes Pinto** (1509-1853): aventureiro e explorador português. Fez parte da primeira expedição portuguesa ao Japão, em 1543, sendo um dos responsáveis pela introdução das armas de fogo naquele país. (Nota da **IHU On-Line**)

3 **Padre Antônio Vieira** (1608-1697): padre jesuíta, diplomata e escritor português. Foi um grande orador sacro. Desenvolveu expressiva atividade missionária entre os indígenas do Brasil procurando combater a sua escravidão pelos senhores de engenho. Sobre Antônio Vieira, confira a **IHU On-Line** número 244, de 19-11-2007, cujo tema de capa é *Antônio Vieira. Imperador da língua portuguesa*. (Nota da **IHU On-Line**)

4 **Walter Benjamin** (1892-1940): filósofo alemão crítico das técnicas de reprodução em massa da obra de arte. Foi refugiado judeu alemão e diante da perspectiva de ser capturado pelos nazistas, preferiu o suicídio. Um dos principais pensadores da Escola de Frankfurt. (Nota da **IHU On-Line**)

5 **Roger Bastide** (1898-1974): sociólogo francês. Integrou a missão de professores europeus à recém-criada Universidade de São Paulo para ocupar a cátedra de sociologia. No Brasil, estudou durante muitos anos as religiões afro-brasileiras, tornando-se um iniciado no candomblé da Bahia. Uma de suas obras mais importantes é *O Candomblé da Bahia* (São Paulo: Companhia das Letras, 2001). (Nota da **IHU On-Line**)

privilégios — quem não decide permite que outros o façam ou que, em alguma medida, o inaceitável possa ocorrer.

IHU On-Line - Alguns estudos atuais focam o aspecto da afrodescendência em Machado de Assis. Como vê, com o crescimento na área dos estudos multiculturais, este aspecto na obra do autor de *Quincas Borba*?

Ana Lúcia Liberato Tettamanzy – Uma análise da crítica que a obra de Machado vem recebendo ao longo do tempo mostra como os "horizontes de leitura" variam conforme as perspectivas teóricas mais influentes de cada período. Não obstante a posição elevada que Machado assumiu nas letras à época de seu surgimento na cena intelectual, houve uma série de críticos da época que, enfatizando a biografia ou a raça do escritor, acusavam-no de pouca brasilidade ou de possuir um estilo problemático. Sendo assim, dada a importância que as identidades étnicas e de gênero assumem na perspectiva dos Estudos Culturais, é esperado que sejam trazidas à tona para dar conta da obra de um escritor que, como se sabe, era mestiço e mesmo assim ascendeu socialmente e ocupou postos de prestígio num ambiente hostil às raças não-brancas. Cabe lembrar a importância da leitura de Helen Caldwell,[6] que utilizou pressupostos da crítica feminista na contestação das interpretações consolidadas a respeito da traição de Capitu em *Dom Casmurro*. É natural, portanto, que atualmente se busquem na obra os elementos identitários que possam sustentar essas novas perspectivas.

IHU On-Line - Qual é a presença da sociedade e da política de sua época na obra machadiana? Como percebe, também, o cientificismo em seus livros, a exemplo de *O alienista* e sua postura, como percebe Merquior, de entender que o homem não deve esquecer que é um animal, "sujeito à natureza e aos seus caprichos"?

Ana Lúcia Liberato Tettamanzy – Machado usou de disfarces, como explica Antonio Candido em "Esquema de Machado de Assis", para dizer de forma banal o que há de mais medonho. Assim, se, de fato, Machado foi um analista e um crítico das instituições da sociedade e da política da sua época, sua capacidade de dar representação ao "humano demasiado humano" permanece desafiando os leitores. Quer dizer, atacou as raízes das mazelas sociais e humanas protegido pela linguagem alegórica e pela agudeza da ironia, motivo pelo qual era lido principalmente por aqueles que constituíam o alvo maior de sua denúncia, as classes abastadas da elite imperial e depois republicana.

IHU On-Line - Alguns consideram Machado como um escritor de "costumes", fazendo apenas uma representação literária sobre o seu período, com todos seus problemas. Isso é plausível?

Ana Lúcia Liberato Tettamanzy – Machado é considerado um clássico da literatura brasileira. Como tal, é sabidamente autor de textos que permanecem atuais, ou seja, vêm atendendo a distintos horizontes de expectativas pela sua ambigüidade e complexidade, mas também, essencialmente, pela abordagem de elementos atemporais e universais. Para além dos referenciais locais e históricos, portanto, sua obra explora a condição humana em sua diversidade e paradoxo, fazendo uso de diferentes textualidades — mistura formas e linguagens, dialoga com tradições distintas, enfim, não se resume a um inventário de costumes. É o "homem subterrâneo", conforme definição do crítico Augusto Meyer, que universaliza sua condição particular porque bebeu de todas as fontes a que teve acesso, do humor inglês ao burburinho prosaico das ruas, mas também porque enfrentou o enigma maior, o ser humano em sua imprevisibilidade e contingência.

IHU On-Line - Há vários estudos respeitáveis sobre Machado (como os de Roberto Schwarz, José Guilherme Merquior). Qual deles acharia básico para que o leitor pudesse entender Machado de maneira mais adequada?

Ana Lúcia Liberato Tettamanzy – São mais conhecidos os estudos que procuraram dar conta de princípios gerais da ficção machadiana, como o sistema das "idéias fora de lugar" de Schwarz ou as abordagens de John Gledson sobre as relações com a história e a sociedade brasileira. No entanto, dada não só a complexidade como a amplitude da obra, convém dar conta de outros aspectos. Há importantes estudos sobre a escritura, examinando as bases da ficção machadiana — um deles, nem tão recente, é "Retórica da verossimilhança", de Silviano Santiago.[7] Luiz Costa Lima,[8] Alfredo Bosi[9] e José Paulo Paes[10] produziram análises que detalham os mecanismos da linguagem machadiana; na mesma linha, temos a leitura de Enylton de Sá Rego (*O calundu e a panacéia)*. Há que destacar ainda a pequena (em termos relativos, claro) fortuna crítica sobre a crônica e o teatro machadianos, que vêm aos poucos recebendo leituras da crítica especializada. Por fim, não se pode ignorar a tendência dos leitores modernos em buscar os meandros da vida privada dos artistas e intelectuais, motivo pelo qual têm sido publicadas novas biografias. Todas essas possibilidades justificam-se dada a variedade da cena contemporânea e dada a necessidade de evitar a monotonia do pensamento com o acesso à pluralidade de discursos e perspectivas.

6 **Helen Caldwell**: crítica, escritora e professora estadunidense com tendência brasilianista. Foi precursora do movimento feminista nos EUA. Seu grande mérito foi inverter a leitura que se costumava fazer da obra de Machado de Assis. Até a sua intervenção, imputava-se a culpa à Capitu; Caldwell, entretanto, pôs Bentinho no banco dos réus. (Nota da **IHU On-Line**)

7 **Silviano Santiago**: crítico literário brasileiro. (Nota da **IHU On-Line**)

8 **Luiz Costa Lima** (1937): crítico literário brasileiro. Docente na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), é autor de inúmeros livros, como *Lira e Antilira: Mário, Drummond, Cabral* (Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1995), *Mimesis e modernidade. Formas das sombras* (2ª ed. São Paulo: Graal, 2003) e *História. Ficção. Literatura* (São Paulo: Companhia das Letras, 2006). Lima participou da **edição 221** da revista **IHU On-Line**, de 28-05-2007, sobre os 40 anos de *Cem anos de solidão*, de Gabriel García Márquez, com o texto "García Márquez: muito além de *Cem anos de solidão*". Confira também uma entrevista com Costa Lima, intitulada "O poeta das sete faces" e publicada na **IHU On-Line** número 232, sobre Carlos Drummond de Andrade, de 20-08-2007. (Nota da **IHU On-Line**)

9 **Alfredo Bosi**: poeta, tradutor e crítico literário, é professor de Literatura Brasileira na Universidade de São Paulo e membro do Instituto de Estudos Avançados da USP. (Nota da **IHU On-Line**)

10 **José Paulo Paes**: poeta, tradutor e crítico literário. (Nota da **IHU On-Line**)

"O lugar da fala machadiana é o do Outro, do discurso contra-hegemônico"

Eduardo de Assis Duarte considera a desconstrução de Machado de Assis irônica, indireta e de uma habilidade a toda prova

Por André Dick e Graziela Wolfart

Para Eduardo de Assis Duarte, professor de Literatura da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Machado de Assis, aos 21 anos, em seus primeiros escritos, "se opunha ao 'horror da instituição do cativeiro', para ficarmos com suas palavras de 1860, muito antes da questão ganhar as ruas. E, ao longo de sua vasta obra, mantém-se firme nesta posição. Foi, portanto, um abolicionista. Não há uma linha sequer em que defenda os senhores ou o direito de propriedade sobre seres humanos. Por outro lado, nunca foi um homem da polêmica, do confronto". Continua Eduardo, em entrevista concedida por e-mail à **IHU On-Line**: "Machado guarda o devido distanciamento crítico frente aos problemas e personagens que retrata, olha as elites de baixo para cima, com total liberdade". Ele organizou o volume *Machado de Assis afro-descendente: escritos de caramujo* (2 ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Pallas; Belo Horizonte: Crisálida, 2007). É autor, além disso, de *Jorge Amado: romance em tempo de utopia* (2 ed. Rio de Janeiro: Record, 1996) e *Literatura, política, identidades* (Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2005).

Eduardo de Assis Duarte possui graduação em Letras pela UFMG, mestrado em Literatura Brasileira, pela PUC-Rio, e doutorado em Teoria da Literatura e Literatura Comparada, pela USP. Trabalha em especial com os seguintes temas: literatura e alteridade; literatura afro-brasileira, romance, história, sociedade, Machado de Assis e Jorge Amado. Também coordena o projeto integrado de pesquisa afrodescendências: raça/etnia na cultura brasileira, com a participação de pesquisadores de diversas Universidades do Brasil e do exterior. Dentre os produtos do projeto, destaca-se o site Literafro, disponível no endereço (www.letras.ufmg.br/literafro).

IHU On-Line - O que as crônicas escritas por Machado de Assis e assinadas por pseudônimo revelam de mais interessante sobre o autor? Como aparece, nesse sentido, o viés político do escritor?

Eduardo de Assis Duarte – Revelam, acima de tudo, o cidadão, o "homem de seu tempo e de seu país", que já estava devidamente explicitado em forma de projeto estético (e ético) no artigo "Instinto de Nacionalidade", publicado em 1873. Machado tem uma compreensão absolutamente moderna da imprensa enquanto mídia e vê na crônica a possibilidade de se dirigir a um público mais amplo. O viés político se explicita através do posicionamento crítico do autor a respeito dos problemas que o país atravessava naquele momento de difícil superação do modo de produção herdado da colônia, que misturava capitalismo, escravidão e resquícios feudais.

IHU On-Line - Qual o posicionamento de Machado de Assis em relação à escravidão? Como definir o ponto de vista social na vida e na obra de Machado?

Eduardo de Assis Duarte – Aos 21 anos, já em seus primeiros escritos, Machado se opunha ao "horror da instituição do cativeiro", para ficarmos com suas palavras de 1860, muito antes da questão ganhar as ruas. E, ao longo de sua vasta obra, mantém-se firme nesta posição. Foi, portanto, um abolicionista. Não há uma linha sequer em que defenda os senhores ou o direito de propriedade sobre seres humanos. Por outro lado, nunca foi um homem da polêmica, do confronto. Temia as soluções de força, tinha sempre em mente a guerra civil norte-americana, e defendia uma saída não-traumática para o problema. Nessa linha, não há em sua obra nenhum líder quilombola, nenhum mártir da causa negra. Seu viés é outro, pois tinha consciência de que escrevia para a elite branca, daí optar por personagens

brancos retratados a partir de um olhar irônico, pessimista e profundamente crítico.

IHU On-Line - A que o senhor se refere quando identifica o lado "caramujo" de Machado de Assis?
Eduardo de Assis Duarte – O próprio Machado se autodefine como "o mais encolhido dos caramujos"... E, de fato, seus textos apontam para um projeto estético que estou chamando de "poética da dissimulação". O autor guarda o devido distanciamento crítico frente aos problemas e personagens que retrata, olha as elites de baixo para cima, com total liberdade. Mas sua desconstrução é irônica, indireta e de uma habilidade a toda prova. Muitas vezes, a insinuação toma o lugar da denúncia explícita, do repto, da acusação bombástica. Ao longo de todo o ano de 1880, por exemplo, ele consegue fazer o cadáver insepulto de Brás Cubas entrar semanalmente, capítulo por capítulo, nas casas dos leitores da *Revista Brasileira* e ainda ser aclamado por isto! Já nas crônicas, tal postura tem no pseudônimo o disfarce de autoria perfeito para explicitar mais suas posições e colocar os escravocratas contra a parede.

IHU On-Line - O senhor pode explicar sua teoria sobre as influências afro-descendentes na obra de Machado de Assis? Por que isso não aparece explicitamente?
Eduardo de Assis Duarte – Não sei se o termo influência é o mais correto. Em primeiro lugar, no século XIX, o eurocentrismo imperava e as culturas africanas não eram consideradas como parte da civilização. Por outro lado, o escritor ocupava cargo de confiança no governo imperial e tinha plena consciência da censura existente à livre expressão. Viu intelectuais serem perseguidos por suas posições políticas. Além disso, Machado sofreu um processo de embranquecimento de sua imagem, que vai desde os muitos retoques nas fotos até sua europeização literária, que o coloca como mero discípulo de Sterne e outros, uma espécie de Eça de Queiroz dos trópicos. Esse processo tem ainda um lado perverso, calcado nas muitas acusações de omissão e indiferença frente aos problemas sociais de seu tempo, especialmente quanto à escravidão. O fato é que, no tocante às relações entre brancos e negros, Machado não pensa e não se posiciona como o branco racista de seu tempo: não adota nem o discurso cristão do bom senhor e do escravo contente, que tantas Mães Joanas e Pais Joãos nos legou; nem o discurso do Positivismo ou do cientificismo darwinista, que rebaixa negros e mestiços como "raça inferior" e sofre pesadas críticas em várias obras suas (basta ver o "filósofo" Quincas Borba, a Eugênia, de *Memórias póstumas* ou o Simão Bacamarte de "O alienista"); nem adota em seus textos os estereótipos que rebaixam e aprisionam os afrodescendentes em imagens deturpadas e preconceituosas. O lugar da fala machadiana é o do Outro, do discurso contra-hegemônico, e sua ficção, sobretudo os romances, constrói a alegoria da decadência patriarcal e escravista.

"Machado tem uma compreensão absolutamente moderna da imprensa enquanto mídia e vê na crônica a possibilidade de se dirigir a um público mais amplo"

IHU On-Line - A partir de seu livro *Machado de Assis afro-descendente: escritos de caramujo*, como identificar o posicionamento do escritor em relação aos negros nas suas obras e na sua linguagem sutilmente irônica e dissimulada?
Eduardo de Assis Duarte – Nas crônicas e poemas como "Sabina" e "13 de maio", ou nos contos "Pai contra mãe", "Mariana", "O caso da vara" ou "Virginius", a elevação dos afro-brasileiros a uma posição de dignidade e respeito é mais evidente. O mesmo ocorre em algumas cenas de *Brás Cubas, Helena* e outros. Diria que tais textos funcionam quase como exceções. A poética da dissimulação comanda a construção da maioria dos escritos, voltados para a carnavalização e desconstrução das elites brancas e de seus pontos de vista. E, nesse contexto, ganha destaque a recorrência do tema da morte do senhor, presente em vários romances como indicador da decadência do patriarcado escravista.

IHU On-Line - Quais são as diferenças entre o Machado das crônicas, dos contos, da poesia e dos grandes clássicos (*Dom Casmurro*, *Memórias póstumas de Brás Cubas* e *Quincas Borba*)?
Eduardo de Assis Duarte – Creio que isto já mais ou menos respondido acima. A grande diferença para Machado estava no meio de comunicação. Na arena ideológica de seu tempo, utilizou-se bastante da imprensa como arma formadora de opinião. Mas tinha consciência da perenidade do produto jornalístico. Muitos dos textos escritos no calor da hora dos acontecimentos e publicados segundo o ritmo imposto às redações ficam de fora das coletâneas mais tarde editadas em livro. Basta dizer que, das centenas de contos veiculados em jornais ou revistas, só setenta e sete foram por ele editados em livro. Machado era dotado de um rigoroso critério de qualidade, a meu ver excessivo, e separava com muito zelo jornalismo de literatura.

IHU On-Line - O que faz de Machado de Assis um autor ainda contemporâneo?
Eduardo de Assis Duarte – O Brasil. Em grande medida, "ainda somos os mesmos", para citar aqui a letra de "Como nossos pais", do Belchior. Nenhum país vive impunemente mais de três séculos de escravidão. Hoje, ainda estamos sob o longo *day after* da abolição, um 14 de maio que se repete a cada dia. E, com isso, permanecem a corrupção, a desigualdade, a impunidade, a hipocrisia e tantos outros males herdados da colônia. Nossas elites se consideram acima da lei e a sucessão de escândalos, e sua diferenciada repercussão na mídia, é bom que se diga, prova a atualidade de Machado e a necessidade permanente de sua releitura.

Machado: falta fundamental de originalidade que se torna uma força de liberação

Para o professor e ensaísta João Cezar de Castro Rocha, Machado de Assis é um "desleitor de gêneros"

Por André Dick e Graziela Wolfart

Segundo o professor João Cezar de Castro Rocha, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), "Machado deixa claro que um autor criativo é, acima de tudo, um leitor malicioso da tradição, a qual então se torna um cardápio vasto e tentador, cuja lista de opções está para ser saboreada de forma apreciativa, para usar uma metáfora que Machado gostava em particular, ruminada quantas vezes fosse necessário para uma digestão apropriada, ou seja, a composição do próximo livro". Nesta entrevista concedida por e-mail à **IHU On-Line**, João Cezar fala ainda de diversos elementos dos contos e romances de Machado, além de abordar a questão do nacionalismo e a fundamental ligação do escritor com seu leitor.

João Cezar de Castro Rocha possui graduação em História, mestrado e doutorado em Letras e em Literatura Comparada, pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Realizou pós-doutorado na Freie Universität, Berlim. Atualmente, é professor da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). É autor de *Literatura e cordialidade: o público e o privado na cultura brasileira* (Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998), *O exílio do homem cordial: ensaios e revisões* (Rio de Janeiro: Editora do Museu da República, 2004), *Exercícios críticos — Leituras do contemporâneo* (Chapecó: Argos, 2008) e *Crítica literária — Em busca do tempo perdido?* (Chapecó: Argos, 2008).

IHU On-Line – Na sua opinião, por meio de seus personagens, Machado de Assis conseguiu compor, como Sérgio Buarque de Holanda, uma espécie de retrato do homem cordial brasileiro, por meio de sua análise situada entre o público e o privado?

João Cezar de Castro Rocha – Penso, por exemplo, no alferes Jacobina, de "O espelho". O personagem descobriu com alguma inquietude que o hábito faz o monge, não o oposto. Literalmente habituado a ser reconhecido pela patente, Jacobina descobre-se sozinho, ou melhor, cercado por escravos, possivelmente a forma mais cruel de solidão numa sociedade escravocrata como a brasileira. Muito em breve, principia a duvidar da própria existência (social). Na cortante formulação de Machado, "o alferes eliminou o homem". Vale dizer, sem o espelho proporcionado pelo olhar do outro, tornamo-nos invisíveis, sobretudo a nossos próprios olhos. Sérgio Buarque deve ter recordado o conto ao delinear a psicologia do brasileiro médio: "No 'homem cordial', a vida em sociedade é, de certo modo, uma verdadeira libertação do pavor que ele sente em viver consigo mesmo (...)". Essa dualidade comparece com força na obra machadiana.

IHU On-Line – Há um texto referencial, "Instinto de nacionalidade", em que Machado trabalha, mesmo que apontando traços negativos, com o conceito de nacionalismo da literatura. Ao mesmo tempo, apontam em Machado uma ausência da cor local. Como vê a ligação de Machado com a dita cultura brasileira como obsessiva. Alguém poderia pensar que ele imaginava numa literatura independente de outras?

João Cezar de Castro Rocha – Talvez seja possível reler a definição machadiana acerca do "instinto de nacionalidade". Proponho a seguinte possibilidade: Machado pensava no elo indissociável entre leitores efetivos e autores em potencial. Não será isso o que atribuiu aos escritores como tarefa na abertura do célebre ensaio? Vejamos: "Quem examina a atual literatura brasileira reconhece-lhe logo, como primeiro traço, certo instinto de nacionalidade. Poesia, romance, todas as formas literárias do pensamen-

to buscam vestir-se com as cores do país, e não há negar que semelhante preocupação é sintoma de vitalidade e abono de futuro. As tradições de Gonçalves Dias, Porto Alegre e Magalhães são assim continuadas pela geração já feita e pela que ainda agora madruga, como aqueles continuaram as de José Basílio da Gama e Santa Rita Durão".

O *instinto de nacionalidade*, portanto, é antes de tudo o impulso consciente de desenvolvimento de um *corpus* textual à roda de uma biblioteca determinada. Trata-se, então, de uma cadeia particular de leitores. Em outras palavras, trata-se da promessa de um universo virtual de autores. Em termos diretos, esse "instinto" na verdade refere-se à criação de uma tradição simbólica comum: a cultura brasileira.

IHU On-Line – De que maneira investiga os narradores de Machado de Assis, a partir da idéia de que aqueles empregados em suas crônicas podem se identificar com aqueles presentes em seus romances?

João Cezar de Castro Rocha – Na verdade, creio ter chegado a hora de relermos com cuidado um livro fundamental, porém infelizmente pouco discutido hoje em dia: *Realidade e ilusão em Machado de Assis*, de José Aderaldo Castello.[1] A releitura deste livro deve ocupar um papel destacado no futuro dos estudos machadianos, especialmente para os pesquisadores que estejam interessados no estudo da totalidade da obra de Machado de Assis. Castello identifica na crítica e na crônica machadiana, em seus contos e mesmo em sua correspondência, a disseminação de elementos recorrentes, cuja oportuna convergência ocorrerá nos romances da segunda fase.

A hipótese de uma possível contaminação entre os gêneros literários permitiria reunir perguntas que, isoladamente, já foram propostas por outros pesquisadores. Desse modo, em lugar de hipertrofiar os estudos em torno dos romances, especialmente os da segunda fase, poderíamos vislumbrar unidades temáticas e procedimentos estruturais presentes nos diversos gêneros exercitados pelo autor de *Esaú e Jacó*. Não é verdade que o autor da crônica, muito antes dos piparotes de Brás Cubas, tornara a irreverência a forma de lidar com o leitor apressado dos diários? Nos diversos modos de narrativa experimentados em quase oitenta contos publicados antes de 1880, não haverá um laboratório de idéias e de procedimentos, ressuscitados pelo defunto autor? Ora, na história da literatura não são raros os exemplos de nomes consagrados que realizaram percurso semelhante. Por fim, na atividade crítica não residirá uma importante via de compreensão de sua prosa? Sem dúvida, o exercício crítico machadiano domina todos os gêneros, pois constitui seu modo peculiar de examinar o mundo e de entender as relações entre os homens. Refiro-me, porém, à possibilidade de reler sua crítica, a fim de investigar se os seus critérios de avaliação trazem à superfície as obsessões que demarcaram seu lugar particular na família dos autores que se sabem sobretudo leitores. Em sua apreciação de autores, qual o peso exercido pela recusa da noção romântica de originalidade; pela valorização do ato de leitura como gesto criador; pelo caminhar sóbrio do narrador auto-reflexivo? No exercício da atividade crítica tais critérios já estavam claramente definidos como parte de uma hermenêutica machadiana, que posteriormente seria incorporada a sua própria ficção? Tais perguntas talvez estimulem uma renovação dos estudos machadianos.

"Sem dúvida, o exercício crítico machadiano domina todos os gêneros, pois constitui seu modo peculiar de examinar o mundo e de entender as relações entre os homens"

IHU On-Line – Há um entrelaçamento, em pontos específicos, além do estilo singular, entre os diferentes gêneros a que Machado se dedicou (crônicas, romance, conto, poesia, teatro)? Como situaria Machado em cada um deles? E por que o considera um "desleitor de gêneros"?

João Cezar de Castro Rocha – Machado dá as boas vindas à noção de uma falta fundamental de originalidade, que se torna uma força de liberação. Se não há possibilidade de se modelar como um escritor "original", então toda a tradição literária poderia ser livremente apropriada. Dessa forma, a fusão de Machado de vários séculos de tradição literária, gêneros literários e, acima de tudo, dos atos de leitura e escrita enunciam claramente o "anacronismo deliberado" de Jorge Luis Borges.[2]

Portanto, Machado transforma a noção de atraso, que acompanha o processo de modernização periférica, em um projeto crítico. Não é verdade que, no momento da predominância da escola francesa de comparativismo através do século XIX e as primeiras décadas do século XX, um autor "periférico" era comumente interpretado como o resultado de "influências" recebidas de escritores metropolitanos? Se era assim, Machado parece ponderar: permitir que este autor se torne de uma vez um leitor malicioso e, acima de tudo, um crítico cético com relação a hierarquias e glórias literárias. Machado deixa claro que um autor criativo é, acima de tudo, um leitor malicioso da tradição, a qual então se torna um cardápio vasto e tentador, cuja lista de opções está para ser saboreada de forma apreciativa, para usar uma metáfora que Machado gostava em particular, ruminada quantas vezes fosse necessário para uma digestão apropriada, ou seja, a composição do próximo livro. Mais uma vez, este é

1 **José Aderaldo Castello**: crítico literário brasileiro. (Nota da **IHU On-Line**)

2 **Jorge Luis Borges** (1899-1986): contista, poeta e crítico literário argentino. Foi dedicada a ele a edição 193 da **IHU On-Line**, de 28-08-2006, intitulada *Jorge Luis Borges. A virtude da ironia na sala de espera do mistério*. (Nota da **IHU On-Line**)

o dispositivo literário que transforma atraso em projeto crítico. A desleitura, portanto, representa a irreverência na apropriação da tradição.

IHU On-Line – É importante, na sua opinião, ligar a obra de Machado a acontecimentos históricos do país? Se sim ou não, de que modo ele consegue estabelecer uma relação entre o panorama sócio-político-cultural e seus livros, com um trabalho sofisticado com a linguagem?

João Cezar de Castro Rocha – Os leitores da obra de Machado de Assis sempre se preocuparam muito, e talvez de maneira excessiva, com os vínculos do escritor com a circunstância histórica que lhe coube — os tristes trópicos de 1839 a 1908, anos de seu nascimento e morte. Tudo se passa como se o criador estivesse condenado ao monótono papel de retrato do passaporte com o qual viaja. No ensaio "Notícia da atual literatura brasileira. Instinto de nacionalidade", o próprio autor ofereceu uma resposta aos afoitos hermeneutas do aqui e agora. Como se intuísse o teor de ressalvas que lhe seriam dirigidas, Machado anotou (para a posterioridade?): "O que se deve exigir do escritor, antes de tudo, é *certo sentimento íntimo*, que o torne homem do seu tempo e do seu país, ainda quando trate de assuntos remotos no tempo e no espaço". Machado não via a representação da história como um conjunto disciplinado de fatos, teleologicamente ordenados em seqüência linear, mas concebia a relação com o passado através da criação de uma forma narrativa determinada. Anote-se a força da intuição: o simples acúmulo de fatos não é suficiente para sustentar o discurso do historiador, ele depende de uma decisão de sentido arbitrária. Machado pôde então duvidar da existência de um "Grito do Ipiranga" nas letras brasileiras, pois a literatura obedece a ritmo particular, não necessariamente alheio ao calor da hora, mas nunca a ele submetido. Esse ponto deve ser destacado: não se diz que Machado não tematizou a realidade brasileira, o que seria o absurdo oposto, mas que o fez com um olhar, por assim dizer, de viés: olhava para o Brasil com lentes universais e para o universo da tradição literária através do horizonte descortinado pela Baía de Guanabara...

IHU On-Line – Segundo o senhor, Machado de Assis "era um plagiário confesso, porque foi o primeiro escritor da literatura ocidental a reconhecer que o autor é antes de tudo um grande leitor". Quais teriam sido os autores preferenciais do Machado-leitor? Esta reflexão não contraria a idéia de que Machado é um "gênio"?

João Cezar de Castro Rocha – Machado ofereceu uma bela homenagem a Shakespeare, a qual mais uma vez realça sua corrosão ponderada de conceitos tradicionais de autoria. Em um capítulo de *Dom Casmurro* apropriadamente intitulado "A Ópera," o narrador lembra a teoria curiosa de um velho tenor italiano, de acordo com a qual o mundo não seria nem um sonho nem um palco, mas uma ópera. Marcolino assim explica literalmente: "Deus é o poeta. A música é do Diabo (...)". Depois de sua expulsão do Céu, o Diabo roubou o manuscrito do Pai Celestial, e compôs a partitura que, a princípio, Deus não quis ouvir. Diante da insistência do Diabo, Ele decide apresentar a ópera, criando "um teatro especial, este planeta, e inventou uma companhia inteira." Alguns parágrafos mais tarde, o leitor encontra o corolário da teoria de Marcolino: "O elemento do grotesco, por exemplo, não deve ser encontrado no texto do poeta: é uma excrescência, colocada á para imitar *As Alegres Comadres de Windsor*. Este ponto é contestado pelos Satanistas, com aparência de razão. Eles dizem que na época em que o jovem Satã compôs sua ópera, nem Shakespeare nem seu entremez tinha nascido. Eles chegam a afirmar que a única genialidade do poeta inglês foi transcrever as palavras da ópera com habilidade e tão fielmente que ele parece ser o autor da composição; mas é claro que ele é um plagiário".

> **"Machado não via a representação da história como um conjunto disciplinado de fatos, teleologicamente ordenados em seqüência linear, mas concebia a relação com o passado através da criação de uma forma narrativa determinada"**

Isto talvez pareça um elogio estranho. Afinal de contas, como podemos reconhecer que um autor se supera em sua criação exatamente quando ele permite se tornar um plagiário original? O paradoxo parece inevitável, mas somente se mantivermos noções românticas de autoria, nas quais a "ansiedade de influência" é tão contagiosa (e infundada) quanto o ciúme de Otelo e Bento Santiago. Entretanto, se um autor encara sua própria situação como precária, então, o reconhecimento de "influências" anteriores (e vamos usar o termo para mencionar a teoria de Harold Bloom[3]) não pode ser experimentado como ansiedade; eles se tornam de preferência libertadores pois o ato de ser influenciado abre as portas da tradição literária como um todo. Então, dificilmente pode haver qualquer elogio mais honroso do que considerar um autor a metonímia autêntica de plagiarismo — Shakespeare.

Eu posso então concluir propondo outra definição do plagiário. Ele é um autor cuja originalidade é a consciência que nenhum autor deveria *desejar* ser retratado como "original". Afinal de contas, um escritor "original" é alguém que, em última análise, não é suficientemente bem lido ou cuja biblioteca só contém volumes desinteressantes. Se é verdade que existem autores que publicam mais do que escrevem, de maneira contrária, o plagiário é um autor que leu muito mais do que ele poderia um dia publicar.

---

3 **Harold Bloom**: crítico norte-americano, especialista em Shakespeare e autor de, entre outros, *O cânone ocidental* (Rio de Janeiro: Objetiva, 1995). (Nota da **IHU On-Line**)

UNISINOS

INSTITUTO HUMANITAS UNISINOS

IHU ON-LINE

Revista do Instituto Humanitas Unisinos

B.

Destaques da Semana

UNISINOS

INSTITUTO HUMANITAS UNISINOS

IHU ON-LINE

Revista do Instituto Humanitas Unisinos

B.

Destaques da Semana

Brasil em Foco

Governo Yeda Crusius: crise pode levar ao impeachment?

Para Sérgio Borjas, o *impeachment* no Brasil sofreu um processo de parlamentarização e passou a ser somente político

Por Patricia Fachin

"Os partidos nacionais, na luta pelo poder, estão soçobrando e afundando gradativamente e ficando sem respostas". A opinião é de Sérgio Borja, professor de Direito da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e da Pontifícia Universidade Católica (PUCRS). Em entrevista concedida por e-mail à **IHU On-Line**, Borja avalia a crise do governo gaúcho e comenta o pedido de impeachment a governadora Yeda Crusius, feito pelo advogado Pedro Ruas. Para Borja, dificilmente o processo vai seguir adiante, pois este procedimento, que deveria "ser um misto de jurídico e político, tornou-se eminentemente político". Assim, explica, "quando a presidência da mesa é do partido do governo ou da maioria governamental" acusada, "ela impede a ação, não permitindo que a mesma ande sob as mais variadas alegações". Para ele, as crises políticas nacionais apenas reforçam a idéia de que "estamos assistindo a um processo de desconexão lenta e gradual do Estado e da sociedade civil".

Sérgio Borja é graduado em Direito, pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos), e mestre na mesma área, pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

IHU On-Line - Os escândalos que marcam o governo de Yeda Crusius já podem ser considerados "crimes eleitorais"?

Sérgio Borja - Não há ainda relatório final de CPI que consolide uma posição veraz a respeito do que está havendo. Existem suspeitas e indiciamentos e já estamos na fase até de denúncias formais pelo Ministério Público. Mas as pessoas só podem ser consideradas culpadas se houver ou quando houver trânsito em julgado. O processo de impedimento pode ser iniciado através da denúncia de crime comum ou crime de responsabilidade, que é político. Este último não está sujeito à tipificação estrita, como no Direito Penal.

IHU On-Line - As acusações feitas ao governo e a crise atual na base governista levaram o PSOL a pedir o *impeachment* da governadora. Como o senhor percebe essa solicitação? Juridicamente, isso é possível?

Sérgio Borja - O Direito de Ação é abstrato, então qualquer pessoa pode pedir ou entrar no momento que achar oportuno, evitando a denunciação caluniosa ou injuriosa. Não sei que tipo de embasamento jurídico foi feito pelo advogado Pedro Ruas[1]: se foi *impeachment*, que envolve a responsabilidade política mais ampla, ou se foi embasado em delito comum. Agora vamos ver se esse pedido vai prosperar, pois este processo, que tinha, em primeiro lugar, uma fase que era similar ao inquérito policial, inquisitório, e, depois, uma fase de contraditório, na Assembléia, passou a ter, depois do precedente Collor,[2] só uma fase, que obviou o processo.

Eu sempre defendi a tese de que o processo de *impeachment* no Brasil sofreu um processo de parlamenta-

1 **Pedro Ruas:** advogado trabalhista e membro da direção nacional do Partido Socialismo e Liberdade (PSOL). (Nota da I**HU On-Line**)

2 Alteração na lei: o precedente Collor alterou a interpretação da Lei 1059, que rege o processo de *impeachment*, fazendo com que este, que obedecia a dois procedimentos no Legislativo com a mudança do bloco de constitucionalidade através da constituição de 1988, passasse a ser somente num momento. O Legislativo ou o Parlamento somente autoriza ou não, e o processo vai, se for crime comum, para o Superior Tribunal de Justiça. Se for crime de responsabilidade (político), ele é enviado para a Assembléia Legislativa na forma da Constituição Estadual. (Nota do entrevistado)

rização, pois passou a ser, depois do incidente com Collor, somente político. Ou se tem a maioria para facultar o andamento do processo, ou não se tem e ele não prospera. Via de regra, quando a presidência da mesa é do partido do governo ou da maioria governamental, ela impede a ação, não permitindo que a mesma ande sob as mais variadas alegações. O processo de *impeachment*, que deveria ser um misto de jurídico e político, tornou-se um processo eminentemente político, em que o *public outcry* (clamor popular) é a mola-mestra e essencial para o deslinde do processo. O precedente Collor faz com que os executivos, em qualquer nível federativo, não devam descuidar de suas maiorias porque, por qualquer pretexto político, poderão ser enquadrados num processo de *impeachment*. O inverso é verdadeiro mesmo se tendo razões. Uma maioria tranca o andamento do processo por razões políticas que não atendem um juízo de valor jurídico ou ético. O sistema imita o voto de desconfiança, ou melhor, emula, mas paradoxalmente não se alberga dentro da cultura política nacional, que não está ainda acostumada a isto. Então, alguns partidos, se sofressem um processo eminentemente político, sem razões jurídicas, diriam que estariam sofrendo um Golpe de Estado ou alguma outra coisa. A Constituição de 1988 egressa de um regime de força, que valorizou o Congresso e os Legislativos, fazendo com que, nos *cheks and controls* (freios e contrapesos), o Congresso fosse sempre consultado ou concordasse com o Executivo para viabilizar o governo. Assim é que os Executivos necessitam de maiorias (apoiadores no Congresso) nesta razão.

A disputa pelo poder

O país vive formalmente o pluripartidarismo. No entanto, materialmente ou substancialmente, existe um bipartidarismo endêmico, embasado no fisiologismo e que busca o poder pelo poder sem divisar o bem público. Estas maiorias, potencializadas pelo processo de corrupção do sistema constitucional, que foi a quebra do bloco de constitucionalidade histórico, colocando a reeleição ou possibilitando-a, criaram este tipo de procedimento pernicioso, que pode ensejar ditaduras congressuais, capazes de possibilitar, inclusive, como já venho denunciando academicamente há mais de 11 anos, em conferências e em meu livro *Projeto democrático* (Porto Alegre: Ricardo Lenz, 2001), a corrosão da tri-partição dos poderes. Digo isso porque a maioria instalada nos Executivos e nos Legislativos — coligadas — indicam por oito anos os juízes para as cortes superiores. Assim que o Estado Democrático (que é Político) de Direito (que é Jurídico) passa a ser somente Político, o Político não tem mais limites jurídicos, já que consolida-se nas três funções.

> **"A eclosão no cenário nacional do 'mensalão' e outros escândalos, nos estados de Minas Gerais e agora no Rio Grande, com o Caso Detran, vêm todos comprovar que minha tese tinha suas raízes, reais, incrustadas na realidade partidárias e institucional do país"**

IHU On-Line - Considerando a gravidade das declarações de Cézar Buzatto ao vice-governador, Paulo Feijó, o senhor afirma (no artigo intitulado "O impeachment da governadora Yeda", publicado no *Jornal do Comércio* do dia 10-06-2008) que não basta Yeda Crusius expurgar do governo quem é confesso em aceitar o convívio diuturno de práticas espúrias. Assim sendo, ela deve renunciar? Moral e legalmente que atitudes deveriam ser tomadas nesse momento? O gabinete de transição proposto pela governadora é uma saída para reestruturar o governo?

Sérgio Borja - A governadora, no compasso em que têm eclodido as diversas crises, tem, logo após, tomado a providência de solicitar a devolução dos cargos. Constatei, pela publicação dos jornais, que ela tomou o cuidado de pedir aos denunciantes que formulassem a denúncia por escrito. Assim, eu mesmo, que pensei entrar com o processo, como cidadão, não o fiz, porque este cuidado dela oblitera o seu nexo causal de responsabilidade sob alguma forma. Não foi o caso do presidente Lula, que resistiu até o último momento sempre que seus auxiliares eram denunciados e, quando não tinha mais remédio ou as evidências eram claras, demitia sob a retórica da "facada nas costas" ou do "eu não sabia". Acho que, se ela renunciar agora, esta atitude seria de confissão e adesão ao ato praticado pelos seus subordinados. Creio que ela tem de demitir, como tem feito, e solicitar inquéritos administrativos. Concomitantemente, deve solicitar o auxílio do Ministério Público, que de *motu proprio*, como *dominus litis*, irá, com certeza, tomar as providências cabíveis.

IHU On-Line - Como o senhor analisa a conversa gravada entre Paulo Feijó e Buzatto? O ex-chefe da Casa Civil procurou o vice-governador para pedir apoio e combater a corrupção ou para tentar cooptá-lo?

Sérgio Borja - Faz onze anos que eu peregrino pelo Rio Grande do Sul, num âmbito acadêmico, fazendo palestras e conferências, a convite da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB), denunciando um processo insidioso de adulteração dos freios e contrapesos e a dissolvência partidária que criam uma legitima geléia fisiológica no poder. A eclosão no cenário nacional do "mensalão" e outros escândalos, nos estados

de Minas Gerais e agora no Rio Grande, com o Caso Detran, vêm todos comprovar que minha tese tinha suas raízes, reais, incrustadas na realidade partidárias e institucional do país. A destruição do sistema de garantias constitucionais ou as adulterações casuísticas foram levando a este tipo de dissolvência.

O caso Paulo Feijó é o resultado de uma guerra de poderes partidários encruados no sistema constitucional e institucional. A *Folha de S. Paulo* noticiou, há alguns dias, que foram feitas 60.000 gravações pela Polícia Federal já neste ano em curso, sem contar os grampos determinados pelos sistemas estaduais. Vivemos, desse modo, uma cultura do "grampo". Se a pessoa não grava e grampeia, pode ser grampeado. E sendo grampeado não tem como explicar depois. Aí o indivíduo sai algemado e vira vagabundo, exposto ao opróbrio público, e depois ninguém tem condições de restaurar sua honra se, ao final do processo, não for condenado.

Considero que, no caso específico do vice-governador Paulo Feijó, ele agiu bem. Penso, inclusive, que ele, ao gravar a conversa e expor em público a gravação, ficou isento de qualquer acusação futura que possa colocá-lo como suspeito. Inclusive, acho criticável a posição de senadores e deputados do centro do país, do partido do mesmo, que o ameaçaram de expulsão. Eles fizeram isto porque não têm a base eleitoral no Rio Grande do Sul e, portanto, não receberiam uma resposta na urna, pelo eleitorado daqui, que é altamente ético e não reelegeria estas pessoas. Com relação às palavras do ex-secretário Cézar Buzatto, penso que elas são fiadoras da essência do que ele disse ou quis dizer, e só ele poderá interpretá-las. No contexto geral, percebo que ele foi de uma infelicidade atroz, ao supor que haveria a adesão do vice-governador a uma prática disseminada no governo.

IHU On-Line - Como o senhor tem percebido a atuação das CPIs em todo o país? O poder público está conseguindo cumprir com seu papel?

Sérgio Borja - A democracia deve ter superioridade perante o regime ditatorial. No entanto, esta democracia que vivemos não tem conseguido superar-se e mostrar a que veio. Assim, antes que ela reste sepultada sobre seus escombros, é necessária uma depuração dos atos que tornam ruim seu funcionamento, como a restauração do poder soberano do povo através de uma revogação da emenda da reeleição e da restauração do bloco de constitucionalidade histórica, que não permitia jamais a reeleição não só dos presidentes, mas dos governadores e prefeitos. Tão grave quanto isto é a instituição concomitante da "não desincompatibilização". Só assim, paulatinamente, voltaríamos a uma democracia real. A democracia partidária, do jeito que está, é péssima.

Como professor de Direito Constitucional e por crença filosófica, tenho fé numa verdadeira democracia, a do povo soberano, e não numa democracia feita e construída pela usura, pelo poder econômico, que financia as campanhas, e pela dissolvência das instituições, que, lamentavelmente, vemos condensar-se como um pesadelo na realidade cotidiana que nos cerca com escândalos que atingem a totalidade do sistema partidário. Não há partido que não esteja sofrendo deste mal, o que é lamentável. Ou o sistema se reprocessa ou o povo poderá preferir a insegurança jurídica e física que vivemos.

IHU On-Line - Que mudanças tornam-se necessárias para dar um andamento mais efetivo no julgamento de crimes de Estado? Por que Justiça é tão lenta?

Sérgio Borja - A Justiça não é lenta. Ela está assoberbada. Esta é outra tese minha. O nível de corrupção do Judiciário é baixíssimo e não é disseminado.

O que temos são alguns programas de rádio e televisão financiados por alguns daqueles que financiam campanhas eleitorais e que detêm concessões de serviços públicos. Eles denunciam a toda hora o Judiciário com críticas como: "O Judiciário não faz nada". Respondo: o Judiciário não é para fazer nada se não provocado. Ele é para ficar impassível, pois é regido pelo princípio *Nemo iudez sine actore* (não há juiz sem autor). Assim, o Judiciário tem de ser provocado pelas partes ou pelo Ministério Público, que é o *dominus litis* ou *custus legis*. Este é o Fiscal da Lei e ele tem legitimidade para a causa e para o processo. Creio que o Judiciário, no momento atual, repetindo o presidente Campos Sales[3], é a única barreira existente para a manutenção do que resta do Estado Democrático de Direito, em razão deste momento que vivemos de um processo insidioso e sistêmico, que perpassa pelo sistema partidário e que é repassado para as instituições através de um loteamento dos órgãos do poder. Este é feito por meio de cargos de confiança e de cabos eleitorais partidários, que transferem verbas e poder a este sistema eminentemente corrupto. Defender o Judiciário hoje e o Ministério Público é defender o Estado Democrático de Direito. Fazer o contrário é submeter o Judiciário a esta "democracia partidária", que tem demonstrado, de sobejo, de escândalo em escândalo, a que veio. Ou os partidos se retificam através do financiamento público e da extinção das coligações que dissolvem as ideologias, ou iremos inevitavelmente para um processo geral de entropia institucional.

IHU On-Line - A que o senhor atribui as crises políticas brasileiras? Os partidos políticos estão sem propostas? E, no que se refere às alianças partidárias, elas demonstram descaso para com os interesses do povo?

Sérgio Borja - Estamos sofrendo um mega-processo de impacto no âmbito externo, que é o processo de globalização. Os partidos nacionais, na luta pelo poder, estão soçobrando e afundando gradativamente e ficando sem respostas. O povo não está escutando a voz dos partidos. O sistema é feudal e clientelista. O povo vota para manter uma relação com um político e manter esta relação com o sistema formal do Estado.

Estamos assistindo a um proces-

3 **Manuel Ferraz de Campos Sales** (1841-1913): foi um advogado e político brasileiro, terceiro governador do Estado de São Paulo, de 1897 a 1898, presidente da República entre 1898 e 1902. Desenvolveu a chamada "política dos governadores", através da qual afastou os militares da política e estabeleceu a República Oligárquica, através da qual tentou obter o apoio do Congresso através de relações de clientelismo e favorecimento político entre o governo central, representado por si próprio enquanto presidente, estados, representados pelos respectivos governadores, e municípios, representados pelos coronéis. Era preservada a autonomia e independência dos governos municipais e estaduais desde que estes apoiassem a política do governo federal. (Nota da **IHU On-Line**)

so de desconexão lenta e gradual do Estado e da sociedade civil. Um fosso imenso está sendo construído. O Estado não atende mais às demandas da sociedade e não está mais a escutando. Ele só comparece com mais e mais impostos e tributos. A imensa dívida pública cresce e, como um grande *black hole*, vai tragando o que resta do Estado. Mas os partidos e os políticos, todos sem exceção, não contam ao povo a verdadeira catástrofe que estamos sofrendo. O povo não tem também mais esperanças e acho que não espera mais nada deste lado.

A ONU, cujos representantes não vivem como presidiários trancados em suas casas e sob o signo da violência, vem ameaçar os parâmetros de atuação do que resta da força pública. Será que ela está a serviço do capital privado também e quer nos colocar num regime de capangas? Pobre de nós, da classe-média, excluídos da classe obreira que não temos dinheiro para pagar milícias privadas. Temos hoje de pagar flanelinhas e seguranças que, sob o pálio do desemprego endêmico, arrumam a providência alternativa de, por conta própria, venderem segurança para a sociedade civil. É a sociedade dos zeladores. Mas que zela pelos seus interesses escusos, mas não pela República.

IHU On-Line - Como o Direito pode contribuir para sanar os problemas éticos presentes na base das instituições públicas?

Sérgio Borja - O Direito é, em termos de sociedade, o padrão mais alto de civilização que atingiu o ser humano. Dentro desta perspectiva toda, qualquer perda de referência jurídica e do Direito é um menosprezo em relação à civilização, à cultura e ao melhor de perfeição que conseguiu o ser humano na sua história no Planeta. Manter esta chama viva, a fim de orientar a ignorância, as más intenções e os interesses espúrios que teimam em derrogar este farol, é um desejo, ou mesmo um caminho de luta e abnegação, no sentido de manter a civilização e fazer com que ela ascenda a caminhos ainda mais perfeitos. Um farol na imensidão do mar e sob a tempestade é um alento para dar um norte.

Células-tronco embrionárias no STF. Um avanço?

Para o juiz Roberto Arriada Lorea, a lei que autoriza a pesquisa com células-tronco embrionárias está baseada na dignidade da pessoa humana, que impõe à ciência a busca de curas para males que tornam a vida indigna

Por Moisés Sbardelotto

Juiz de Direito em Porto Alegre, Roberto Arriada Lorea acredita que a decisão tomada pelo Supremo Tribunal Federal, que libera as pesquisas científicas com os embriões criados a partir da fecundação in vitro congelados há mais de três anos, constitui-se num marco histórico. "A decisão emancipou a população brasileira de uma concepção religiosa sobre quando tem início a vida humana e sobre quando esta começa a ser constitucionalmente protegida", afirma. Para ele, é 'injustificável' a "presença de um símbolo católico no plenário da Corte".

Em entrevista concedida por e-mail à **IHU On-Line**, Lorea afirma que a fundamentação da utilização de células-tronco embrionárias para pesquisa está baseada na defesa da vida. "A dignidade da pessoa humana impõe à ciência a busca de novas curas para males que em muitos casos tornam a vida indigna", explica.

Segundo ele, a ciência não pode se curvar a convicções religiosas, sob pena de recuar ao obscurantismo. "Do ponto de vista ético e social, a liberação das pesquisas significou um avanço, assegurando a independência do Estado relativamente às influências religiosas, o que fortalece a democracia", afirma. A partir de agora, diz Lorea, as pesquisas irão servir para salvar muitas vidas e assegurar dignidade a tantas outras. "Certamente, sofremos uma defasagem de três anos, pois nesse período estivemos à margem dos investimentos em pesquisas realizadas em outras sociedades", analisa.

Roberto Arriada Lorea é também mestre e doutorando em Antropologia Social, pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), e professor na Escola Superior da Magistratura. Também é membro da Red Iberoamericana por las Libertades Laicas e do Conselho Diretor da Comissão de Cidadania e Reprodução (CCR).

IHU On-Line - Qual é a sua avaliação da decisão tomada pelo STF, que julgou a validade constitucional do Artigo 5º e seus parágrafos da Lei de Biossegurança, que permite aos pesquisadores usarem, em pesquisas científicas e terapêuticas, os embriões criados a partir da fecundação *in vitro* e que estão congelados há mais de três anos?

Roberto Arriada Lorea - É preciso fazer uma distinção entre a lei e a decisão do STF. A lei em si nada mais faz do que acompanhar a tendência das sociedades democráticas, na busca pela cura de doenças através da medicina regenerativa. Quanto à decisão do STF, trata-se de um marco histórico, pois emancipou a população brasileira de uma concepção religiosa de quando

tem início a vida humana e de quando esta começa a ser constitucionalmente protegida. Até aqui, essa concepção religiosa dominava o imaginário coletivo, aí incluído o pensamento médio dos juristas.

IHU On-Line - Do ponto de vista do Direito e da Justiça brasileiros, qual é a sua avaliação da postura do Supremo Tribunal Federal, a mais alta instância do Poder Judiciário do Brasil, nessa questão, a partir dos seis ministros que votaram a favor das pesquisas e dos outros cinco que sugeriram mudanças na lei ao longo do processo?

Roberto Arriada Lorea – Ainda não pude ler a íntegra de todos os votos, mas acredito que pelo menos oito ministros rechaçaram a tese da proteção constitucional da vida desde a concepção. Esse resultado é promissor para os direitos das mulheres, pois, no ponto mais importante da decisão, no que se refere à proteção constitucional da vida desde a concepção, o resultado pode ter sido ainda mais progressista do que sugerem as primeiras repercussões.

IHU On-Line – Como o senhor vê o papel e o poder de decisão do Estado nas questões éticas, em um país extremamente heterogêneo moral, cultural e religiosamente como o Brasil?

Roberto Arriada Lorea – O papel do Estado é manter a igual liberdade de todos, sem endossar alguma doutrina religiosa em particular. Justamente essa decisão sinaliza que o STF passará a tomar em conta a diversidade, afastando-se de uma vinculação à religião católica, a qual ainda se manifesta na presença de um símbolo católico (injustificável) no plenário da Corte. As atenções agora se voltam para outros temas relevantes no que diz respeito à cidadania sexual, como é o caso da interrupção da gravidez nos casos de mal-formação fetal incompatível com a vida e, após, na descriminalização do aborto, tema que o Poder Legislativo se omitiu de solucionar e que por isso ficará a cargo do Poder Judiciário.

O respeito à diversidade implica na convivência democrática entre diferentes correntes de pensamento. Normas restritivas tendem a impor uma determinada corrente de pensamento, restringindo as liberdades.

> **"A decisão do Superior Tribunal Federal é um marco histórico, pois emancipou a população brasileira de uma concepção religiosa de quando tem início a vida humana e de quando esta começa a ser constitucionalmente protegida"**

IHU On-Line – Segundo embriologia e a biologia, o embrião já é considerado uma vida humana. E a Constituição brasileira destaca, no artigo 3º, como princípio fundamental, a dignidade da pessoa humana e, no artigo 5º, estabelece o princípio da inviolabilidade da vida humana. Nesse sentido, o embrião humano não deve ter o mesmo direito à proteção do Estado que as demais pessoas?

Roberto Arriada Lorea – Evidentemente que não. Se embrião, feto, nascituro e pessoa humana desfrutassem a mesma proteção jurídica, não teríamos os crimes de aborto nem de infanticídio, restando apenas o homicídio (matar alguém) para abranger todas essas hipóteses. O equívoco daqueles que defendem que o feto é uma pessoa humana fica evidenciado pela distinta punição para quem mata um feto (crime de aborto) e para quem mata uma pessoa (crime de homicídio). A decisão do STF, no caso das pesquisas com células-tronco embrionárias, cumpriu um importante papel na desconstrução do mito da proteção da vida desde a concepção. O que aconteceu nos últimos vinte anos foi que, embora os constituintes tenham rejeitado as propostas de incluir no texto constitucional a proteção da vida desde a concepção (vide páginas 7.419 a 7.422 do Diário da Assembléia Nacional Constituinte), o grupo conservador derrotado, estreitamente vinculado a movimentos religiosos, passou a difundir a falsa idéia de que o artigo 5º da Constituição protege a vida desde a concepção. Essa mistificação alcançou enorme êxito e contou com a participação de juristas de renome, como são os casos de Ives Gandra[1] e Cláudio Fonteles.[2] A conseqüência desse mito jurídico é que, agora, estudantes de Direito do país inteiro estão perplexos diante da decisão do STF, que nada mais fez do que respeitar a soberana decisão da Assembléia Nacional Constituinte. Se textos relevantes como a Resolução 23/81, da Comissão Interamericana de Direitos Humanos, Convenção de Belém do Pará, Conferência do Cairo e Conferência de Beijing fossem estudados nas faculdades de Direito, certamente o quadro geral seria outro, e os estudantes estariam melhor preparados para festejar a decisão do STF. Há mudanças necessárias no ensino jurídico, especialmente nos conteúdos de Direitos Sexuais, Direitos Reprodutivos e Laicidade.

IHU On-Line – Do ponto de vista ético, em que se pode fundamentar a utilização de células-tronco embrionárias para pesquisa?

Roberto Arriada Lorea – Na defesa da vida. Isso porque a finalidade das pesquisas é assegurar maior longevidade

1 **Ives Gandra**: jurista brasileiro. Confira nesta edição a entrevista exclusiva com Gandra, intitulada "Sempre que o Estado manipula a vida humana, como Hitler o fez, o direito se desumaniza". (Nota da **IHU On-Line**)

2 **Cláudio Lemos Fonteles**: subprocurador geral da República. Na edição 246, de 03-12-2007, *Células-tronco embrionárias: algumas ponderações éticas e científic*as, contribuiu com a entrevista "Embrião humano é vida humana". (Nota da **IHU On-Line**)

e, especialmente, através da cura de doenças degenerativas, resgatar uma vida digna àquelas pessoas que suportam sofrimentos enormes, em razão de doenças que poderão no futuro ser superadas através da medicina regenerativa.

IHU On-Line – Em sua opinião, até que ponto a ciência tem o direito de interferir na vida humana? Como proteger a dignidade e os direitos humanos nas pesquisas científicas? Até que ponto vai a autonomia dos cientistas?
Roberto Arriada Lorea – As restrições estão definidas na lei, e, em termos constitucionais, o limite é a dignidade da pessoa humana. Na hipótese dessa lei, não há conflito, pois a dignidade da pessoa humana impõe à ciência a busca de novas curas para males que em muitos casos tornam a vida indigna.

IHU On-Line – Duas posições marcaram fortemente toda a discussão a respeito da decisão tomada. Uma afirma que, para a ciência, nada pode ser considerado ilícito e que a liberdade científica é um valor primordial. Por outra parte, afirma-se que há a necessidade de se impor limites e controles éticos nas pesquisas em geral. Como estabelecer um possível consenso entre essas posições?
Roberto Arriada Lorea – Discordo da sua interpretação. Não foi essa a minha leitura da decisão. A posição do STF não atribuiu à ciência poderes ilimitados, apenas decidiu que a ciência não pode ser limitada por convicções religiosas. O STF afirmou que a interpretação do Procurador-Geral da República, Claúdio Fonteles, de que a Constituição protege a vida desde a concepção, decorre de sua visão particular (religiosa ou filosófica) de mundo, não do texto constitucional.

IHU On-Line – De acordo com a CNBB, uma das instituições que foi abertamente contra a liberação das pesquisas, em nota publicada após a decisão do STF, "não se trata de uma questão religiosa, mas de promoção e defesa da vida humana, desde a fecundação, em qualquer circunstância em que esta se encontra". Qual é a sua opinião sobre essa posição?
Roberto Arriada Lorea – Em primeiro lugar, é preciso ter a compreensão de que, em termos de representatividade, a Conferência dos Bispos não está legitimada a falar em nome da população católica brasileira, cujo entendimento do que é ser um bom católico está muito distante da doutrina sustentada pela hierarquia da Igreja Católica. Pode-se mesmo afirmar que, se fosse o caso de ouvir uma instituição católica que pudesse em alguma medida refletir o pensamento da maioria dos católicos brasileiros, essa instituição seria a Católicas pelo Direito de Decidir (CDD),[3] cuja postura em temas vinculados à sexualidade se revela melhor sintonizada com o pensamento médio dos católicos brasileiros. Contudo, o fato é que a população católica se faz ouvir através da eleição de seus representantes no Congresso Nacional, e no Congresso a aprovação da Lei de Biossegurança contou com uma maioria expressiva.

Quanto à defesa da vida desde a concepção, é preciso se perguntar por que não a defesa da vida dos espermatozóides e dos óvulos enquanto tais? Esses organismos também estão vivos e carregam o DNA. A multiplicação dos exemplos é desnecessária para demonstrar que a opção pela concepção como o marco inicial do começo da vida é, em termos científicos, aleatória. Por isso mesmo se revela uma opção de cunho religioso, dado que na doutrina católica está atrelada à inserção da alma no organismo. Essa doutrina já sofreu muitas alterações. Na suma teológica, por exemplo, São Tomás de Aquino não reconhecia aos embriões o acesso à vida eterna. Parece-me óbvio que a ciência não pode se curvar a convicções religiosas, sob pena de recuarmos ao obscurantismo.

Como o artigo 5º da Constituição veda ao Estado impor qualquer convicção religiosa, adotar a proteção jurídica da vida a partir do momento da concepção seria impor através do Estado uma determinada convicção religiosa, violando-se as liberdades laicas, que são constitucionalmente protegidas (artigos 5º, VI e 19, I).

De resto, é importante destacar que nesse episódio histórico, foi a comunidade científica que esteve a serviço da vida, não a CNBB.

IHU On-Line – A seu ver, não há uma divulgação exacerbada do tema, que leva a entender que as células-tronco embrionárias são a cura de todos os males? A utilização de células-tronco adultas, retiradas do próprio paciente, não seria uma alternativa mais viável do ponto de vista ético e social?
Roberto Arriada Lorea – Do ponto de vista ético e social, a liberação das pesquisas significou um avanço, assegurando a independência do Estado, relativamente às influências religiosas, o que fortalece a democracia. Portanto a utilização de células adultas não exclui as pesquisas com células-tronco embrionárias.[4]

Quanto aos resultados das pesquisas, de fato, pode ter havido eventual exagero de um ou outro defensor das pesquisas quanto às possibilidades imediatas de resultados. Exageros que podem ser atribuídos à intensidade do debate. Entretanto, esse eventual exagero não autoriza afastar a esperança de que, a longo prazo, as pesquisas sirvam para salvar muitas vidas e assegurar dignidade a tantas outras.

3 **Católicas pelo Direito de Decidir:** organização não-governamental de caráter feminista e ecumênico que advoga pela justiça social e mudança de padrões culturais e religiosos vigentes na sociedade. Defende, entre outros temas, o direito de aborto a qualquer mulher e o uso de células-tronco em pesquisas científicas. (Nota da **IHU On-Line**)

4 **Células-tronco embrionárias:** também conhecidas como células-mãe ou células estaminais, são células que possuem a melhor capacidade de se dividir dando origem a células semelhantes às progenitoras. As células-tronco dos embriões têm ainda a capacidade de se transformar, num processo também conhecido por diferenciação celular, em outros tecidos do corpo, como ossos, nervos, músculos e sangue. Devido a essa característica, as células-tronco são importantes, principalmente na aplicação terapêutica, sendo potencialmente úteis em terapias de combate a doenças cardiovasculares, neurodegenerativas, diabetes tipo-1, acidentes vasculares cerebrais, doenças hematológicas, traumas na medula espilhal e nefropatias. Sobre células-tronco confira as seguintes edições da revista **IHU On-Line** 134, de 28-03-2005, intitulada *Células-tronco embrionárias. Fronteira promissora da medicina?*, e 246, de 03-12-2007, *Células-tronco embrionárias: algumas ponderações éticas e científicas*. (Nota da **IHU On-Line**)

Trata-se de um campo do saber que está se tornando estratégico e poderá ser o diferencial entre os países que detêm esse conhecimento e aqueles que se tornarão periféricos em termos de medicina regenerativa. Nossa tradição de excelência em diversos campos da Medicina, certamente ficaria comprometida se essas pesquisas fossem proibidas ou severamente limitadas.

IHU On-Line – A partir da decisão tomada, do ponto de vista jurídico, quais são os próximos passos para as pesquisas e a utilização prática de seus resultados?

Roberto Arriada Lorea – O primeiro passo é recuperar o tempo perdido por conta dessa aventura jurídico-religiosa do Procurador-Geral da República. Certamente, sofremos uma defasagem de três anos, pois nesse período estivemos à margem dos investimentos em pesquisas realizadas em outras sociedades, onde a comunidade científica não foi ameaçada pela insegurança jurídica relativamente à autonomia da ciência frente aos valores religiosos.

IHU On-Line – Que medidas deveriam compor as políticas públicas desenvolvidas pelo governo brasileiro para que essas pesquisas com células-tronco embrionárias, agora permitidas, sejam acessíveis à sociedade em geral e não elitizados?

Roberto Arriada Lorea – O Ministério da Saúde tem desenvolvido projetos importantes, de abrangência universal, não elitista. Acesso à reprodução assistida — com tecnologia de ponta — está disponível no SUS. Contracepção de emergência também, assim como aborto seguro nos casos previstos em lei. Infelizmente, nossa mídia não valoriza essas iniciativas, prejudicando a divulgação dessas possibilidades à população que mais precisa e que não tem acesso à informação que não seja de grande mídia, como TV aberta e rádios populares.

O mesmo deverá ocorrer no caso das pesquisas com células-tronco embrionárias, cuja democratização do acesso irá depender, em grande medida, do acesso à informação disponibilizada pelos grandes meios de comunicação.

"Sempre que o Estado manipula a vida humana, como Hitler o fez, o direito se desumaniza"

Para o jurista Ives Gandra, pesquisas com células-tronco embrionárias ferem a dignidade do ser humano

Por Patricia Fachin

Contrário à utilização de células-tronco embrionárias para fins terapêuticos, o jurista Ives Gandra fundamenta sua posição nos ensinamentos da Ciência e do Direito. Em entrevista concedida por e-mail à **IHU On-Line**, ele argumenta que esse tipo de pesquisa "demonstra que dificilmente teremos qualquer cura" e, sendo assim, "não há porque destruir vidas humanas no seu estágio embrionário". Para ele, a vida começa na concepção e por isso, o Estado deve assegurar sua preservação. "Na primeira célula, todo o código genético da pessoa já está plasmado. E, se o embrião é uma vida, só pode ser vida humana", justifica.

Ives Gandra é graduado em Direito, especialista em Direito Constitucional, pela Universidade Mackenzie, e em Direito Tributário, pela Universidade de São Paulo (USP). Pela Universidade Mackenzie, doutorou-se em Direito, com a tese *Uma contribuição ao estudo da imposição tributária*.

IHU On-Line - Como o senhor recebeu a notícia da liberação das pesquisas com células-tronco embrionárias?

Ives Gandra - Apesar de considerar uma relativização do direito à vida e serem as pesquisas com célula-tronco embrionárias um fracasso mundial há pelo menos dez anos, e as pesquisas com células-tronco adultas serem muito mais promissoras, principalmente os efeitos pluripotentes por indução que os cientistas Thompson e Ymaka obtiveram, recebi com naturalidade. Por apenas um voto a inviolabilidade sem transigências ao direito a vida foi derrotada.

IHU On-Line - O senhor é contrário à utilização de embriões para pesquisas e terapias. Em que fundamenta sua posição?

Ives Gandra - Na Ciência e no Direito. Na Ciência, porque os fracassos sem nenhuma perspectiva de sucesso em todos os países demonstram que dificilmente teremos qualquer cura a partir destas pesquisas. E, se forem apenas por uma curiosidade científica que se realizam, não há porque destruir vidas humanas no seu estágio embrionário.

No Direito, porque a Constituição Federal fala em inviolabilidade do direito à vida (*caput* do art. 5º), o Código Civil (art. 2º) na garantia de todos os direitos do ser humano desde a concepção e o Pacto de São José (art. 4º) que a vida deve ser preservada desde a concepção. Por fim, no zigoto já há vida humana com todo o código genético de cada pessoa.

IHU On-Line - Cláudio Fonteles argumenta que as pesquisas com células-tronco ferem dois princípios constitucionais: a dignidade e a inviolabilidade da pessoa humana. Em que medida esses princípios

são violados em se tratando dessas pesquisas?

Ives Gandra - A dignidade do ser humano na sua forma embrionária é violada por sua destruição. Sobre a inviolabilidade, é porque a própria Constituição diz que "a vida é inviolável" (art. 5º, *caput*).

IHU On-Line - Como garantir a dignidade humana se, para a sociedade, a própria concepção de iniciação da vida é diferente? Como o Estado deve agir nesse caso?

Ives Gandra - Há um fato científico inconteste. Na primeira célula todo o código genético da pessoa já está plasmado. E, se o embrião é uma vida, só pode ser vida humana. A questão não é religiosa, mas a exclusivamente científica e jurídica. Sempre que o Estado manipula a vida humana, como Hitler o fez, o direito se desumaniza.

IHU On-Line - Se partirmos do princípio de que o embrião é uma pessoa, como julgar casos em que a mãe opta pelo aborto? Como garantir a dignidade humana e, ao mesmo tempo, a liberdade, autonomia de ambos sujeitos? É possível chegar a um consenso?

Ives Gandra - O aborto também atinge a dignidade do ser humano. O aborto é um homicídio uterino. Nenhuma mãe tem o direito de matar seu próprio filho, quando ele apenas depende dela para viver. Há matérias em que o consenso não é possível. As pessoas podem decidir o que quiserem e fazer o que bem entenderem, mas o fato único — e este incontroverso — é que o aborto é a destruição de uma vida humana, que depende exclusivamente de sua mãe para continuar a viver.

IHU On-Line - Quais são as emergências éticas que devem ser consideradas nas pesquisas com células-tronco embrionárias? Agora que regulamentadas, que aspectos e ações devem ser levados em consideração?

Ives Gandra - A manipulação genética com a destruição de embriões é sempre ilegítima; utilizar células do próprio organismo, reprogramando-as para permitir curas, não. É o que, aliás, se faz na medicina regenerativa (desvios de septos, correções de atrofias variadas etc.).

Entrevista da Semana

Nós sempre fomos ciborgues. Isso é da natureza da sociedade humana

Desejamos ser máquinas e estamos reconstruindo nossos corpos, destaca Timothy Lenoir, filósofo da ciência da Duke University. De uma certa forma, sempre fomos híbridos, acredita

Por Graziela Wolfart e Márcia Junges

Em entrevista concedida pessoalmente, sobre sua conferência "Biotécnica, nootécnica e nanotécnica. Os desafios para as ciências humanas", proferida em 27 de maio, dentro da programação do *Simpósio Internacional Uma sociedade pós-humana? Possibilidades e limites das nanotecnologias*, o filósofo Timothy Lenoir foi enfático: "Nós já somos híbridos. Algumas outras pessoas diriam que nós sempre fomos ciborgues, ou seja, sempre fomos híbridos de uma certa forma. Essa é simplesmente a natureza da sociedade humana. A sociedade humana criou e desenvolveu o humano, o desenvolveu em uma estreita combinação e diálogo com a tecnologia". Para ele, "nós já passamos há muito da divisão homem/máquina". O fato é que nós apenas não sabíamos disso. E ele continua: "Nós desejamos ser máquinas, estamos tornando a natureza em máquinas e utilizando processos naturais agora compreendidos como máquinas para reconstruir o corpo, reformá-lo".

Lenoir é professor de História e catedrático do Programa de História e Filosofia da Ciência da Duke University, nos Estados Unidos. Possui extensa lista de publicações sobre a história da matemática no século XVII, história da biologia e fisiologia alemã no século XIX, sobre o impacto do uso da informática nas ciências, o conceito e implicações da tecnociência, e sobre a produção de materiais digitais para a pesquisa na área de filosofia e história das ciências. Entre seus temas de interesse atual, está a discussão da necessidade de se repensar um papel para as humanidades à luz dos grandes avanços tecnológicos, propondo o que chama de tecnohumanismo. De sua produção bilbiográfica, destacamos *Política e templo da ciência. Pesquisa e exercício do poder no Império alemão* (Frankfurt/Main: Campus Verlag, 1992) e *Instituindo a Ciência. A produção cultural das disciplinas científicas* (São Leopoldo: Editora Unisinos, 2004). Ele proferiu duas conferências no *Colóquio Internacional Filosofia e Ciência: Redesenhando Horizontes*, promovido em 2004 pelo Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Unisinos. A primeira teve como título "Réquiem para o Cyborg", e a segunda, que encerrou o Colóquio, "Inventando a universidade empreendedora: Stanford e a co-evolução do Vale do Silício".

IHU On-Line - O que o senhor entende por tecnohumanismo e como podemos associar esse conceito com as discussões acerca da nanotecnologia e do pós-humano?

Timothy Lenoir – Quando me refiro ao termo tecnohumanismo, parto da concepção de que tudo hoje é tecnociência. Antigamente, quando as pessoas faziam ciência, ela tinha alguma relação com a tecnologia. Hoje, contudo, a ciência *é* a tecnologia, ou seja, não existe distinção entre as duas. O objetivo dos cientistas é compreender as máquinas para que possamos fazer melhor. Isso mudou toda a noção de natureza de várias formas. Não há uma natureza independente lá fora: a natureza é fundamentalmente uma máquina. Para que pudéssemos entendê-la melhor, basicamente tivemos de transformar a natureza em uma máquina. Então, levar isso ao seu limite máximo seria o programa de nanotecnologia que Drexler[1] descreveu em sua fala neste Simpósio. Ele é um visionário, um tipo de promotor desse programa desde os anos 1980.

Em última análise, devemos controlar a natureza em nível submolecular, poder controlar a posição dos átomos, sua posição e organização, transformando-os em máquinas em diferentes níveis, diferentes custos, e assim por diante. Então, no meu modo de ver, o tecnohumanismo é um esforço para tentarmos entender as questões da humanidade, a mortalidade da alma, questões típicas do humanismo. O tecnohumanismo está tentando engajar a humanidade (ou as humanidades) nessa nova forma de ciência, ciência/engenharia, à qual eu chamo tecnociência.

"O que está acontecendo com a nanotecnologia é muito mais audacioso, um processo muito mais transformador do que parece, que pensa a natureza como já sendo uma máquina"

IHU On-Line - Como o senhor acha que a sociedade recebe e lida com as novas tecnologias? Ela está preparada para os avanços da nanotecnologia?

Timothy Lenoir - Penso que todos nos tornamos entusiastas da tecnologia. Ninguém parece não querê-la. É como o ar que respiramos. De fantásticos dispositivos de gravação, passando por iPods nano, computadores e praticamente tudo à nossa volta. Até na moda as pessoas estão usando nanotecnologia para fazer novos tipos de tecidos — tecidos que não mancham nem requerem costura. Você pode, inclusive, fazer materiais autoconstituíveis. Penso que as pessoas têm um grande desejo por tecnologia, em todo lugar. Não acho que seja apenas nos EUA, nem na Europa, apenas. Aqui no Brasil, e em outros lugares também, as pessoas desejam tecnologia. A questão é como tirar benefícios dela.

IHU On-Line – Quais são as principais implicações éticas da nanotecnologia?

Timothy Lenoir - Existem problemas parecidos com os de toda nova tecnologia, como o acesso e a disponibilidade desta tecnologia para outras pessoas. Nesse momento, os principais investidores em nanotecnologia são os militares. Para mencionar apenas um exemplo, lembro sobre o desenvolvimento de sensores de todos os tipos, cruciais para os militares. Eles estão envolvidos em desenvolver isso usando nanotecnologia, assim como na medicina. Mas acho que é muito importante se pensar não apenas nos benefícios econômicos que isso possa trazer, mas quais são os potenciais impactos sociais dessas tecnologias, quem se beneficia disso, quem precisa usá-las, ou decidir sobre quais tecnologias serão disponibilizadas? Isso traz junto alguns tipos de questões e responsabilidades éticas. Nós produzimos esse tipo de material? Sabemos que efeitos terão? Que tipo de controle e de regulação devemos ter sobre isso? Uma das preocupações é que haja um diálogo mais profundo entre as pessoas que produzem novas tecnologias e aquelas pessoas conseguem usá-las e promovê-las. Acho que o problema é que todos assistimos à televisão, nos tornamos entusiastas dessas tecnologias e as desejamos. Elas são máquinas de desejar e criam outras máquinas de desejar, nomeadamente nós. Precisamos estar conscientes disso e criarmos um diálogo sobre essas questões. Como fazermos isso é a questão difícil. Isso é importante: como orquestrar essa demanda com a sociedade. Trata-se de uma questão crítica.

IHU On-Line - Que mudanças podemos vislumbrar no corpo humano com a introdução das nanotecnologias? Como será o corpo do homem pós-humano? Será um ser híbrido?

Timothy Lenoir - De certa forma, já passamos por isso. Nós já cruzamos essa ponte; já somos híbridos. Algumas outras pessoas diriam que nós sempre fomos ciborgues, ou seja, sempre fomos híbridos de uma certa forma. Essa é simplesmente a natureza da sociedade humana. A sociedade humana criou e desenvolveu o humano, numa estreita combinação e diálogo com a

1 **Eric Drexler**: engenheiro e nanotecnólogo, considerado como o pai da nanotecnologia. Em 1980 popularizou o termo nanotecnologia através do livro Engines of creation (Motores da criação) e tornou-se o dono do primeiro PhD em nanotecnologia do mundo. Escreveu seu primeiro artigo sobre o tema na revista *Proceedings of the National Academy of Sciences*, em que fala sobre a possibilidade de reproduzir mecanicamente a atividade biológica celular. Durante todos estes anos, Drexler vem estudando as amplas possibilidades que as nanotecnologias podem propiciar para o desenvolvimento dos sistemas das sociedades. Leciona na Universidade de Massachusetts. Foi um dos conferencistas do "Simpósio Internacional Uma sociedade pós-humana? Possibilidades e limites das nanotecnologias", com a conferência "Os nanosistemas. Possibilidades e limites para o Planeta e a sociedade", no dia 27-05-2008. Confira a entrevista exclusiva que concedeu à edição 259 da revista **IHU On-Line**, de 26-05-2008, intitulada "Nanotecnologia para aumentar a habilidade humana". (Nota da **IHU On-Line**)

tecnologia. De certa forma, eu discordo da forma com que Drexler caracteriza a nanotecnologia. É fantástico o que ele está fazendo, o que falou. No entanto, o que Drexler descreve é um universo muito mecânico, constituído por máquinas, no qual fazemos ferramentas que fabricam outros tipos de ferramentas, as quais se autoconstituem em outros tipos de máquinas. É basicamente pensar em tentar aplicar esse conceito de máquina à natureza e ao ser humano, e assim por diante.

Então, para mim, o que é realmente interessante na nanotecnologia que está sendo desenvolvida é que a mais precisa máquina que conhecemos é o ribossomo[2] dentro da célula. É um tipo de máquina que faz produtos muito precisos, proteínas, e moléculas que organizam o corpo. Esse é um exemplo para mostrar que, para se construir máquinas como as descritas (ribossomo), as pessoas estão controlando máquinas biológicas. Elas estão controlando máquinas celulares para que essas coisas funcionem, para criarem autoconstituição, para criar precisas organizações de/em nível atômico. O que está acontecendo é que estamos potencializando a biologia e a transformando em uma máquina. Costumávamos ter esse tipo de divisão natureza/cultura, natureza/humano, natureza/animal, humano/animal. O que está acontecendo é que essa divisão está sendo suprimida. Não há mais separação. Costumávamos pensar na natureza como se fôssemos uma máquina. E, quando usamos analogias do tipo "a máquina funciona dessa forma", podemos usá-las como modelo para entender como as células e outras coisas funcionam.

A natureza como máquina

O que está acontecendo com a nanotecnologia é muito mais audacioso, um processo muito mais transformador do que parece, que pensa a natureza como já sendo uma máquina. Desse modo, melhoramos, nas máquinas, as falhas que poderíamos cometer. Só precisamos controlar as ferramentas da biologia. Essa é uma das coisas que está acontecendo. Acho que é interessante voltar à questão original, sobre o híbrido humano-máquina. Então, por exemplo, um cientista brasileiro muito famoso que trabalha na universidade em que atuo, a Duke University, Miguel Nicolelis,[3] fez interfaces cérebro-máquina. Isso é um exemplo de controle da biologia do cérebro para permitir que animais e pessoas — para propósitos beneficentes, para pessoas paraplégicas ou tetraplégicas — sejam capazes de pensar o que gostariam que seus membros fossem capazes de fazer e ter isso traduzido para um sinal de computador, e assim por diante.

Então, há essa integração acontecendo, entre a máquina e o cérebro de forma muito poderosa. Há outras tecnologias similares que as pessoas estão desenvolvendo. Estamos desenvolvendo interfaces maquínicas que então tornam-se parte do corpo. A maioria das pessoas diz: "Isso é fantástico, não tem problema: pessoas que têm problemas de visão agora podem colocar chips que as ajudem". Mas há outras dimensões: "Por que apenas restaurar a visão, por que não torná-la melhor? Por que não criar um chip que faça visão de infravermelho também?", o que tem implicações militares óbvias se você for capaz de usar visão infravermelha para se movimentar por aí. Acho que a resposta à sua questão é: já passamos há muito da divisão homem/máquina, apenas não sabíamos disso. Parece uma coisa muito poderosa e controversa, mas o que estamos fazendo, nesse meio tempo, é criar uma nova ideologia, que afirma que sempre fomos ciborgues, sempre fomos máquinas, e isso facilita. Lembro aqui do que Deleuze[4] chama de "máquina de desejo". Basicamente, o que estamos fazendo é criar máquinas de desejo: desejamos ser máquinas e estamos transformando a natureza em máquinas, utilizando processos naturais, agora compreendidos como máquinas, para reconstruir e reformar o corpo.

Um dos lugares mais poderosos em que se vê isso é nos esportes. As pessoas estão chateadas porque os atletas estão tomando *dopping*. Mas os atletas sempre fizeram qualquer coisa que lhes desse algum tipo de ligeira vantagem sobre seus concorrentes. Agora existem laboratórios onde as pessoas estão seriamente buscando vários tipos de neuromúsculos para implantes, vários tipos de coisas que estimulem os atletas a atingir maiores níveis de performance. Há discussões sobre formas de detectar o que as pessoas suspeitam que estará acontecendo nas Olimpíadas da China, onde haverá novos tipos de tecnologia genética dificilmente detectáveis e que permitirão que o corpo produza mais hemoglobina para um melhor transporte de oxigênio. Então, já estamos nesse nível, e a questão é "o que fazemos?".

IHU On-Line - O senhor desenvolveu um projeto de aprendizagem com base em jogos, tendo em vista a Paz Virtual. Pode explicar um pouco melhor essa idéia que lhe rendeu o prêmio MacArthur?

Timothy Lenoir - Da última vez que estive aqui na Unisinos, eu falava sobre videogames feitos em mídia digital e a propriedade potencialmente

2 **Ribossomos**: originados nas células eucariotas do nucléolo, podem ser encontrados espalhado no citoplasma, presos uns aos outros por uma fita de RNA formando polissomas, ou grudados nas membranas de uma estrutura chamada retículo endoplasmático (formando assim o retículo endoplasmático rugoso ou granular). (Nota da **IHU On-Line**)

3 **Miguel Angelo Laporta Nicolelis** (1961): médico e cientista brasileiro. Lidera um grupo de pesquisadores da área de neurociências na Universidade Duke, nos EUA, que estuda as tentativas de integrar o cérebro humano com as máquinas (neuropróteses ou interfaces cérebro-máquina). O objetivo das pesquisas é desenvolver próteses neurais para a reabilitação de pacientes que sofrem de paralisia corporal. Atuando na área de fisiologia de órgãos e sistemas, Nicolelis é responsável pela descoberta de um sistema que possibilita a criação de braços robóticos controlados por meio de sinais cerebrais. O trabalho está na lista do Instituto de Tecnologia de Massachusetts (MIT) sobre as tecnologias que vão mudar o mundo. Confira a entrevista "A ciência pode ser um agente de transformação social", concedida por Nicolelis à revista *Caros Amigos* edição 134, de maio de 2008, p. 30-37. (Nota da **IHU On-Line**)

4 **Gilles Deleuze** (1925-1995): filósofo francês. Deleuze, assim como Foucault, foi um dos estudiosos de Kant, mas tem em Bergson, Nietzsche e Espinosa, poderosas interseções. Professor da Universidade de Paris VIII, Vincennes, Deleuze atualizou idéias como as de devir, acontecimentos, singularidades, conceitos que nos impelem a transformar a nós mesmos, incitando-nos a produzir espaços de criação e de produção de acontecimentos-outros. (Nota da **IHU On-Line**)

transformadora dessas tecnologias, e alguém me fez essa pergunta aqui, o que foi muito bom: "Você não está se tornando mais do que um entusiasta, um apoiador? Você fala sobre essas tecnologias militares de modo que os usos militares estão ganhando tecnologia para melhorar suas habilidades. Você não está no processo de fazer isso se tornando um apoiador?". Decidi que essa é uma pergunta muito importante. Ao longo dos anos, eu fiz muito mais pesquisas sobre esse tópico específico e me tornei realmente interessado na forma pela qual os militares estão aproveitando a forma com que outras pessoas estão modificando sua tecnologia e a apresentando. Então, o Hezbollah[5] desenvolveu sua própria versão — estudei todo esse game *on-line* gratuito, chamado *America's Army* [O exército da América], usado para recrutar pessoas para as forças militares dos EUA, mas que também tem a capacidade de determinar que a pessoa, enquanto jogador, participando desse game, qual papel militar melhor desempenharia, transformando isso numa maneira que mensure sua performance e os tipos de emprego em que você teria melhores habilidades nas forças militares. Da forma que você coloca o código na Internet, outras pessoas podem pegá-lo e criar uma modificação [*mod*] desse game. Então o Hezbollah tem sua própria versão desse mesmo jogo, com a qual eles treinam.

O que fazemos tem feito crescer o potencial de violência no mundo por espalhar essa tecnologia e por causa dessa natureza viral dessa tecnologia e da forma como ela funciona, de modo que as pessoas podem obtê-la, modificá-la, mudar seus propósitos etc. Para mim, em vários sentidos, isso está totalmente fora de controle. Acho que seria muito bom se pegássemos essa tecnologia e a usássemos para a paz. Então, a minha idéia era: por que não pegar essas tecnologias que estão tendo usos militares para treinar essas forças especiais para irem a lugares como Afeganistão e Iraque, conduzindo missões muito delicadas? Por que não pegar essa mesma tecnologia e mudar seu propósito, basicamente recodificando-a e reciclando-a para fazer paz e para a resolução de conflitos? Esse é o objetivo do programa.

"Estamos ou não sendo reprogramados? Estão ou não nossos cérebros se tornando diferentes de forma muito significativa?"

Eu, na verdade, estou colaborando com a mesma empresa que fez o America's Army na construção desse recurso. E, como modelo, utilizamos o Furacão Mitch,[6] da Nicarágua. Temos um modelo para construir outros tipos de cenários de paz e resolução de conflitos.

IHU On-Line - Como o senhor percebe as possibilidades dos cientistas de modificar um embrião humano, criando um embrião híbrido (humano-animal)? Essas mudanças também compõem o novo mundo pós-humano?

Timothy Lenoir - Existem muitas fantasias sobre modificar o genoma. Um dos objetivos daqueles que trabalham no campo da nanotecnologia, na Medicina, são realizados, em última instância, para racionalizar sobre por que devemos fazer isso para resolver doenças genéticas e todos os tipos de problemas. Não vejo muito futuro nisso. Acho que já estamos construindo híbridos. Existe, inclusive, a possibilidade de mesclar animais com humanos. Pegar seqüências de genes de animais que têm sucesso em vários tipos de coisas e integrá-los em nós. Quem sabe? Precisamos de programas muito complicados para compreender quais dessas possibilidades são válidas e o que poderíamos fazer, ou não. Devo dizer, contudo, que é muito complicado domar a natureza de forma que possamos predizer algo.

IHU On-Line - Quais são os principais aspectos que o senhor abordou na conferência do Simpósio?

Timothy Lenoir - Antes de ouvir Drexler no Simpósio, eu planejei uma certa fala e suponho que eu tenha que permanecer com ela. Entretanto, terei que fazer algumas mudanças. O tema da conferência é quais são os limites para o humano? Estive preocupado com isso recentemente. Como disse anteriormente, já somos ciborgues. Drexler e alguns outros cientistas falaram sobre a singularidade que está próxima. Em algum momento dos próximos 25 anos, eles predizem, como resultado do que está acontecendo na nanotecnologia e na informática, que a fusão entre nanotecnologia, biotecnologia e tecnologia da informação irá criar máquinas inteligentes. Já estamos confiando em máquinas inteligentes para fazerem muitos de nossos trabalhos. Essas coisas irão se tornar cada vez mais poderosas, e eventualmente elas precisarão decidir se ainda precisam de nós. Então, a singularidade é quando humanos se fundem com máquinas — é essa a idéia. Assim, no princípio, me perguntei se já havíamos feito isso, mas, por outro lado, há questões como: "O quão possível é isso?", "isso é realmente possível?", "o que queremos dizer quando pensamos sobre isso?". Então, minha fala utilizou bastante tempo em busca da primeira singularidade. A primeira singularidade é a invenção do humano, para começar. Ou seja, na minha visão e linguagem, seres humanos são a única espécie que manipula simbolicamente espécies, o que possibilita a criação do "eu".

5 **Hezbollah:** organização política e militar dos muçulmanos xiitas do Líbano, criada em 1982 no contexto da invasão de Israel ao sul do Líbano. (Nota da **IHU On-Line**)

6 **Furacão Mitch**: um dos mais destruidores ciclones tropicais no Oceano Atlântico. Alcançou ventos de mais de 290 km/h, considerado de categoria 5 pela Escala de Furacões Saffir-Simpson. Devastou a América Central entre 22 de outubro a 5 de novembro de 1998. Foi o pior furacão dos últimos 200 anos e o segundo maior em número de mortes, cerca de 18 mil. Afetou Honduras, Nicarágua, El Salvador, Guatemala, Península de Yucatan e o Sul da Flórida. (Nota da **IHU On-Line**)

Um novo eu

Uma das questões que cercam a pós-modernidade é a dissolução do "eu". É uma questão que surge com a tecnologia moderna, e, particularmente, com todos esses dispositivos que estão ao nosso redor. Além disso, ela também está presente na forma com que cada vez mais nos integramos em ambientes inteligentes, em que máquinas interagem conosco. Existem muitas discussões, hoje, sobre como os jovens, pessoas da nova geração, podem escrever mensagens com 10 janelas de texto abertas e escutar a uma reprodução de áudio no Google, e todas essas coisas ocorrendo ao mesmo tempo. Estamos ou não sendo reprogramados? Estão ou não nossos cérebros se tornando diferentes de forma muito significativa? Uma das coisas que observo é que chegamos a um ponto em que todo novo regime midiático constrói um novo sujeito. Você pode endossar evidências disso nas sociedades não alfabetizadas, pessoas que não lêem nem escrevem. Seus cérebros são equipados de outra forma, têm neuroestruturas diferentes daquelas que lêem e escrevem. Então, escrever instala no cérebro seu próprio sistema, e a questão é se a nova mídia instala um novo tipo de sistema e o que acontece com o "eu". Muitas pessoas celebram isso, de que estamos nos tornando múltiplos, "eu sou o eu que '*googleia*'". Todas essas novas mídias estão nos construindo de novas maneiras.

Penso que o paralelo que estava fazendo antes é: há um limite? Há um limite na multiplicidade de "eus"? Ian Hacking[7] fez essa pergunta. No início, eu fui resistente à resposta dele, que fala da existência de um limite. Fui, durante anos, um entusiasta da tecnologia em busca do "ser múltiplo", mas hoje eu me pergunto se há ou não limites para isso. O que ouvimos na ciência, nos anos 1990 e início dos anos 2000, é que o "eu" é uma miragem, uma espécie de construção artificial, e que não há realmente função para ele. Isto é, ele pode se tornar múltiplo ou desaparecer, o que seja, não há importância. A minha visão é diferente agora. Infelizmente, na minha fala no Simpósio, não chegamos a uma conclusão. Eu, no entanto, cheguei a uma, depois de escrever a fala. E passei muito tempo, desde que escrevi a fala, fazendo mais pesquisas sobre as várias opiniões dos neurobiólogos sobre a função do "eu" e se poderíamos ou não dispor dele e qual seria o seu significado nesses ambientes altamente midiáticos.

IHU On-Line – Você acredita que a nanotecnologia pode provocar uma nova revolução como a que vemos ultimamente com a escrita, a TV, computadores? Estamos nos encaminhando para algo maior?

Timothy Lenoir - Penso que nos encaminhamos para algo maior. Uma das coisas com as quais me decepciono e que gostaria de ter chance de me aprofundar mais é sobre o impacto social dessas nanotecnologias. Acho que já vimos isso na biotecnologia. Se você olhar para trás, para a História, uma das coisas que aconteceram na biotecnologia que tiveram sucesso, se nos focarmos em desenvolvimento, é o projeto do genoma humano e a idéia de seqüenciar os genes, e assim por diante. Então, essas coisas que podem se tornar digitais se tornam os focos da biotecnologia, se tornando o "caldo" da globalização. A biologia da revolução digital fez a biotecnologia conveniente para a globalização. É por isso que as multinacionais estão tão interessadas nisso. A nanotecnologia levará isso a algo ainda mais extremo. E a questão é: quais são as implicações sociais, as transformações sociais que resultarão? Muitas pessoas enxergam a globalização como apenas uma outra forma de ideologia de corporações multinacionais. Existem grandes corporações com base na Europa, nos EUA, em qualquer lugar, utilizando esses contatos para seus próprios propósitos. Mas, na verdade, me parece que as coisas vão em uma direção bastante incontrolável no momento. Afinal, essas redes globais têm transformado o Planeta diversas e imprevisíveis formas, e acho que devemos refletir sobre isso. Não penso que seja só uma questão de controlar o terrorismo. Também não acredito que essa seja uma direção compreensível. Uma questão fundamental, a meu ver, é que a nanotecnologia realmente amplia as oportunidades de controle, em níveis moleculares, pelo mundo todo, de uma forma um tanto quanto parecida com aquilo que vemos acontecendo na biotecnologia. Se essas coisas podem fazer interface com computadores e se tornar móveis através de redes globais, essas são as coisas que são produzidas? E estamos falando sobre fazer isso agora com tudo através da nanotecnologia. Esse é o tipo de revolução quantitativa que talvez possa se tornar massivamente qualitativa.

IHU On-Line – Você tem medo desse cenário?

Timothy Lenoir - Penso que não estaremos mais aqui quando isso tudo acontecer.

7 **Ian Hacking:** filósofo da ciência, canadense, graduado na Universidade de Columbia e na Universidade de Cambridge, onde estudou no Trinity College. Doutorou-se em Cambridge e lecionou por vários anos na Universidade de Stanford, e mais tarde na Universidade de Toronto. Em 2001 foi apontado para a cátedra de Filosofia e História dos Conceitos Científicos do Collège de France. De sua vasta produção acadêmica, destacamos *Representing and intervening* (Cambridge: Cambridge University press, 1997) P*or que a linguagem interessa à filosofia?* (São Paulo: UNESP, 1999), *The social construction of what?* (Cambridge: Harvard University Press, 1999), e *Historical ontology* (Cambridge: Harvard University Press, 2002). É mundialmente reconhecido como um dos mais importantes e originais filósofos contemporâneos. Com o título "Linguagem, racionalidade e discurso da ciência", Hacking e Judith Baker, sua esposa e também filósofa, ofereceram um seminário de 19 a 23-03-2007 no curso de Pós-Graduação em Filosofia da Unisinos. O evento repercutiu amplamente no meio filosófico como um dos mais importantes desse ano. Confira a entrevista exclusiva que concederam à **IHU On-Line** 216, de 23-04-2007, intitulada "Há muita informação genética codificada nas raças tradicionais". (Nota da I**HU On-Line**)

LEIA MAIS...

>> Thimothy Leonir já concedeu outra entrevista à IHU On-Line. Confira o material em nossa página eletrônica (www.unisinos.br/ihu)

Entrevistas:

***** *Filosofia, bioinformática e tecnohumanismo.* Edição 117, de 27-09-2004, *Filosofia e ciência. Redesenhando horizontes.*

Destaques On-Line

Essa editoria veicula entrevistas que foram destaques nas *Notícias do Dia* do sítio do IHU. Apresentamos um resumo delas, que podem ser conferidas, na íntegra, na data correspondente.

Entrevistas especiais feitas pela IHU On-Line e disponíveis nas Notícias do Dia do sítio do IHU (www.unisinos.br/ihu) de 10-06-2008 a 14-06-2008.

O impacto das nanotecnologias nos/as trabalhadores/as
Entrevista com Arline Arcuri
Confira nas Notícias do Dia 10-06-2008
Para a doutora, ainda há muito que ser pesquisado em relação aos impactos das nanotecnologias sobre os trabalhadores que as manipulam, mas alguns estudos com nanotubos de carbono mostram que eles podem provocar cânceres no pulmão de forma semelhante ao amianto.

A comunicação como instrumento de luta
Entrevista com Raquel Casiraghi
Confira nas Notícias do Dia 11-06-2008
A assessora de imprensa do MST do Rio Grande do Sul conversou com a **IHU On-Line** sobre o processo e a estratégia de comunicação adotada pelo movimento e refletiu acerca das possibilidades da mídia livre e da produção via internet.

Reforma trabalhista sob o impacto no neoliberalismo. Uma análise
Entrevista com Andréia Galvão
Confira nas Notícias do Dia 13-06-2008
A doutora em Ciências Sociais fala, nesta entrevista, sobre as propostas de reforma trabalhista, a atuação das centrais sindicais e sobre o impacto do neoliberalismo na legislação trabalhista brasileira.

"O Rio Grande do Sul não é uma ilha sem corrupção dentro do Brasil"
Entrevista especial com André Marenco
Confira nas Notícias do Dia 14-06-2008
Para o cientista político, este governo está passando por uma crise política desde antes das denúncias de corrupção no Detran. Além disso, o partido da governadora é o menor dentro da coalizão realizada em sua base, mas o fato de ela ter uma personalidade centralizadora pode contribuir ainda mais para o agravamento desta crise.

Análise da Conjuntura

A Conjuntura da Semana está no ar. Confira no sítio do IHU — www.unisinos.br/ihu, no dia 11-06-2007

A análise é elaborada, pelos colegas do Centro de Pesquisa e Apoio aos Trabalhadores - CEPAT - com sede em Curitiba, PR, em fina sintonia com o IHU

acesse

www.unisinos.br/ihu

UNISINOS

INSTITUTO HUMANITAS UNISINOS

IHU ON-LINE

Revista do Instituto Humanitas Unisinos

C.

IHU em Revista

Agenda da Semana

Confira os eventos dessa semana, realizados pelo IHU.
A programação completa dos eventos pode ser conferida no sítio do IHU (www.unisinos.br/ihu).

Dia 17-06-2008
Cinema e Saúde Coletiva III: mulheres e seus múltiplos desafios Exibição do filme A excêntrica família de Antonia, de Marleen Gorris (1995) Debatedoras: Prof. Dr. José Roque Junges – PPG em Saúde Coletiva Horário: Das 19h15min às 22h Local: Sala 1G119 - IHU
Dia 19-06-2008
IHU Idéias O empresário e a globalização Palestrante: Prof. MS Marcelo Seráfico - Universidade Estadual do Amazonas Horário: das 17h30min às 19h Local: Sala 1G 119 – Instituto Humanitas Unisinos – IHU
Dia 23-06-2008
Colóquio Internacional A Corte no Brasil: População e Sociedade no Brasil e em Portugal no início do século XIX Conferência de abertura - A Sombra da Corte: Representações do Povo no Brasil de Oitocentos Robert Rowland - ISCTE, Lisboa Horário: das 19h45mim às 22h Local: Auditório Central

PARTICIPE DOS EVENTOS DO IHU
CONFIRA A PROGRAMAÇÃO NO
SÍTIO WWW.UNISINOS.BR/IHU

IHU Repórter

Celso Vitelli

Por Graziela Wolfart

Fotos Arquivo Pessoal

Ele está há pouco tempo na Unisinos. E esse é um motivo mais do que importante para conhecermos um pouco da vida deste novo colega da comunidade acadêmica. Celso Vitelli ensina Desenho e Expressão Gráfica no curso de Comunicação Digital da Unisinos. Na conversa que teve com a redação da **IHU On-Line**, ele falou sobre suas experiências e sobre o grande prazer de sua vida: as viagens. Saiba mais sobre a trajetória deste porto-alegrense dedicado à Educação e às Artes Plásticas.

Origens e infância – Nasci em Porto Alegre. Minha mãe é de origem portuguesa, pois meu avô veio de Portugal, e meu pai é de origem italiana. Tenho uma irmã e um irmão mais velhos; sou o filho caçula. Meu pai era vendedor de vinhos. Ele já faleceu, infelizmente, em 2006. Minha mãe ainda é viva. Ela sempre foi costureira e cuidava dos filhos e da casa. Tive uma infância ótima. Brincava muito, ficava até tarde correndo na rua, brincando de "pegar" e outras coisas. Voltava bem tarde para casa, com os pés sujos de correr descalço pela rua.

Formação – Cursei todo o ensino fundamental no Grupo Escolar Gonçalves Dias e o ensino médio no Colégio Estadual Dom João Becker. Com a intenção de me preparar melhor para o vestibular, me formei, no ensino médio, como auxiliar de laboratório de Análises Químicas. Prestei vestibular para Artes Plásticas na UFRGS, pois sempre gostei muito de desenhar. Lá, fiz licenciatura em Artes Plásticas e bacharelado em Desenho. No entanto, decidi me especializar mais no campo da Educação. Ainda dentro da UFRGS, fiz o mestrado e o doutorado em Educação. Este último concluído no dia 4 de abril deste ano.

Profissão: professor/educador - Iniciei minha carreira de professor em 1992. Já dei aulas para crianças pequenas desde a terceira série do ensino fundamental até o 2° ano do ensino médio. Hoje, trabalho somente com os alunos do terceiro grau na universidade. Comecei ensinando na Associação Cristã de Moços (ACM). Depois, trabalhei no Colégio São João, no Colégio Israelita, e também no Instituto Porto Alegre (IPA). Desde 2001, sou professor na Ulbra, no curso de licenciatura em Artes Visuais, e passei a integrar o corpo docente da Unisinos em fevereiro deste ano, no curso de Comunicação Digital. Na minha relação com os alunos, procuro estar sempre próximo de todos. Tenho uma resposta positiva, pois já fui professor homenageado e paraninfo algumas vezes.

Vida profissional - Além de professor, tive outros trabalhos. Fui bancário por sete anos no Banco Mercantil de São Paulo, de 1983 a 1990. Depois, fui estagiário da Casa de Cultura Mario Quintana,